

**O TEXTO E A NUTRIÇÃO :**  
**CORPOS QUE (SE) COMEM**  
**EM CLARICE LISPECTOR.**

Universidade Federal de Santa Catarina.  
Centro de Comunicação e Expressão.  
Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira e Teoria Literária.  
Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira.

**O TEXTO E A NUTRIÇÃO :**  
**CORPOS QUE (SE) COMEM**  
**EM CLARICE LISPECTOR**

MESTRANDA : PATRÍCIA DE SOUZA CAMPOS SILVA.

ORIENTADORA : Prof.a. Dra. ANA LUÍZA ANDRADE.

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO 1997.

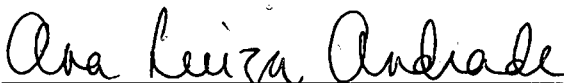
**“O TEXTO E A NUTRIÇÃO: CORPOS QUE (SE) COMEM EM  
CLARICE LISPECTOR.”**

**PATRÍCIA DE SOUZA CAMPOS SILVA**

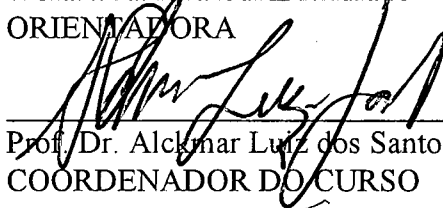
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

**MESTRE EM LETRAS**

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma  
final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa Catarina.

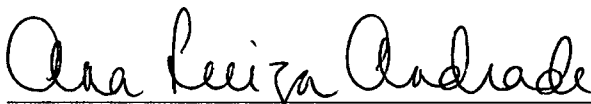


Profa. Dra. Ana Luíza Andrade  
ORIENTADORA



Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos  
COORDENADOR DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Ana Luíza Andrade  
PRESIDENTE



Profa. Dra. Vera Queiroz (UFF)



Prof. Dr. Raúl Antelo (UFSC)

Profa. Dra. Tereza Virgínia de Almeida  
SUPLENTE

Patrícia de Souza Campos Silva

**O TEXTO E A NUTRIÇÃO :**  
**CORPOS QUE (SE) COMEM**  
**EM CLARICE LISPECTOR**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras Literatura Brasileira e Teoria Literária - da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Prof.a. Dra. Ana Luíza Andrade para obtenção do título de “Mestre em Letras”, área de concentração em Literatura Brasileira.

Florianópolis, 1997.

**Muito Obrigada !**

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Curso de Pós-Graduação em Letras  
na figura de seu corpo docente e funcionários...

Aos colegas de curso...

Me nutri através de vocês e com vocês.

**Muito Obrigada, especial...**

À Prof.a. Dra. Ana Luíza Andrade  
orientadora e fonte emanadora de nutrição.

Para

Luiz Fernando e Mariana

que comeram deste mesmo prato.

Para

Meus pais e irmãos

que estavam à mesa durante todo o tempo.

Comemos...

“To eat is to appropriate by destruction;  
it is at the same time to be filled up with a certain being...

When we eat we do not limit ourselves  
to knowing certain qualities of this being through taste;  
by tasting them we appropriate them.

Taste is assimilation...

The synthetic intuition of food is in itself an assimilative  
destruction...”

(Jean Paul Sartre)

## Resumo :

Através de uma releitura que equaciona nutrição a literatura, e portanto interdisciplinar, de textos selecionados da obra de Clarice Lispector, esse trabalho tem por objetivo analisar as transformações dos alimentos em palavras e vice-versa, possibilitando assim a reconstrução de pontes culturais ao entrecruzar aspectos sociais, econômicos e históricos.

A poética nutricionista que resulta da leitura amplia pois, a visão de uma e de outra disciplina como tal instituída : ao preencher as carências da nutrição propriamente dita, a literatura excede, através do texto clariceano, os limites de seu próprio corpo, desde a dobra (Deleuze) alimentar nos processos de transformação da matéria-mercadoria aos desdobramentos, deslocamentos, proliferação de sentidos.

Da intercessão entre três corpos recortados (muscular, erógeno, biológico) do diálogo fundamental estabelecido entre escritora e mundo, a textura-matéria confunde-se à textura-sujeito da escritura. Estes corpos, elos operativos, sensuais e físicos, facilitam tanto o entendimento das passagens modernas e expressivas da cultura como os processos incorporativos da palavra alimento na formação de corpos que (se) comem.



## ABSTRACT :

Through an interdisciplinary reading which equates Literature to Nutrition some selected works by Clarice Lispector, this dissertation analyses the transformation of food into words and vice-versa, thus making it possible the reconstruction of culture gaps in the intercrossing of social, economic and historical aspects.

A nutritionist poetics results from this type of reading thus amplifying the *spectrum* of both disciplines, as instituted : while filling up the *lacunae* in Nutrition as such Literature exceeds the limits of its own corpus through the claricean text. In the unfolding process of eating the material process of commodification involves dislocations and meaning proliferations (Deleuze).

The interaction between three bodies of research (muscular, biological, and erogenous) in the fundamental dialogue which is established, writer/world entangle both the subject and the object within the barroque concept of texture (Deleuze).

These bodies are operative, sensorial and physical; they are links which facilitate both the understanding of modern and expressive cultural abridgements and the incorporative processes of word/food in the formation of bodies which nourish/eat from their own bodies.

## Índice :

O texto, o mundo e o corpo.....	11
O texto e os alimentos .....	39
- frutas .....	51
- cereais.....	64
- legumes .....	70
Carnes : bovinas, peixes, crustáceos, galinhas .....	77
- carnes bovinas.....	77
- peixes .....	80
- crustáceos .....	82
- galinhas .....	83
Bebidas : café, vinho, leite .....	87
- café .....	87
- vinho.....	90
- leite.....	95
Derivados do leite .....	97

Doces .....	98
- açúcar propriamente dito .....	98
- doçaria em geral .....	99
- balas.....	100
- sorvete .....	101
- chuva e chocolate .....	102
Pratos : preparações elaboradas .....	104
- arroz e feijão.....	104
- mingau de aveia .....	105
A mesa e o texto .....	106
O texto, o prato, o copo e os talheres.....	122
Nutrição sem fim.....	128
Bibliografia.....	137

## O Texto, o mundo e o corpo.

É pela notícia de um corpo crivado de balas (“Mineirinho”); é pelo relato da existência de um corpo pequeno e prenhe (“A menor mulher do mundo”); é pela visão de uma mulher seca por fora e úmida por dentro diante do espelho (“A procura de uma dignidade”); é pela transformação puberal de um corpo (“Preciosidade”); ou até pela possibilidade de existirem corpos diferentes (“A Solução”) que Clarice Lispector alinha palavras, busca sentidos, tece textos. “Eu escrevo com o corpo”, ela mesma declara.

Ao estabelecer-se uma relação entre texto, mundo e corpo provoca-se um redimensionamento em todos os elementos, uma vez que a cada perspectiva diferente, se abrem novas possibilidades de significação. Produzido por uma semiologia proliferante, o texto em seu processo de leitura é feito como corporalidade e o corpo como textualidade.

O texto é corpo e ambos impregnados de mundo. O texto é, a exemplo do corpo, um objeto, pois, é notícia, é relato dentro de outro texto. É um conjunto de partes que passam a funcionar numa relação de interdependência. Assume características simbólicas e encerra a capacidade de transformação no mesmo processo de leitura. É multifacetado justamente por poder ser olhado de muitas maneiras diferentes.

O corpo é texto, permeado pelo mundo. É tanto objeto de texto quanto a falta de objeto de texto enquanto é desejo e sensação. É um conjunto de partes interligadas numa relação de dependência. É entrecruzado por símbolos e torna-se, por vezes, símbolo nas diversas relações culturais. Objeto em incessante processo de transformação, e por isso mesmo, capaz de mostrar diversas faces.

Ler o texto como corporalidade e o corpo como textualidade em sua dialética significa acrescentar novos sentidos a ambos através do mundo que os permeia e é

permeado por eles. Assim, partirei da idéia de que texto e corpo se equívalem na obra de Clarice Lispector, a exemplo do que mencionei anteriormente : seus textos são corpos e contêm corpos. Corpos que, por sua vez, são historicamente resultantes de processos alimentares, sejam estes biológicos, sociais, culturais ou intelectuais. Desta maneira, acrescentam-se novos sentidos ao texto e ao corpo, num “mundo” de possibilidades de interpretação e no estabelecimento de um ponto de toque entre duas disciplinas separadas na história e no discurso : literatura e nutrição.

Seguindo uma perspectiva historicizante se poderia resumir as dimensões corporais nos textos de Clarice Lispector em três (1) que convencionei chamar didaticamente de : “corpo biológico”, que preserva os traços de herança, um aspecto do patrimônio “carnal”, a exemplo do que encontramos nos textos naturalistas; “corpo muscular”, que trabalha, no sentido de transformar objetos e, portanto, o mundo que o cerca como o que os textos regionalistas enfatizam; “corpo erógeno”, onde as significações são produzidas sob o domínio da pulsão, escapando à racionalidade e voltado para o ecologismo, e que é corpo principalmente encontrado nos textos da pós-modernidade. Quando a escritora “deixa corpos pelo caminho” de seus textos e corpos que se retomam em sua proto-história, em retrocessos significativos, ela busca dialeticamente um jogo moderno. Mais ainda, se de acordo com o conceito de alegoria de Walter Benjamin, essa dialética de esgate das origens é moderna, de acordo com Jameson (1996), ver o velho através do novo, ou seja, ultrapassar a ruptura com a tradição modernista para

---

(1) Ainda que hajam outras, atendo-me aqui principalmente a estas em minha leitura.

voltar à proto-história dessa tradição seria considerado pós-moderno (2).

Mas, antes de qualquer coisa, este é um corpo que come. Em nutrição, trata-se de um assunto especialmente sob o aspecto físico a que esta remete. Fome que significa apetite (3). Nesta mesma perspectiva fisiológica, sem esquecer do aspecto religioso, Brillat-Savarin (1995) define a fome :

*“O movimento e a vida ocasionam, no corpo vivo, uma contínua perda de substâncias; e o corpo humano, essa máquina tão complicada, deixaria de funcionar se a Providência não o tivesse equipado de um meio que o avisa quando suas forças não estão mais em equilíbrio com suas necessidades. Esse monitor é o apetite. Entende-se por essa palavra a primeira indicação da necessidade de comer. O apetite se anuncia por um certo langor no estômago e uma leve sensação de fadiga. (...) Mais alguns momentos, têm início movimentos espasmóticos, bocejos, dores no estômago, e se terá fome.” (Op.Cit., p.63).*

Por outro lado, em nutrição propriamente dita, Abramovay (1983) nos apresenta uma fome que é sinônimo de subalimentação, ou seja, o indivíduo está sujeito a uma impossibilidade de satisfazer o instinto da fome, seu apetite biológico. Sendo as causas principais da ocorrência de tal fenômeno econômicas e políticas, o acesso ao alimento estaria sob interferência de fatores alheios à vontade do indivíduo, seja em termos quantitativos, e/ou qualitativos. Ocorre, então, o reconhecimento da influência do “mundo” sobre a fome do ser humano. Nesta perspectiva o referido autor também relata que o indivíduo pode comer menos do que necessitaria e ainda continuar trabalhando, uma vez que pode sempre emagrecer, pois “...tem a capacidade de gastar mais energia do que consome...” (Op.Cit., p.13).

---

(2) JAMENSON, Fredric. Pós-Modernismo : A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo, Ática, 1996.

(3) Fenômeno instintivo comandado pelo centro cerebral da fome/saciedade, que é despertado pela baixa do nível de nutrientes circulantes no sangue e, por sua vez, disponíveis a suprir as necessidades celulares.

Em contrapartida, ainda sob o ponto de vista “nutrição” *strictu sensu* pelo processo de obesidade o ser humano armazena energia, ou melhor, pode ingerir alimentos além de seu “instinto”, de sua necessidade nutricional determinada biologicamente. Diante destes excessos e carências, vê-se que o corpo ao qual me refiro neste trabalho, não é apenas um conjunto de estruturas determinadas pela natureza (“corpo biológico”), ou até mesmo por suas características genéticas herdadas, mas também pelo trabalho que realiza (“corpo muscular”), e pela relação que estabelece com o mundo, pela sua capacidade de desejar, e pelos padrões culturais a que está sujeito (“corpo erógeno”). Assim, tratarei aqui, como já mencionei anteriormente, de um “corpo multidimensional” (Lévi-Strauss, 1991), passível de ser desmembrado e, ao mesmo tempo, capaz de demonstrar unidade.

Numa leitura psicanalítica da fome, a partir de uma das traduções de Freud (1915), ela foi enquadrada no campo do instinto, ou seja, como um “esquema de comportamento herdado” (Laplanche, 1992). Por outro lado, para outros tradutores de Freud, idéia da qual compartilho, a fome é parte integrante da teoria das pulsões (4), pulsão de auto-conservação (5). Assim, o conceito de fome pressupõe um desejo gerado a partir de uma necessidade, e este “desejo evoca um movimento de concupiscência, ou de cobiça... (Op.Cit., p. 113). Ou seja, é “vivência de satisfação” (Op.Cit., p. 114). Para Lacan “... o desejo nasce da defasagem entre a necessidade e a demanda..., [sendo que], a necessidade visa um objeto específico e satisfaz-se com ele, [e] a demanda é formada e dirige-se a outrem.” (Op.Cit., p. 114).

---

(4) “Damos o nome de pulsões às forças que supomos existirem por trás das tensões geradoras de necessidades do id.” (Freud, trad. Pedro Tarnen, In : Laplanche, 1992, p. 396).

(5) Pulsões de auto-conservação : “... conjunto das necessidades ligadas às funções corporais essenciais à auto-conservação da vida do indivíduo; a fome constitui o seu protótipo.” (Op.Cit. p. 404).

A idéia de Lacan sobre o desejo como uma entrelinha entre o eu e o outro, aliada à idéia de fome como pulsão, ou seja, desejo que se define não só no ser mas que se determina pela cultura na qual se insere, coincide com a entrelinha de Clarice Lispector (6), onde a palavra vai além do significado do signo.

Ora, a fome traduzida como pulsão está no campo da instituição, onde o indivíduo sacia-se através de textos enquanto alimento simbólico (7), como construção cultural. Uma fome permeada de valores culturais ou pelo desejo que vai além da necessidade nutricional do organismo humano. Esta é a fome de um “corpo multidimensional”.

A partir deste desejo por alimentos de um corpo que se nutre de mundo, posso atribuir-lhe uma face que se nutre de alimentos físicos e outros simbólicos, uma face que é corpo e outra que é texto, interrelacionados nos textos de Clarice Lispector. Assim, no corpo inscrevem-se as tradições culturais fazendo com que este assuma sua característica de texto, ao mesmo tempo em que os textos se constituem como corpos que se alimentam tanto de outros textos quanto de si próprios.

O corpo, visto como uma construção cultural nos textos da escritora, relaciona-se, no acumular do conhecimento, aos diversos campos do saber, podendo inclusive ser lido no dizer de Boltanski (1984) como objeto de um “colóquio interdisciplinar” (8), ou seja, um corpo ao mesmo tempo texto e nutrição que (se) come em Clarice Lispector.

---

(6) “Escrever é o modo de quem tem a palavra como isca : a palavra pescando o que não é palavra. Uma vez que se pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia : a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a.” (Lispector, Clarice, 1978).

(7) BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa, DIFEL, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

(8) “Se tivéssemos que definir o modelo ao qual estariam hoje filiadas a sociologia e a etnologia do corpo, talvez não encontrássemos um paradigma melhor do que o do ‘colóquio interdisciplinar’, ponto de encontro fictício e abstrato onde se reúnem por algum tempo, em torno de um mesmo domínio do real ou de um problema social percebido e designado como tal pela consciência comum, especialistas provenientes das mais diversas disciplinas.” (Boltanski, 1984, p. 113).



Mas que corpo é este que tem que, por vezes, se contentar com uma “felicidade clandestina”? Um corpo que leva a marca do desejo pela vida, na inveja de outra vida, tal como aparece no texto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector (1991b). O texto expõe de um lado um corpo gordo ávido por alimentar-se de coisas doces, uma menina gorda que vive com os bolsos cheios de bala. De outro, um corpo que quer alimentar-se de livros, de viver histórias fantasiosas, “...criança devoradora de histórias...” (Op.Cit., p.15). Mas a este corpo magro faltava-lhe o objeto do desejo que a gorda possuía e não valorizava : As Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. Para a menina magra, carente de histórias, este “...era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o.” (Op.Cit., p.16). A outra, venenosamente, aproveitava-se do fato de ter o livro como instrumento de dominação : “...enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso...” (Op.Cit., p.17).

Por isso em seu corpo gordo continuava à espera apetitosa de um banquete, mas enquanto isso a magra ia “...comer pão com manteiga...” (Op.Cit., p.18) para sentir o prazer do desejo, para alimentar sua “demanda” como define Lacan, para satisfazer sua “necessidade” e comer coisas simples enquanto espera. Este corpo deseja alimentar-se das palavras de um livro, de uma história inventada, de uma hiper-realidade e assim viver a possibilidade de ser feliz através da promessa do livro, mesmo que uma felicidade clandestina. Seria então o que acontece com o escritor detentor de uma história não escrita, apenas pensada, possuidor de uma felicidade clandestina em seu viver alienado de si, alimentado da promessa de que outro poderia proporcionar? Este alimento à margem, como nos “Temas que morrem” (Lispector, 1994) sustenta o corpo enquanto espera de um desejo que se protela com o texto :

*"Agora eu conheço esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo exatamente o desamparo de estar viva. De estar viva - senti - terei que fazer o meu motivo e tema. Com delicada curiosidade, atenta à fome e à própria atenção, passei então a comer delicadamente viva os pedaços de pão." (Lispector, 1994, p.311)*

"Felicidade Clandestina" (Lispector, 1991b) se tece. Estar viva significa ter comido, ter se alimentado, o que é feito num processo consciente pelo desejo de produzir texto, a partir do pre-texto clandestino.

Se na tradição cristã "no princípio era o verbo", para a tradição judaica "no princípio era a boca..." (Bonder, 1989). Para os judeus importa tanto o que sai da boca (a palavra), quanto o que entra por ela (alimento), e é principalmente através desta relação que o ser humano estabelece suas trocas com o "mundo".

Foucault (1989) em seu "Theatrum Philosophicum" aborda a ênfase dada por Deleuze à boca em seu Lógica del sentido (1989) :

*"It is through this mouth, as zero recognized, that cartloads of food pass as well as carts of meaning (...) The mouth, the orifice, the canal where the child intones the simulacra, the dismembered parts, and bodies without organs; the mouth in which depths and surfaces are articulated. Also the mouth from which falls the voice of the other giving rise to lofty idols that flutter above the child and form the superego. The mouth where cries are broken into phonemes, morphemes, semantemes : the mouth where the profundity of an oral body separates itself from incorporeal meaning. Through this open mouth, through this alimentary voice, the development of language, the formation of meaning, and the flash of thought extend their divergents series." (Op.Cit., pp.179-180).*

Esta boca é porta de entrada à incorporação e saída para um mundo de linguagem produzida neste processo de recebimento. Por isso, ao analisar a obra de Lewis Carroll em Logica del Sentido (1989), que, segundo Deleuze, é perpassada por comer e falar, o mesmo conclui :

*“...comer, ser comido, es el modelo de la operación de los cuerpos, el tipo de su mezcla en profundidad, su acción y pasión, su modo de coexistencia del uno en el otro. Pero hablar es el movimiento de la superficie de los atributos ideales, o de los acontecimientos incorporales. Nos preguntamos que es más grave, hablar de comida o comerse las palabras.”*  
(Op.Cit., p.46).

O começo de um texto para um escritor é encontrar, a ponta do fio que desenrola a atividade da escritura, desafio do qual o escritor acaba por excluir pontos que poderiam conduzir seu trabalho para os mais inusitados caminhos da literatura. Poderíamos dizer, então, que existe uma infinita quantidade de portas que significam paradoxais possibilidades de saída, ou melhor diríamos, entradas para o processo de produção textual, que por sua vez não é único e tão pouco absoluto. Da mesma forma, a boca pode significar porta de entrada de alimentos e saída de palavras possibilitando ao corpo nutrição do biológico ao mesmo tempo que promove a produção de linguagem e conseqüente nutrição do erógeno.

Escrever sobre o que se escreve foi, por vezes, um desafio para a escritora Clarice Lispector. Em “Temas que Morrem” (Lispector, 1994) Clarice nos revela sua preocupação com estas inúmeras possibilidades, que escapam ao escritor ante a necessidade de escolher. Um acumular de “temas perdidos” são resgatados neste texto, sob a rubrica de “temas que morrem”. O texto é tecido por núcleos proliferadores de sentido que convergem para a auto-reflexão do processo de produção do mesmo. Dentre

os "temas que morreram", Clarice cita "comer" como um núcleo capaz de possibilitar a abertura de uma porta para a escritura.

*"(...) Eu também poderia escrever um verdadeiro tratado sobre comer, eu que gosto de comer e no entanto não como tanto. Terminaria sendo um tratado sobre a sensualidade, não especificamente a de sexo, mas a sensualidade de 'entrar em contato' íntimo com o que existe, pois comer é uma das modalidades - e é uma modalidade que **engage** de algum modo o ser inteiro. (...)" (Op.Cit., p.208)*

Por sua vez, temos com a expressão "...não como tanto..." um certo teor de conformismo aos padrões burgueses, mas o desejo transgressor permanece. Ao mesmo tempo "...entrar em contato..." expõe a idéia transgressora de experimentar o "outro", de metamorfosear-se, enquanto sensação desencadeadora do processo produtivo. Estas posições conflitantes, próprias da pós-modernidade são expostas no texto sem qualquer intenção conciliadora, ou de solução, transferindo ao leitor o leme da leitura do texto.

A sensualidade mencionada no texto ligada ao processo de incorporação que significa comer, vem de encontro à idéia da existência de um corpo multifacetado na obra de Clarice Lispector. Dentre estas faces de um mesmo corpo histórico, o corpo erógeno é a expressão periférica de uma sensualidade que vem do interior, do íntimo. O que restaria, então, seria um tratado sobre sensualidade enquanto resíduo insignificante, mas o que fica é a sensualidade do ato de escrever, é o escrever com o corpo e com o corpo erógeno, este que por ser periférico pode ser lido na entrelinha, este que desencadeia toda a sorte de significados que multiplica séries e por isso inova a linguagem.

Este desencadeamento a partir de "comer" tecido por Clarice Lispector em "Temas que Morrem" nos dá a idéia de "obra inacabada" (Perrone-Moisés, 1978, p.72), que liga-se à idéia de infinitas possibilidades de leitura da mesma, reforçando o caráter dialógico no texto, uma vez que esta seria a primordial condição para a ocorrência da intertextualidade, ou melhor, a infinita possibilidade de leitura e de recorte dos textos.

E foi a partir deste ponto que encontramos a saída para relacionar literatura e nutrição através da obra de Clarice, um ponto de vista interdisciplinar, perspectiva que se abre pós-modernamente. Isto porque entendemos que nutrição, neste caso, não a ciência (9), mas o processo orgânico de incorporação dos alimentos, na obra da escritora, torna-se uma porta que leva à escritura, ou seja, à literatura, enquanto forma de produção cultural que utiliza-se do texto como canal de expressão de seus processos. Desta forma, torna-se possível a leitura de Clarice, onde "comer" e "escrever" se equívalem : a palavra como alimento e o alimento como palavra.

No movimento em que a palavra busca ser o alimento ela acaba transformando o próprio alimento em palavra, ou seja, o alimento é a parte originária da qual a palavra se nutre. Este movimento de resgate da forma mais antiga, ou seja retomar o estado "natural" do alimento, é um indício de uma busca trilhada pelos textos na pós-modernidade. É a nutrição como ingestão do alimento primário, como origem da constituição dos corpos. Então comer, que aparentemente está separado de literatura, através da obra de Clarice Lispector, transcende a própria literatura apontando para as

---

(9) A Nutrição, enquanto ciência, estuda os processos orgânicos que envolvem a alimentação. Não se trata aqui do aspecto acadêmico da Nutrição, mas de aspectos sensoriais e incorporativos inerentes a ela, tais como : fome, saciedade, paladar, incorporação do alimento, entre outros.

sensações físicas. Enquanto paladar, prazer de sentir o alimento, o ato de comer poderá causar estranhamento aos comportamentos sociais institucionalizados. Comer é, pois, incorporar o alimento literário, seja pela inclusão do alimento como metáfora de criação, seja pela transmissão de sensações em palavras.

Não podemos deixar de mencionar que em Clarice Lispector há sempre esse movimento de volta à nutrição mais fundamental, à amamentação, ao desejo do leite e ao desejo de escritura. Assim, “o ato de comer tem, em muitas ocasiões, um sentido maior do que o simples ato de comer. (...) Comemos para provar algo, para expressar algo, para evitar algo, para controlar algo, para reprimir algo.” (Bonder, 1989, p.13). A partir do ato de “comer”, tendo Clarice Lispector suas raízes intrinsecamente ligadas a uma tradição judaico-cristã, o aspecto de prazer se acha ligado ao ato primário da nutrição, desde o alimento materno, fonte nutriente que se transmite de toda a mãe para todo o filho.

Aqui podemos incluir a idéia do texto como matriz que alimenta várias leituras de si, e que, a partir da criação pela leitura, concebe outros textos filiativos.

Lembrando a noção de prazer oral preconizada por Freud (10) em suas idéias sobre o desenvolvimento humano, o ato de ingerir tem o duplo caráter de receber e dar, e de diálogo entre palavra e alimento, como atesta a transmissão desse prazer de mãe para filho o texto “Come, meu filho” (Lispector, 1991b). O diálogo que o texto exprime já está demonstrado no título, entre uma mãe dedicada que alimenta seu filho com um cardápio variado e nutritivo, onde a qualidade e a quantidade são preocupações

---

(10) Fase oral : “ Primeira fase da evolução libidinal. O prazer sexual está predominantemente ligado à excitação da cavidade bucal e dos lábios que acompanha a alimentação. A atividade de nutrição fornece as significações eletivas pelas quais se exprime e se organiza a relação objeto; por exemplo, a relação amor com a mãe será marcado pelas significações seguintes, comer, ser comido” (Laplanche, 1992, p. 184).

presentes; e um filho mais questionador que rebelde, que não engole qualquer coisa. Não seria este o diálogo estabelecido entre leitor e escritor através do alimento-texto ?

Na frase “Come, meu filho.” podemos ter diversos tons de leitura a partir da matriz. Se a expressão for uma ordem, estaremos diante de uma mãe que deseja que seu filho engula as coisas como estão escritas literalmente, sem qualquer tipo de interpretação além do sentido semântico convencional das palavras integrantes do diálogo. Se a fala da mãe for carregada de um sentimento doce teremos uma revelação de sua incapacidade de explicação sobre o próprio texto produzido. Esta então seria a frase de abertura e de encerramento do diálogo, já que serve de título ao texto e seria o apelo de uma mãe que já não tem mais palavras para explicar porque as palavras adquirem determinados sentidos fossilizados que fazem com que sejam exploradas e com isso libertadas. É a possibilidade de escrever como quem dá de comer de uma mãe/escritora que quer saciar e ao mesmo tempo intensificar o desejo/fome de conhecer o mundo e de concretizá-lo nas palavras. A partir do diálogo doméstico, cotidiano e frugal, da mãe que oferece o alimento ao filho, os sentidos das perguntas e respostas vão se ampliando, transformando justamente o ato de dar e receber para sentidos inusitados. O que é gosto de carne ? Todos ou quase todos comemos carne e não nos questionamos sobre esse gosto. A palavra “carne” se esvazia de sentido, sem o seu paladar. Mas a palavra carne surge com o seu gosto, quando se come carne pela primeira vez. É como se a palavra, desgastada pelo uso, assim como a carne, consumida sem mais, tivessem, em seu contato mais íntimo, que despertar novas sensações. Assim, o mundo se transforma através de um simples prato : a nutrição já não serve à fome que sacia o corpo, mas ao desejo de conhecimento do mundo. A linguagem não se repete : ela é

crítica e criativa; ela é resultante de um diálogo que prova, que testa o sabor, ou os diferentes sabores do mundo. Receber o alimento já significa transformá-lo em linguagem. Dar o alimento é tecer o texto que possibilita o diálogo.

Na relação mãe-filho, a mãe alimenta o filho com comida e com carinho desde o ventre.

*“A primeira coisa de que sentimos o paladar é o leite do seio de nossa mãe, acompanhado de amor, afeição, carinho, sensação de segurança, calor e bem estar, enfim, nossa primeira sensação de prazer. Mais tarde, seremos alimentados com comida sólida dada por suas mãos ou até mesmo mastigada e colocada em nossa boca, parcialmente digerida. Essas associações poderosas não desaparecem facilmente, e algumas pessoas nunca as esquecem.” (Ackerman, 1996, p. 163).*

Este prazer oral é possibilitado, no âmbito do corpo biológico predominantemente, pelo sentido do paladar (11). A busca da compreensão, através da fisiologia, sobre o prazer que experimentamos ao ingerir um alimento, tem rendido tanto à medicina quanto à nutrição, vasto campo de estudo e muitos tratados à respeito. Porém, é no estudo da gastronomia que Brillat-Savarin em seu Fisiologia do gosto (1995) combina fisiologia e antropologia, chegando até a imaginar um perfil de um corpo incapaz de sentir paladar :

*“Aqueles...que a natureza privou do legado do paladar possuem faces longas, assim como narizes e olhos longos; qualquer que seja sua altura, existe algo alongado em suas feições e proporções. Seus cabelos são escuros e sem brilho, e nunca são gordos : foram eles que inventaram as calças.”*

---

(11) Melanie Klein ao tratar da nutrição primária que significa o seio materno o define como seio bom e seio ruim. Ao tratar do seio bom relacionando-o a capacidade criativa do bebê a autora enfatiza que: “... o seio não constitui apenas uma fonte de satisfações orais e ‘sociais’ mas tem o valor de uma fonte de vida : (ele) é o representante da pulsão de vida, sendo igualmente sentido como primeira manifestação da criatividade.” ( PETOT, Jean-Michel. In : Melanie Klein II. Psicanálise. São Paulo, Perspectiva, 1982, p.151)



Inventar um tipo “longo” pela falta do paladar pode ser tão absurdo quanto atribuir-lhe a invenção das calças, tão estranha parece ser a incapacidade do paladar. Diane Ackerman (1996) define o paladar como um sentido que se localiza na língua e descreve o que ela mesma chama de “o desabrochar de uma papila gustativa”, como a sensação biológica da ingestão dos alimentos.

*“Com a ponta da língua sentimos os gostos doces; os amargos, com a parte de trás; os azedos, com as laterais; e os salgados com toda a superfície, mas principalmente com a parte frontal. A língua é como um reino dividido em principados, de acordo com o talento sensorial.” (Op.Cit.,p. 174).*

E continua, ainda, definindo a capacidade do ser humano de sentir este prazer oral na mesma perspectiva fisiológica :

*“Assim como só podemos cheirar algo quando começa a evaporar-se, só lhe sentimos o gosto quando começa a dissolver-se, o que não promovemos sem a saliva. Todos os gostos que imaginamos - desde o das mangas até o de ovos de 100 anos de idade - derivam da combinação dos quatro gostos principais, mais um ou dois outros.” (Op.Cit., p.176).*

No entanto, apesar de seu enfoque estar baseado na fisiologia, a referida autora não nega a significativa influência da cultura sobre a sensação do paladar. Ao definir o ser humano como “sensível”, reconhece que é “possuidor” de percepção sensível” (Op.Cit., p. 18), e “consciente”, ou seja, que seu discernimento do gosto passa pelo crivo dos padrões culturais a que está submetido, mesmo que o considere uma descoberta singular.

*“E o gosto que sentimos das coisas, assim como a composição exata de nossa saliva, pode ser tão individual quanto nossas impressões digitais.” (Op.Cit., p.162).*

*“Não existem duas pessoas que sintam o mesmo gosto.” (Op.Cit., p.177).*

Diante desta idéia de que a sensação do paladar se dá com tal particularidade, o que é reforçado também por Brillat-Savarin (1995) quando trata da infinita possibilidade da existência de sabores, dada suas múltiplas formas de agregação, tenho que ressaltar a dificuldade de definição das sensações proporcionadas através das inúmeras possibilidades de combinações de alimentos dependentes da percepção dos indivíduos que as experimentam.

Assim como Brillat-Savarin (1995) constata, há necessidade de uma nova linguagem para exprimir todos esses efeitos :

*“O número dos sabores é infinito, pois todo corpo solúvel tem um sabor especial que não se parece inteiramente com nenhum outro. Além disso os sabores se modificam por sua agregação simples, dupla, múltipla; de modo que é impossível classificá-los, do mais atraente ao mais insuportável, do morango à coloquintida. Todas as tentativas fracassaram em maior ou menor grau.” ( Brillat-Savarin, 1995, p. 45).*

Aqui está, então, o ponto de toque entre corpo e texto. A sensação despertada é parte de uma via de mão dupla com a produção de linguagem. Temos esta relação na descrição da mesa e dos alimentos de “A Repartição dos Pães”.

Tanto através da boca, quanto pela leitura como diz Juvenal : “...Gustus elementa per omnia quaerunt” (N.T.). Da mesma forma que os sabores, o próprio paladar, enquanto possibilidade de definição de um objeto (alimento/texto), assume um duplo sentido.

*“Ao longo da história e em muitas culturas, o paladar ou gosto, sempre teve duplo sentido : A palavra vem do inglês médio, **tasten**, que significa examinar pelo toque, teste ou prova, e tem suas origens latinas em **taxare**, tocar com força. Portanto, paladar é sempre julgamento ou teste.” (Ackerman, 1996, p.163).*

---

N.T. “Em todos os elementos eles buscam sabores.” (Juvenal, In : Sátiras, XI, 14).

No entanto, assim como na linguagem, os sabores acabam sendo construídos por uma combinação de signos (substantivos/adjetivos), ou pela multiplicidade deles, ou por sua possibilidade de proliferarem outros sentidos diferentes dos que estão atrelados.

Em relação à geleia como doce são em sua maioria produzidas a partir de frutas, com exceção da geleia de mocotó, entre outras. Uma outra face já revelada é o aspecto viscoso, também presentes no interior do ovo e da ostra.

Além disso, em “Por Enquanto” (Lispector, 1991a) a narradora-escritora quer manter-se viva e este comer para manter a vitalidade corporal expande-se para : o alimento propriamente dito composto de nutrientes que estabelecem reações físico-químicas no corpo biológico; a música e a literatura que nutrem o corpo intelectual no plano das idéias e do prazer estético. Esta perspectiva de alimentar-se pela arte pode ser lida em Água Viva (Lispector, 1980), quando há uma busca por produzir um texto onde as palavras produzam “gosto”, provoquem sensações diferentes :

*“Já comi geleia de rosas pequenas e escarlates : seu gosto nos benze ao mesmo tempo que nos acomete. Como reproduzir em palavras o gosto ? O gosto é uno e as palavras são muitas.” (Op.Cit., p.51)*

Convencionalmente, os sabores físicos são construção a partir dos diversos sentidos, em especial do paladar e do olfato (12).

*“O olfato contribui muito para o paladar. Sem o cheiro, o vinho ainda nos deixaria tontos e tranqüilos, mas grande parte de seu encanto desapareceria. Frequentemente cheiramos alguma coisa antes de prová-la, o que é suficiente para salivarmos. O olfato e o paladar dividem um túnel de ventilação comum, como se fossem moradores de um mesmo local...” (Ackerman, 1996, p. 177-178).*

---

(12) “De minha parte, estou não apenas convencido de que, sem a participação do olfato, não há degustação completa, como também sou tentado a supor que o olfato e o gosto formam um único sentido, do qual a boca é o laboratório e o nariz a chaminé, ou, para falar mais exatamente, do qual um serve para a degustação dos corpos táteis e o outro para a degustação dos gases.” (Brillat-Savarin, 1995, p.46).

Assim, os signos lingüísticos diante de determinadas combinações e dada a capacidade perceptiva do leitor acabam por formar textos que são verdadeiros espectros de luz, infinitamente projetados no espaço, isto porque “os seres humanos são grandes modificadores e revisores da natureza. A diversidade nos delicia.” (Op.Cit., p.168).

*“Os onívoros, entretanto, são comedores compulsivos; precisam estar sempre experimentando novos alimentos, para descobrir se são gostosos e nutritivos...” (Op.Cit., p. 169).*

Apesar de reconhecer que “os sentidos são os órgãos por meio dos quais o homem se põe em relação com os objetos exteriores” (Brillat-Savarin, 1995, p. 33), para os judeus ingerir um alimento, muito mais que um momento de prazer pelo paladar, é um ato de recebimento que é um início do processo de contato com o mundo, processo seletivo tanto em relação aos alimentos quanto em relação ao seu preparo. Isto porque os seres humanos têm que ter consciência sobre seu processo de alimentação, estar atentos a esta relação que estabelecem com o mundo, com o outro. Este ato de comer é antes, um ato de receber, que se dá também no plano da linguagem, quando o contato com o exterior acaba por transformá-lo :

*“Toda a matéria do universo contém [“centelhas divinas”], cuja representação nos mundos celestes, explica a Cabala, pode ser revelada através das letras que formam a denominação da matéria em nosso mundo. Como se as letras fossem uma espécie de estrutura molecular reveladora de segredos de outras realidades além daquelas aparentes na matéria. De qualquer maneira, o conceito que nos é relevante é o de que a partir da configuração material do alimento se pode chegar à fonte das emanções, de onde realmente se origina sua energia como alimento.” (Bonder, 1989, p. 34-35).*

Seja como energia molecular secreta ou alimento primário materno, do ponto de vista especificamente judaico, o alimento é fonte originária da palavra tanto quanto no cristianismo é ela que é origem de tudo : “No princípio era o verbo...”

Bakhtin (1996) ao dissertar sobre “O Banquete em Rabelais” também ressalta a possibilidade de troca com o mundo pela incorporação dos alimentos :

*“O comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais desse corpo são que ele é aberto, inacabado, em interação com o mundo. É no comer que essas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e mais concreta : o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas. O encontro do homem com o mundo que se opera na grande boca aberta que mói, corta e mastiga é um dos assuntos mais antigos e mais marcantes do pensamento humano. O homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele uma parte de si.”*

*“A consciência do homem que despertava, não podia deixar de concentrar-se sobre esse aspecto, não podia deixar de extrair dele uma série de imagens essenciais, determinando as suas relações com o mundo. Esse encontro com o mundo na absorção do alimento era alegre e triunfante. O homem triunfava do mundo, engolia-o em vez de ser engolido por ele; a fronteira entre o homem e o mundo apagava-se num sentido que lhe era favorável.” (Op.Cit., p. 245).*

*“...na absorção de alimentos, as fronteiras entre o corpo e o mundo são ultrapassadas num sentido favorável ao corpo, que triunfa sobre o mundo, sobre o inimigo, que celebra a vitória (...) O corpo vitorioso absorve o corpo vencido e se renova.” (Op.Cit., p. 247).*

Clarice Lispector associa a alimentação não só ao prazer como também à possibilidade de através da ingestão, incorporar ou unir-se ao que se ingere. Isto, num momento cultural especial (porque consciente de uma cultura própria) de nossa literatura, nos remete à antropofagia modernista oswaldiana, que pratica “a absorção e reelaboração permanente de outros textos, arrancando deles novos sentidos...” (Perrone-Moisés, 1978, p.63). Desta forma, o conceito de antropofagia se une ao de intertextualidade, no ato de apropriação de outros textos, pelo escritor.

No entanto, Clarice Lispector vai além da transformação vanguardista de ruptura com o "outro" e de comê-lo, para ser "outro", proposta pelos modernistas.

*"Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu." (Lispector, 1978, p.20).*

O canibalismo em Clarice Lispector aponta para uma concepção pós-moderna de releitura do mesmo em sua origem animal. Aqui há um movimento de retorno às origens primitivas do homem, a partir de uma ótica capitalista, política e social que se questionam, revelando um inconformismo ao corpo cultural ideologicamente hegemônico.

O ser canibal apropria-se do "outro" pela devoração de alimentos não institucionalizados, ou então, através de ingestão mostra a estranheza daqueles que são institucionalizados.

Nutrição e linguagem ligam-se no processo escritural clariceano como um intertexto comer/escrever que merece ser examinado por alguns textos exemplares.

Em "A Repartição dos Pães" (Lispector, 1992) onde uma narradora relata um almoço de sábado, uma refeição de obrigação típica da tradição judaica, o *Shabat* (13) vem reconhecer esta possibilidade de relação com o mundo pela ingestão de alimentos, o que se dá inicialmente pelo gosto e pelo olfato. Com um tom a princípio de crítica a este ritual, a narradora acaba por render-se não à religiosidade nele contida, mas aos princípios que lhe dão origem.

---

(13) "Também sua [do povo Judeu] ritualística reflete esta evidência : seus rituais religiosos freqüentemente se mesclam com comidas especiais para cada ocasião. O Shabat - sábado, dia sagrado da semana - tem seu ritmo determinado por três refeições e suas principais bênçãos referem-se ao ato de comer." (Bonder, 1989, p. 10).

Trata-se, na verdade, de uma busca dessa origem, de um processo de volta ao contato com a natureza, presente nos mínimos detalhes com os quais são descritos os alimentos sobre a mesa. Na realidade, este texto se reparte em textos-alimentos aos seus convivas-leitores para os quais há um milagre semelhante ao da multiplicação dos pães.

A alternância entre o narrador em terceira pessoa e um “eu” que quer falar, afasta, a princípio, este “ser” que quer participar desta repartição de pães, ao mesmo tempo que deseja olhá-la do exterior, ficar à margem. Poderíamos falar então de um “ser” que quer tão somente alimentar o corpo excluindo-se da refeição religiosa. Isto porque espera-se de uma repartição dos pães uma refeição solene, formal e ao mesmo tempo representativa de uma unidade. Inicialmente, o que temos no texto é um almoço, de sábado, de obrigação sim, mas um compromisso formal, com a marca habitual da religiosidade (Op.Cit., p.29). Dentre os sentimentos esperados dos participantes deste evento, restou apenas a marca do desejo. Desejo de quem já experimentou o sabor do pão um dia, um pão que provocava boas sensações e que por enquanto não passa de um gosto amargo do desejo não realizado.

*“...e ficara com a marca do desejo...” (Op.Cit., p.29).*

*“À espera do almoço, bebíamos sem prazer, à saúde do ressentimento : amanhã já seria domingo.” (Op.Cit., p.29).*

Com a mente preparada para um almoço sem fome, a narradora afirma :

*“Passamos afinal à sala para um almoço que não tinha a benção da fome. E foi quando surpreendidos deparamos com a mesa. Não podia ser para nós...” (Op.Cit., p.30).*

A personagem depara-se com uma mesa capaz de provocar uma pulsão em seu corpo, de modo a despertar um apetite até então reprimido pela frustração do desejo. Isto acaba por acordar sua capacidade de expressão descrevendo a mesa de forma particular, utilizando adjetivos diferentes dos habituais. Assim, o alimento se reparte como texto, torna-se objeto desencadeador de texto, proliferador de sentidos, instigador de sabores, nutrição de um corpo biológico, muscular e, especialmente, erógeno.

Se transformada em uma refeição comum, a comida torna-se apenas alimentos a serem ingeridos.

*“Em nome de nada, era hora de comer.” (Op.Cit., p.31).*

*“Não havia holocausto : aquilo tudo queria tanto ser comido quanto nós queríamos comê-lo.” (Op.Cit., p.31)*

*“...Comi aquela comida e não o seu nome...” (Op.Cit., p.31).*

Aqui vejo o fim da religiosidade e o início do despertar. Isso porque não se precisa comer em nome de Deus ou de alguém quando a comida em si já basta.

Portanto é o fim do ritual e começo da transformação, mudança nas expectativas. Se na religião judaica o *Shabat* é uma obrigação dos sábados, e se tem que comer em nome de Deus (sentido religioso) o ritual é, como o da missa dos católicos, uma repetição sem sentido até que o signo original possa desencadear uma transformação de fato, como é o caso. E o sentido primeiro dos alimentos é o de se oferecerem, de seduzirem, de despertarem o apetite de darem a impressão de estarem próximos de uma emanção originária : “as barbas ruivas de milho, úmidas como junto de uma boca” , pelo esforço de seu preparo (corpo muscular).



Este, no caso, trata de um trabalho seletivo ( os melhores frutos, os mais maduros, os mais viçosos, etc...) e pelo encanto natural que resulta numa aproximação do sagrado ao profano ( a qualidade divina da natureza pródiga, o céu na terra, a abundância do paraíso, etc...).

Portanto, esses convidados que não esperavam, que não se sentiam dignos de receber essa “dádiva”, foram surpreendidos ao se verem “escolhidos” para tal banquete. Este perde a qualidade religiosa precisamente quando volta ao sentido que originou o ritual (a passagem do sagrado ao profano), este sentido que é pura sensação e que se desperta num corpo erógeno. Este “milagre” é também a transformação do alimento em palavra, o texto que se reparte como pão pela anfitriã aos seus convivas, ou pelo produtor aos seus leitores. O texto se reparte multiplicando-se em séries, ou seja, tipos de alimentos : frutas, cereais, legumes, carnes, bebidas, doces, pratos.

Como já mencionei anteriormente no processo de nutrição dos corpos de Clarice Lispector a boca é porta de entrada do corpo biológico, máquina de triturar e de masserar este alimento físico, mas também, instrumento da sensação, detentora do paladar, órgão através do qual o corpo extrai do alimento prazeres infindados. No entanto, como o próprio texto sugere, a fome aparece como sensação de falta fundamental para que a ingestão deste alimento se torne prazer. Neste caso, resta ressaltar que o alimento, seu odor, o visual, do qual participam o modo de preparo e a combinação do cardápio, são decisivos no despertar deste apetite e aliado a tudo isso a função da boca em estabelecer o contato com o mundo percorre as entrelinhas.

Sob a marca do desejo, a refeição de obrigação torna-se um lauto almoço evocando o milagre da repartição dos pães bíblico, que é, na verdade, o compartilhar de uma mesma fome, de seus desejos. De outra forma esta “repartição dos pães” pode ser

chamada “*Thanks giving day*”, ou “*Dia de ação de graças*”, dia reservado especialmente para as religiões protestantes ao agradecimento a Deus pelo alimento que os fiéis têm todos os dias à mesa, mas sobretudo um “*Shabat*” perpassado pelo agradecimento ao divino e à natureza pelo que entra pela boca e explode em possibilidade de nutrição enriquecedora e proliferadora de texto .

A exemplo do que ocorre em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992), há em “A Ceia Divina” (14) uma alusão ao natural, à simplicidade do alimento e do texto, neste caso especialmente em seu formato curto e direto : “Laranja na mesa. Bendita a árvore que te pariu.” (Op.Cit., p.16). Texto e cena se integram como poesia.

Tal despojamento de figura e figuração acabam por despertar o sentido judaico-cristão de uma prece profana.

Sendo a fruta uma criação da natureza é filha de uma árvore, ou seja, corpo gerado de uma matriz assim como o texto é gerado pelo corpo que o produz. A ceia divina teria então a naturalidade dos alimentos, sua simplicidade, escapando ao simbolismo e a rituais pré-estabelecidos.

Se a divindade está acima dos rituais humanos, a natureza é a sua maior oferenda, porque é parte integrante da “grande obra da criação”. Neste caso, forma e conteúdo, matriz e produto, corpo e texto, se congregam para evocar a leitura da matéria por trás das palavras divinas, para provocar a pulsão de um corpo erógeno.

---

(14 ) LISPECTOR, Clarice. “A Ceia Divina”. In : Para Não Esquecer. Editora Ática, São Paulo, 1978, p.16.

Escrever com o corpo depende de que está entre a produção e o produto, a fome e o desejo de produzir. Em “Por enquanto” (Lispector, 1991a) escrever passou a ser, estar atenta ao alimento simples que lhe caía às mãos (pão), aos pedaços, onde é necessário juntá-los para formar uma grande refeição, ou para saciar a fome, para produzir um texto.

*“Viver tem dessas coisas : de vez em quando se fica a zero. E tudo isso é por enquanto. Enquanto se vive.” (Op.Cit., p.65).*

Clarice ressalta a importância do esvaziamento até o seu último resíduo, que é o do corpo biológico :

*“A questão é saber agüentar. Pois a coisa é assim mesmo. As vezes não se tem nada a fazer e então se faz pipi.” (Op.Cit., p. 66).*

Alimentar-se do mais básico assim como no caso da menina magra, equívale ao evacuar o que sobra do corpo. Coisas que não se escrevem; porém o registro de Clarice é essa margem das carências e dos excessos do vazio cotidiano.

*“Mas se Deus nos fez assim, que assim sejamos. De mãos abanando. Sem assunto.” (Op.Cit., p.66).*

A impossibilidade de criar provocada por uma tentativa frustrada de ler a própria realidade cotidiana e esvaziada que vive faz da personagem-escritora um poço de angustia e insatisfação. Desejo não preenchido por um cotidiano de tédio que retorna à fome como satisfação periférica e não como sustento do corpo. Assim, cotidiano e corpo formam um espaço lacunar a ser preenchido :

*“Já sei o que vou fazer : vou comer. Depois eu volto. Fui à cozinha, a cozinheira por acaso não estava de folga e vai esquentar a comida para mim. Minha cozinheira é enorme de gorda : pesa noventa quilos.” ( Op.Cit., p.66).*

Percebe-se então que o ato de comer se desloca em relação ao escrever, na modernidade. Ele preenche um vazio em que se misturam fome e desejo. Ato maquinal : a comida é esquentada, o que quer dizer que já estava pronta. Por outro lado, a máquina de escrever simplesmente registra a espera. Uma espera que não significa clandestinidade, uma espera que, aqui, trata de suprir o vazio estomacal. A função de escritor, obviamente, não é a da grande espera :

*“Voltei à máquina enquanto ela esquentava a comida. Descobri que estou morrendo de fome. Mal posso esperar que ela me chame. (...) Depois eu como, e depois volto à máquina. Até já. Já comi. Estava ótimo. Tomei um pouco de rosé. Agora vou tomar um café.” (Op.Cit., p.67).*

Em “Por Enquanto”, incluído em Via Crucis do Corpo (1991a), ocorre uma verdadeira tempestade de cérebro, como se refere a narradora de “Brain Storm” (Lispector, 1994). Há uma “luta” entre o corpo erógeno e o corpo biológico. Isto pode ser percebido através da passagem de que quando não se tem “nada o que fazer” resta o trivial das necessidades físicas. Resta o resto do corpo biológico, o pipi. Diante disso, o corpo erógeno está retraído, embora não desapareça, pois reflete sobre a condição física que se impõe. E em meio a isto, o mundo, como intruso, limita ambos os corpos do ser. Isto porque, revelado por detrás da “comida” que envolve reunião familiar, o mundo subjuga às outras “faces” do corpo do ser (biológico, muscular e erógeno), pois o foco passa a ser os comportamentos, as regras sociais. Neste caso, o alimento serve de pretexto para que o mundo manifeste-se e atinja ambos o corpo biológico e o erógeno em seu aspecto biológico-cerebral.

Após esta intromissão do social vem a constatação econômica do dia-a-dia : o trabalho do escritor é um trabalho solitário e que gasta energia do corpo. Assim, conclui-se que o corpo precisa comer. Este comer para manter a vitalidade corporal expande-se para o alimento propriamente dito composto de nutrientes que estabelecem reações físico-químicas no corpo biológico; a música e a literatura que nutrem o corpo erógeno no plano das idéias e do prazer estético.

No entanto, segundo o texto “Por Enquanto” (Lispector, 1991a), existem meios de comunicação de massa que não alimentam, ao contrário, morre-se diante deles, em especial a televisão. Isto porque o papel do espectador seria o de observar um trivial onde não se encontram novos sabores, ou nutrientes, capazes de despertar o apetite, produzindo efeitos sobre o corpo erógeno.

Em entrevista publicada por Waldman (1992), Clarice Lispector. diz :

*“Maria Carlota, como eu gostaria de escrever alguma coisa que me desse a mim mesma e aos outros. Ela respondeu: A senhora está comendo pouco, assim não pode escrever. Então eu disse : Me dê alguma coisa pra comer. Ela deu, eu comi (...) As vezes escrevo como quem dá de comer a mim e aos outros, igual ao que você fez comigo.” (Op.Cit., p.20, 21).*

Para Clarice Lispector o processo de produção textual deve servir de alimento ao escritor e aos leitores. Para tanto, deve passar pelo processo de alimentação de quem o irá produzir. Assim, textos são alimentos de leitura e alimentados pela mesma, ou seja, são ao mesmo tempo ingredientes e refeição. No que se poderia chamar de um tratado introdutório sobre o gosto na modernidade

Fisiologia do gosto, Brillat-Savarin (1995) reforça esta ligação entre a alimentação e a produção textual :

*“Com efeito, após uma boa refeição, o corpo e a alma gozam de um bem-estar especial.*

*Fisicamente, ao mesmo tempo em que o cérebro se revigora, a face se anima e se colore, os olhos brilham, um suave calor se espalha em todos os membros. Moralmente, o espírito se aguça, a imaginação se aquece, os ditos espirituosos nascem e circulam....” (Op.Cit., p.171).*

Neste livro, o autor compara as línguas à champanhe, que apresentam um significado posterior, ou seja, que conteriam um retrocesso de sentido. O efeito seria então a excitação e o entorpecimento. A sensação gustativa se desenvolve um pouco ao modo de um relato, temporalizado. Enfatiza ainda que o prazer de comer exige ao menos apetite. Este por sua vez pode diferenciar-se em apetite natural, onde a questão primordial é a sobrevivência; e o que representaria luxo, pois é o apetite derivado do desejo, que então distinguiria o homem do animal. Assim, a comida seria um deleite interno. Neste caso, diria então que o gosto, está compreendido entre os cinco sentidos, mas que se difunde por todo o corpo numa onda de prazer. O prazer de comer reflete-se em todo o corpo e conseqüentemente na produção textual. O prazer de comer é o mesmo prazer de comer o mundo, que é o alimento para produzir textos.

Esse retrocesso de sentido é importante porque, assim como o retrocesso do sagrado ao profano indica as raízes não-religiosas do ritual judaico (as quais Clarice tenta se aproximar) também existe o retrocesso em relação à palavra e ao alimento (desejo/fome, corpo erógeno/corpo biológico) que coincide com o que Brillat-Savarin (1995) frisa em relação ao prazer que emerge do interior, passa por uma interlocução

com o outro, para emergir no corpo erógeno. Esse retrocesso é indicativo do vai e vem dialético fome-desejo-fome que se processa em relação à mudança do próprio “trabalho” do escritor, o que equívale a conformação de um corpo muscular que transforma, o mundo em alimento, que opera, que traz mudanças. Se por um lado em “Felicidade Clandestina” (Lispector, 1991b) a fome passa a ser desejo (há um deslocamento da carência de um corpo biológico aos excessos de um corpo erógeno pois quando a personagem se imagina com o livro ela tem um amante), em “Por enquanto” (Lispector, 1991a) o deslocamento tem o movimento oposto : o desejo se transforma em fome, escrever é um ato banalizado que se automatiza, que se faz entre o ato de fazer pipi e ver televisão.

O cotidiano é vazio demais, tão vazio que transforma o corpo erógeno em biológico : as ações do escritor se tornam triviais. Escrever é sentar-se à máquina e registrar esse resíduo de uma vida aburguesada e sem sentido. Assim, neste retrocesso de sentido o desejo retorna à forma e a pulsão retorna ao instinto.

No entanto, em “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” (Lispector, 1991) a saída com o marido e o amigo mostra os três movimentos fome-desejo-fome. O corpo erógeno manifesta-se aí em toda a sua exuberância : a rapariga se transforma pelo prazer da comida e da bebida. O retrocesso ao corpo animalesco (a lagosta) é, em última instância, indicativo do resgate pós-moderno da proto-história dos apetites corporais.

## O TEXTO E OS ALIMENTOS :

*"Mas já que há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas." (Clarice Lispector).*

*"...um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único de certa maneira teológico (que seria a 'mensagem' do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original : o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura." (Roland Barthes).*

Partimos da idéia de que o texto é, então, este espaço multidimensional por onde circula a cultura e se, ainda assim, é composto de palavras alinhadas, também as entrelinhas são capazes de liberar significados que participam da textura (15) do mesmo. E no potencial das palavras que o formam vistas como signos capazes de proliferar sentidos ou núcleos de cujos entrecruzamentos emanam significações, encadeiam-se séries significativas que, por sua vez, puxam outras séries, que se abrem em diferentes direções. Na obra de Clarice Lispector esta teoria de séries de Leibniz (16) pode se exemplificada através de uma proliferação diferenciada de textos a partir de uma receita para matar baratas. "A Quinta História" (17) diversifica a matéria bruta textual mostrando cinco possibilidades de relato num desencadear de textos independentes, ao mesmo tempo que recorrem elos de ligações entre si, ou, como foi intitulado, em A Descoberta do Mundo (Lispector, 1994 ), "Cinco relatos de um tema" (18).

---

(15) DELEUZE, Gilles. A Dobra, Leibniz e o Barroco , São Paulo, Papyrus, 1991.

(16) DELEUZE, Gilles. A Lógica do Sentido. São Paulo, Perspectiva, 1982.

(17) LISPECTOR, Clarice. "A Quinta História". In : Legião Estrangeira. São Paulo, Siciliano, 1992.

(18) LISPECTOR, Clarice. "Cinco relatos de um tema". In : A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.



Já os alimentos são matéria bruta natural ao mesmo tempo que são palavras no texto : se eles se materializam em um conjunto físico formado a partir de um grupo de nutrientes que encontram no corpo reações, interferem química e biologicamente no ser.

Para buscarmos a explicação da presença de tantos alimentos nos textos clariceanos precisamos em primeiro lugar despir as palavras de significado como ela faz em “A Repartição dos Pães” (19). Neste texto, através da descrição de uma mesa, parte integrante de um almoço de obrigação, há um retorno dos alimentos ao seu estado bruto, natural, terrestre, por trazerem o viço, a cor, a exuberância combinados a signos que encerram suas próprias qualidades naturais, provocando efeitos sensoriais inusitados. Seja no “chuchu verde líquido” que demonstra em sua cor a qualidade hidratante que encerra seu aspecto nutricional; seja nos “pepinos que se fecham duros sobre a própria carne aquosa” que descreve a sensação de morder um pepino e resalta, pela visão de seu interior, seu alto teor aquoso, contrastando assim solidez e liquidez; seja o “cacho de rabanetes ardentes” que tanto pincelam de vermelho o quadro que se pinta no texto, quanto evidenciam as qualidades adstringentes provocadas pela presença do enxofre em sua composição química. Estas múltiplas possibilidades de sentidos aqui exemplificadas constróem os textos desde os alimentos, tanto em substâncias nutritivas, quanto em substantivos que alimentam os corpos em Clarice Lispector ampliando o espectro de leitura, ou de nutrição do texto.

Outro exemplo recorrente é o pão, que aparece em diversos textos clariceanos. Em “Dia após dia” (20) o pão é citado em uma tautologia, “Pão pão, queijo queijo”

---

(19) LISPECTOR, Clarice. “A Repartição dos Pães”. In : A Legião Estrangeira. São Paulo, Siciliano, 1992, p. 29-32

(20) LISPECTOR, Clarice. “Dia após dia”. In : Via Crucis do Corpo. 4a.edição, Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1991, p.69-73.

onde a correspondência proverbial entre as ações espelha-se na dos signos, caso contrário outra interpretação seria possível. Em “Trecho” (21) o pão é o alimento básico, é a massa que alimenta o corpo biológico, mas é também a possibilidade de nutrição pelo alimento simples, é estar viva sem necessidade de sofisticação, é simplesmente “estar viva”, como diz a narradora do texto. Em “A solução” (22) o pão é o alimento que está na boca de Almira no momento em que ouve a agressão de sua amiga. Ao contrário do prazer que este poderia proporcionar, o alimento acaba por engasgá-la da mesma forma que as palavras ouvidas. “Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiram descer com a comida pela garganta...” (Op.Cit., p. 86). Alimento e palavra se fundem formando um binômio, núcleo rico em possibilidades de sentido. Assim, o mesmo alimento enquanto signo lingüístico extrapola suas características físico-nutricionais, passando a nutrir o texto com suas inúmeras possibilidades de sentidos. O pão torna-se texto.

Mas então qual é a definição de alimento ? Mudaria o seu significado através dos tempos ?

Desde o século XIX a definição de alimento (23) se pauta pela “cientificidade” enfatizando a energia nele armazenada em termos econômicos :

---

(21)LISPECTOR, Clarice. “Trecho”. In : A Descoberta do Mundo. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1994, p. 311.

(22)LISPECTOR, Clarice. “A Solução.” In : Legião Estrangeira. São Paulo, Siciliano, 1992., pp.85-87.

(23) Ao observar as recomendações dadas pelo Papa Leão XIII, também considerado um poeta, Luís Barreto define o alimento, In : Câmara Cascudo, 1977.

*"Toda a energia de que dispõe o nosso organismo provém exclusivamente dos alimentos que tiramos do mundo externo. Estes alimentos são compostos químicos, cuja formação necessitou de uma certa soma de calórico. (...) Cada alimento encerra em estado latente uma certa soma de calórico. Este estado latente desaparece no momento em que é submetido à ação do oxigênio e de outras influências tais como as hidratações e as fermentações. A latência desaparece e no seu lugar a energia aparece. Os processos que põem em liberdade a energia acumulada são precisamente os processos bioquímicos que constituem as funções da digestão e da assimilação." (Op.Cit., p. 9).*

Ao contrário, em "O banquete em Rabelais", Bakhtin (1996) define o pão e o vinho como "o mundo vencido pelo trabalho e pela luta" (Op.Cit., p. 249) e afirma que através deles o medo é excluído e a palavra libertada. Temos então dois pontos a serem enfatizados: a relação da palavra-alimento com o mundo e a liberdade que pode experimentar tanto nesta relação com o mundo quanto por sua ação no corpo muscular que ingere o alimento e que efetua a troca mundo-alimento ao produzir linguagem.

No âmbito da relação da palavra-alimento com o mundo, segundo Bakhtin (1990) "o artista só lida com palavras, pois apenas elas são algo definido e indiscutivelmente presente na obra" (Op.Cit., p. 52). No entanto o que o escritor encontra são palavras onde já estão contidas diversas vozes, palavras povoadas de intenções (Op.Cit., p.100).

Já no processo de libertação de um signo lingüístico ideologicamente codificado, temos o que Clarice Lispector busca em seus textos: se desvencilhar destas intenções canonizadas (despir as palavras), fazer recortes, tecer linhas, entrecruzar as palavras, a fim de que, metaforizando a palavra em alimento e o alimento em palavra, novos sentidos sejam produzidos, explorando a condição e o potencial do texto em matéria bruta para se desdobrar em muitas formas.

Cabe aqui ainda um comentário sobre as definições de alimento dadas por Brillat-Savarin (1995):

*“Resposta popular : Alimento é tudo o que nos abastece.”*

*“Resposta científica : Entende-se por alimento as substâncias que , submetidas ao estômago, podem ser animalizadas pela digestão e reparar as perdas sofridas pelo corpo humano nas atividades da vida.*

*Assim, a qualidade distintiva do alimento consiste na propriedade de ser passível de assimilação animal.” (Op.Cit., p. 69).*

Não podemos considerar a resposta científica como a melhor para definir alimento porque, a exemplo do que já mencionamos no capítulo sobre o corpo, há muito tempo o homem ultrapassou as fronteiras do comportamento instintivo, o que nos faz considerar o alimento no campo da pulsão, como elemento nutritivo para o corpo biológico, muscular e erógeno. Da mesma forma que muitos inventos humanos, o alimento, enquanto elemento sujeito à cultura e suas modificações, teve sua utilização diversificada, por exemplo :

*“...a descoberta do açúcar e de seus diversos usos, as bebidas alcoólicas, os glacês, a baunilha, o chá, o café, nos transmitiram sabores de uma natureza até então desconhecida.” (Op.Cit., p. 38).*

Em meio a estas inúmeras possibilidades de nutrição que habitam nosso mundo, e dentre as que aparecem nos textos de Clarice Lispector curiosamente, o sangue pode figurar como alimento. Em “Nossa Truculência” (Lispector, 1994, p.269) por exemplo, o sangue representa a nutrição da violência com que nos apropriamos dos alimentos. A narradora põe em questão uma certa ética em não alimentar-se com sangue que é ao mesmo tempo vida e morte, a fim de que não se assuma “nossa truculência”. Assim se “não comêssemos a galinha ao molho pardo, comeríamos gente com seu sangue.” (Op.Cit., p. 269). Brillat-Savarin (1995) em seus estudos gastronômicos menciona o sangue e seu aspecto altamente nutritivo :

*“O sangue se compõe de um soro albuminoso, de fibrina de um pouco de gelatina e um pouco de osmazona (24); ele se coagula em água quente e se torna um alimento muito nutritivo (como o chouriço).” (Op.Cit., p.72 ).*

A partir dessa possibilidade de coagulação do sangue em água quente é que prepara-se o “molho pardo”. Considerado um prato festivo a galinha ao molho pardo é citada em muitos tratados sobre alimentação, especialmente nos cardápios de comida baiana. Mas o que é afinal o “molho pardo” ? Câmara Cascudo (1977) nos dá a receita:

*“Os elementos para o seu preparo são vísceras de aves, principalmente de galinha ou de pato, utilizam-se algumas tripas gordas e viradas, tudo lavado com limão e sal. O sangue aparado em vasilha com vinagre, é juntado cru às vísceras que, antes, foram refogadas com cebola, alho, cominho, pimenta-do-reino. É chamado molho pardo porque, ao ficar pronto, não toma a cor vermelho-escura do sarapatel ou do sarabulho, nem apresenta a espessura destes, mais condimentados, servem-no com arroz branco, farinha d’água e molho picante.” (Op.Cit., p.65).*

Este preparado é aparentemente exótico porque tendo como principal ingrediente o sangue é por muitas culturas proibido (como todos os alimentos, o sangue é culturalmente codificado e, em sua deferência direta ao “cru”, rejeitado para ser comido, principalmente por vegetarianos e judeus, do que me ocuparei mais adiante.) . Por sua vez esta iguaria é citada por Câmara Cascudo (1977) como possível objeto de intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos dada sua popularidade nas mesas brasileiras, reiterando a idéia de que os hábitos alimentares são componentes da identidade cultural dos povos e permeados por valores culturais de acordo com cada sociedade.

*“Pena foi que o General Rondon se esquecesse de oferecer ao seu amigo igualmente a receita de um outro prato genuinamente brasileiro, quero dizer a galinha ao molho pardo, para ser servida com o angu de fubá mimoso.” (Op.Cit., p. 21).*

---

(24) A substância “osmazona” é hoje chamada “creatina”.

Clarice Lispector utiliza esta iguaria brasileira em “Uma história de tanto amor” (Lispector, 1994, pp. 124-125) que resume a apropriação canibal de uma menina por sua galinha de estimação, sendo essa a única forma de aceitação de sua morte. “Quando a gente come bichos, os bichos ficam mais parecidos com a gente, estando assim dentro de nós” (Op.Cit., p. 125). Após a refeição menina e galinha se fundem num ser capaz de olhar para o futuro consciente de que o passado não é algo que se deixa para trás, mas algo a ser apropriado em nome da produção de textos.

*“...comeu Eponina mais do que todo o resto da família, comeu sem fome, mas com um prazer quase físico porque sabia agora que assim Eponina se incorporaria nela e se tornaria mais sua do que em vida. Tinham feito Eponina ao molho pardo. De modo que a menina, num ritual pagão que lhe foi transmitido de corpo a corpo através dos séculos, comeu-lhe a carne e bebeu-lhe o sangue.” (Op.Cit., p.125).*

Ao comer a galinha ao molho pardo a personagem incorpora não só seu vínculo afetivo com o objeto de sua devoração como coloca em xeque todos os costumes alimentares relacionados à questões religiosas. Se na tradição cristã o sangue bebido representa o sangue do cordeiro imolado para redenção dos pecados, o sangue do Cristo, na tradição judaica o sangue é abominado. Os judeus não reconhecem a vinda do Cristo e não consideram apropriada a possibilidade de incorporação do outro através do sangue uma vez que...

*“...Lá [no templo judeu] o sangue do animal era devolvido à terra e não ingerido, pois se poderia assimilar de sua ‘alma contida no sangue’.” (Bonder, 1989, p. 90).*

Mas Clarice Lispector utiliza o sangue como alimento em seu texto exemplificando, como já mencionei anteriormente, que há nos seus textos um

rompimento com esta tradição judaico-cristã. Isto evidencia-se pelo fato de o processo de alimentação aparecer em muitos de seus textos justamente como um ato de nutrição que vai além do recebimento-incorporação preconizados pela proposta de nutrição dada pelo ritual judaico e do saciar da fome dado pelos cristãos. Assim o texto clariceano que se compõe por fome(pulsão)-recebimento-incorporação passa pelo processo de nutrição em sua concepção mais literal, ou seja, ingere, digere, assimila e transforma em outro texto, para ser novamente nutriente.

Esta produção de textos proporcionada pela nutrição pode ser enfatizada pelo que assinala Maria José de Queiroz (1988) :

*“Saber falar de comer (...) não é falar de comer enquanto se come (...) é comunicar em silêncio um mundo de todos os sentidos, vividos da memória e repostos no instante presente ...” (Op.Cit., p. XV).*

Assim, na entrelinha do texto de Clarice Lispector, ou melhor, no espaço entre as palavras que o compõe, habita um “mundo” de sentidos que faz do mesmo uma matéria em proliferação de linguagem, uma vez que incorpora a matéria bruta e inerte para transformá-la no espaço multidimensional que é o texto.

Partindo da idéia de que texto/palavra são alimentos e vice-versa podemos retomar a definição popular de alimento dada por Brillat-Savarin (1995) : “Alimento é tudo o que nos abastece.” (Op.Cit., p. 69). Assim, temos no alimento/texto a possibilidade de nutrição do corpo biológico, muscular e erógeno.

Quando tratamos de signos lingüísticos como núcleos proliferadores de sentido temos que considerar a relação que estabelecem com outros signos presentes no texto ou

no silêncio que o tece. Sendo estes signos especificamente alimentos podemos tratar esta relação como, no campo da nutrição, Câmara Cascudo (1977) trata a digestibilidade :

*"Os alimentos não são digeridos e muito menos absorvidos em sua totalidade : é muito variável o grau de digestibilidade de cada um (...) O valor de um alimento regula-se com razão pelo seu grau de digestibilidade." (Op.Cit., p.13).*

Podemos falar de um texto que tem em sua composição alimentos ao mesmo tempo que é produzido para servir como alimento, e que por isso precisa ser digerido para ser assimilado. Da mesma forma podemos falar de uma galinha ao molho pardo que por sua gordura requer muito tempo de digestão. Pela digestão ou não do alimento-texto é que podemos saber que tipo de construção estes alimentos-textos possibilitam :

*"Dize-me o que fazes do que comes e te direi quem és. Existe quem transforma isso em toucinho e em excrementos, outros em trabalho e em bom humor; outros ainda, segundo já ouvi dizer, em Deus." ( Nikos Kazantzakis, O Velho Zorba, IV. Trad. José Geraldo Vieira).*

Assim podemos dizer que a alimentação, enquanto processo de incorporação, nos possibilita ampliar o conceito de alimento e de alimentação propriamente dita, desde que esta ingestão resulte num processo de nutrição, enquanto sinônimo de enriquecimento da sensibilidade, de cultura, de produção de conhecimento.

Bonder (1989) ressalta esta característica de incorporação a que está ligada a nutrição de um modo geral :

*"Uma das percepções mais difíceis em alimentação diz respeito ao fato de que os alimentos passarão a ser parte daqueles que os ingerem - 'somos o que ingerimos'." (Op.Cit., p.66-67).*



*"Da mesma maneira, aquilo que ingerimos irá fazer parte de nós, de nossa individualidade e deve, portanto, ser comprometido com esta responsabilidade-maior que devemos ter para conosco." (Op.Cit., p.95).*

Segundo a tradição judaica, o processo de alimentação pressupõe um ato seletivo e de extrema responsabilidade, ou seja, a escolha dos alimentos, uma vez que, a partir desta ingestão o indivíduo será constituído. Por isso, há uma lista de alimentos permitidos e não permitidos dentro desta tradição...

*"Segundo estas leis, em resumo, ficam permitidas todas as verduras e frutas como Kasher (adequadas). Também todos os peixes que possuam escamas, bem como a maioria das aves domésticas, são Kasher. Peixes sem escamas, crustáceos e aves selvagens são proibidos. Entre os animais mamíferos, são permitidos aqueles que possuem patas fendidas e sejam ruminantes. Assim, o porco que tem a pata fendida mas não é ruminante é proibido, enquanto o boi que preenche os dois requisitos é permitido (Kasher). Além disso, no caso das aves e mamíferos permitidos, para que sejam considerados Kasher, devem passar por um processo de abate ritual. Este procedimento exige técnicas múltiplas de eliminação do sangue e a certeza de que o animal não sofreu durante o abate.*

*Os peixes, frutas e vegetais são Parve/neutros e, portanto, são os alimentos que não causam incompatibilidade nem entre si nem com outros. No entanto, as carnes e aves são do tipo Fleishik (de carne) e não podem se misturar com os produtos lácteos (Milchik). Entre a ingestão de alimentos com base de carne e os de leite deve-se esperar um certo número de horas (de três a seis horas). A razão desta lei que proíbe carne e leite juntos se encontra numa injunção aparentemente de respeito e de compaixão para com os animais encontrada na Bíblia : 'Não debes cozinhar a carne de um bezerro no leite de sua mãe' (Êxodo 23:19).*

*Talvez também seja este princípio de respeito à vida que rege o costume de se drenar o sangue da carne, que não pode ser ingerido : 'Pois a vida da carne está no sangue' (Levítico 17:11)." (Op.Cit., p. 72-73).*

Todas estas regras do judaísmo, têm por objetivo o aperfeiçoamento do indivíduo, no plano físico pela manutenção de um corpo livre de impurezas, ou seja, proibindo alimentos que por seu processo digestivo produzam toxinas ao corpo humano ou que ao

serem ingeridos possam transmitir doenças dos animais ao homem; no plano psíquico as regras visam o fortalecimento do autocontrole, uma vez que a limitação da dieta impõe ao corpo uma disciplina; no plano místico a obediência às regras e a purificação do corpo pela isenção de toxinas faz do indivíduo um ser mais divino, acima das “fraquezas humanas”, ou seja, há uma limitação do prazer que determinados alimentos podem proporcionar por uma contrapartida de “gozo” espiritual. Além disso, estas regras revelam um respeito ao alimento primário, ao leite materno. Ao proibir a mistura de leite e sangue o judaísmo pretende preservar a vida que emana do leite da contaminação pelo sangue o qual está relacionado à morte, preservando assim, a continuidade da vida.

Retornando ao aspecto do prazer inerente ao processo de ingestão dos alimentos, Ackerman (1996) atenta para um desejo do ser humano pela experimentação de alimentos ainda não saboreados :

*“Os onívoros, entretanto, são comedores compulsivos; precisam estar sempre experimentando novos alimentos, para descobrir se são gostosos e nutritivos, correndo o risco de envenenarem-se inadvertidamente. Têm que testar novos sabores e, assim fazendo, adquirir muitas vezes o gosto por algo extravagante que, apesar de nutritivo, nem sempre é o tipo de coisa que deveria despertar seu apetite...” (Op.Cit., p. 168).*

Outro aspecto é a possibilidade de prazer proporcionada pelo alimento através de diversas características físico-químicas e organolépticas :

*“Mas se deixarmos alguma coisa repousar em nossa boca, sentirmos sua textura, o cheiro de seu buquê, se a rolarmos na língua, depois mastigarmos lentamente para experimentar seu eco, estaremos realmente saboreando, usando vários sentidos para um resultado gustativo. O sabor de um alimento inclui textura, cheiro, temperatura, cor e dor (como no caso das especiarias), entre muitos outros aspectos.” (Op.Cit., p. 178).*

Por outro lado, podemos observar um aspecto prazeroso do alimento que se dá no campo sexual :

*“Visto sob a luz exata, qualquer alimento pode ser julgado afrodisíaco. Aqueles com formas fálicas, como cenouras, alho-poró, pepinos, (...) (que intumescem quando mergulhados em água), enguias, bananas e aspargos, sempre foram julgados afrodisíacos durante algum período, assim como as ostras e os figos, que lembram os órgãos genitais femininos; o caviar, porque parece óvulos de uma mulher; (...) as ameixas (oferecidas de graça nos bordéis elizabetanos); os pêssegos (por causa de seu aspecto de traseiros calipígio?); os tomates, chamados de maçãs do amor e que se julgava terem sido a tentação de Eva no Jardim do Éden; cebolas e batatas, por seu aspecto testicular (...). O almíscar, o chocolate e as trufas também são considerados afrodisíacos, (...). Mas, como os sábios já disseram há muito tempo, a parte mais sensual do corpo e melhor afrodisíaco do mundo é a imaginação.” (Op.Cit., p. 165-166).*

E ainda a ampliação do conceito de alimento que sai da esfera meramente cientificista e passa a ser considerado elemento de nutrição de uma fome permeada pela cultura, da pulsão humana.

Seguindo a idéia transmitida pela filosofia judaica de cada indivíduo faz a escolha do que vai nutri-lo, tornando-o responsável por sua própria composição, os textos clariceanos demonstram uma responsabilidade na escolha dos signos lingüísticos ao mesmo tempo que buscam um processo de libertação em relação aos sentidos mais comuns aos quais poderiam ser remetidos.

Em resumo, entre o alimento propriamente dito e o signo que o designa há muito mais que forma e conteúdo, ou seja, características físicas e químicas, há uma possibilidade de nutrição que está contida no outro que se dá pela incorporação e pela emanção de novos significados dos núcleos chamados “alimentos”.

## FRUTAS :

*“As frutas além de sais orgânicos com que enriquecem o nosso sangue, fornecem-nos em abundância as imprescindíveis vitaminas.” (Câmara Cascudo, 1977, p.22).*

Este tipo de definição das frutas é o que certamente encontramos em um incontável número de publicações onde os alimentos figuram como objeto de estudo “científico” da nutrição. No entanto, o que encontramos nos textos clariceanos, são os alimentos enquanto núcleos proliferadores de sentidos (a partir dos cinco sentidos), emanadores de energia latente, dentre os quais as frutas ocupam uma posição de destaque. As frutas enriquecem os textos com suas cores e exuberância de formas diferenciadas entre si, bem como os muitos tipos de sabores que podem exprimir. Como exemplo disso no texto “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) as frutas além de espalharem cor pelo branco do papel (sentido visual), fazem realçar a estética natural (mais do que a beleza convencional que se aprende como visual) com que é estampada a mesa do almoço de obrigação. O *Shabat* (Bonder, 1989, p. 10) da “A Repartição dos Pães” é um ritual característico da religião judaica e na concepção cabalística de troca-recebimento as frutas são classificadas da seguinte forma :

*“...Assim sendo, as frutas se dividem em : superdefendidas, defendidas e entregues. É interessante que “receber” se confunde em vários momentos com ‘se entregar’ ou ‘entrega’ - com passar adiante o que não é pertinente ao ser, mas é, na verdade, interativo. As diferentes estruturas materiais das frutas passam a ser representativas dos vários mundos. Sendo que as carapaças (klipot) ou cascas representam empecilhos ao fluxo e, portanto, ao recebimento...”*

*“...Em BERIÁ, o espaço da criação, as frutas estão bem próximas da ‘pura emanção’ e já possuem uma representação física próxima da perfeição, pois não necessitam de proteção ou ‘cascas’, tanto no interior quanto no exterior. Desta forma, sem casca ou caroço, toda fruta pode ser comida e é considerada como ENTREGUE. Exemplos destas encontramos em morangos, figos, amoras, etc...”*

(...)

*“...Como IETSIRÁ, o espaço da formação, é um nível um pouco inferior (em termos de sua proximidade com a emanção original), a fruta necessita de um esforço e proteção que lhe são necessários neste nível para garantir a presença da energia original, mas que se configura também em impedimento à possibilidade de entrega total. Suas dificuldades não se dão de forma absoluta, mas apenas em torno de seu ‘coração’. Estas frutas, portanto, possuem um caroço não comestível. Exemplos típicos são os pêsegos, ameixas, tâmaras, azeitonas, etc...”*

(...)

*“...Quando chegamos ao mais inferior dos mundos das frutas (comestíveis) - ASSIÁ -, é que encontramos a maior necessidade de proteção e menos possibilidade de entrega. Neste plano fazem-se necessárias, cascas grossas que dificultem o acesso não apenas ao seu coração, mas ao seu interior como um todo. Assim sendo, a energia inicial do fluxo se configura em frutas com casca não comestível, como nozes, cocos e abacaxis.” (Bonder, 1989, pp.26-28).*

O que figura como mais importante nesta classificação é a ênfase dada à capacidade do alimento em doar-se, ao mesmo tempo que o indivíduo que o ingerir tem que estar aberto ao recebimento e à sua incorporação.

*“É a partir de nossos passeios ilesos pelo POMAR (25) que o mundo colhe frutos. Cada indivíduo tem seu próprio cultivo e sua própria capacidade de trazer ou não da colheita para o mundo da troca. É este esforço e esta variedade de capacidade de resgatar do POMAR que permitem existir no mundo vulgar o ‘shulchan Aruch’ - a mesa posta !” (Bonder, 1989, p.25).*

Esta mesa posta é a visão da narradora de “A Repartição dos pães” (Lispector, 1992), é a possibilidade de resgate da colheita que o mundo oferece ao mesmo tempo que é a hora do ofertório para que se dê, parafraseando Lispector, de comer a si mesmo e aos outros.

---

(25) POMAR : (grifo do autor) Tradução literal do hebraico da palavra PARDES. Sair ileso do pomar e poder passar por ele “significa ser no sentido mais completo” (Bonder, 1989, p. 25).

A incorporação é, sem dúvida, o grande sentimento presente em “A Repartição dos Pães” de Clarice Lispector (1992), na verdade uma multiplicação de pães, ou de textos que se abrem ao processo de nutrição de corpos também múltiplos a formar séries de alimentos, de possibilidade de outros textos. Quando, por exemplo, há uma melancia já aberta ( sem a carapaça que a afasta), a proximidade com a emanção original é maior (segundo a tradição judaica). Daí Clarice referir-se aos alimentos como “próximos da boca”, como veremos a seguir.

A expressão “maçãs vermelhas” nos leva a imaginar frutas apetitosas, o que se traduz em alimentos doces e suculentos. Mas a visão destas frutas sobre uma toalha branca, compondo, ao lado de outros alimentos não menos exuberantes, um almoço que representa um sacrifício, nos remete a analogias muito mais complexas, tais como : a grande metáfora do paraíso religioso desmantelado pelo pecado dito “pecado original”, ou melhor, pela tentação que a maçã pode se tornar pela promessa de prazer que encerra sob sua casca cerosa embora fina. Podendo ser enquadrada em IETSIRÁ, o espaço da formação a maçã é o de uma fruta que guarda a energia original por isso necessita de proteção na classificação judaica. Por outro lado, na tradição cristã a maçã é o símbolo do fruto que encerra a capacidade do homem em discernir sobre o bem e o mal, o sagrado e o profano, o divino e o terreno. Isto nos leva a contrastar pela significação dada à maçã o pecado original dos cristãos e a emanção original dos judeus. O primeiro pressupõe uma condenação de morte e o segundo uma promessa de vida. Por isso vejo o texto de Clarice Lispector emanar vivacidade pelas “maçãs vermelhas” que expõe. Pela impossibilidade de entrega total e tendo na casca uma barreira ao

recebimento a cor vermelha externa é um convite ao “pecado”, uma provocação para que o comensal rompa a barreira e busque no seu interior o prazer prometido. Ao nos desvencilharmos da casca que cobre o texto podemos ler um mundo de possibilidades em torno da mesa que encerra estas frutas.

Em A maçã no Escuro (Lispector, 1992b) o protagonista busca adivinhar o paladar da maçã e tenta pegá-la no escuro. Além de remeter-nos ao desejo da maçã como o desejo pelo proibido nos leva a refletir sobre o nome cultural da maçã colocado no escuro, provocando uma saída do jugo das regras sociais, embora acabe acontecendo sua volta à sociedade. Mas depois de alcançar a maçã no escuro nenhum ser será o mesmo nessa volta. Isto nos faz retornar à idéia de despir o signo lingüístico de todo significado cristalizado e deixar intacta a sua potência de inovar pelo sabor de suscitar outras possibilidades de leitura e de produção.

Uma mesa que é, na verdade, um altar de sacrifício à divindade, ao incluir “...abacaxis malignos na sua selvageria...” remete no mínimo a um estado bruto dos produtos da natureza, e porque não dizer uma refeição com alimentos em seu estado natural, ou em seu estado mais próximo da emanção original, de acordo com a concepção judaica. Mas o que poderia parecer divinamente perfeito e por isso incapaz de gerar violência se expõe na selvageria deste fruto. Os espinhos, ao mesmo tempo instrumentos de defesa e ataque, incluem o profano neste rito divinal. Neste caso chegamos ao mais inferior dos níveis das frutas comestíveis segundo Bonder (1989, p. 28), de menor capacidade de entrega. Mas se ao lermos este ataque como a presença do selvagem no almoço de obrigação poderemos ler a defesa ou a preservação da palavra em seu significado de estado bruto, natural e o rompimento com

a falsificação da natureza e seus frutos promovida pela industrialização : a economia cede lugar à ecologia.

A cor vermelha está presente novamente na “... talhada de melancia com seus alegres caroços...” indicativo da vida latente nas sementes da fruta. Podemos também relacioná-la à vida contida no sangue humano, na cor vermelha que todos os humanos carregam no interior de suas artérias, na nutrição que se dá através desse sangue. No entanto, apesar desta vida pulsando esta fruta inclui-se também em ASSIÁ, necessitando portanto ser exposta para que possa ser objeto de emanção de energia, de nutrição, o que é denunciado pela palavra “talhada”. A abundância de água desta fruta também possibilita a leitura de uma volta à natureza e à origem da vida pela água . A vida está presente na cor, no fruto como produto dos vegetais e na presença de vida latente nas sementes, sem dúvida este é o grande objetivo de uma “repartição dos pães” uma celebração pela vida.

A redundância contida na expressão “limões verdes” reforça não só um contraste com o vermelho, como faz uma alusão ao sabor azedo que lhes é peculiar e a todos os frutos não maduros. Assim, a cor remete ao sabor. A cor que, para uma cultura capitalista burguesa, representa o permitido, revela no texto o lado amargo da natureza, a amargura em estado bruto. Também incluído no grupo das frutas impossibilitadas de emanar energia sem uma intervenção externa, o limão necessita desvencilhar-se da casca para provocar prazer, assim como a redundância da expressão encontrada no texto precisa ser lida com olhos capazes de desvencilhar-se dos significados “convencionais”, para ver a nutrição que o texto pode emanar.



Nos “...bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas...” temos a sugestão da doçura que esta fruta é capaz de emanar pela sua ingestão. Mas o fato de serem os melhores frutos nos leva e especular sobre uma seleção prévia a que as palavras passam na mão do escritor para que venham a compor um texto. A alusão à fragilidade que compõe a capacidade de definição dos signos em relação aos sentidos também está presente na necessidade de atribuir a cor roxa em relação à uva e o preto que define esta variedade da fruta, a fim de que a imagem criada no texto seja das mais belas e mais doces frutas existentes na natureza, dignas de uma oferenda a divindade. Não podemos deixar de lembrar da presença da uva nos banquetes nas cortes de Roma e Grécia antigas o que acabou atrelando a seu significado cultural um valor de sofisticação e prazer.

Por outro lado podemos pensar na uva como matéria de formação de uma das bebidas mais ligadas aos rituais religiosos, o vinho. Neste caso, temos que pensar na natureza transformada, na fermentação equivalente ao trabalho do escritor ao compor seu texto, exercitando seu “corpo muscular”. Ao pensarmos no cultivo que deve sofrer a uva para cumprir o objetivo de transformar-se em vinho, ao mesmo nos remetemos à palavra, enquanto nutriente que acaba por transformar-se em texto, que por sua vez será nutrição para outros textos.

Sua casca fina faz da uva uma fruta com possibilidade de recebimento e emanção, num estágio intermediário entre a energia original e o mundo inferior conforme a classificação dada pela tradição judaica mencionada acima. Assim, seja pelo fácil acesso ao seu interior prenhe de sabor e prazer, ou pela possibilidade de transformação que a ele pode ser atribuída, este fruto nos remete ao potencial de

fermentação do signo, seja isoladamente enquanto palavra preñhe de significados, ou pela sua possibilidade de combinação com os demais signos que compõem um texto.

Em “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” (Lispector, 1991) as uvas aparecem num “quadro de uvas e peras e peixe morto brilhando nas escamas”. Ao olhar para o quadro a personagem alimenta sua sensibilidade através de uma “natureza morta”, mais uma vez voltando a idéia de existência de vida pulsando na arte. Nesta observação a personagem acaba por ressuscitar a “natureza morta” da arte, ou seja, a “natureza morta” em sua concepção de inércia, ou pela constante necessidade de criação do novo ocorrida no Modernismo.

À luz de Walter Benjamin, Rouanet (1992) define o “ ‘moderno’ como sinônimo de ‘novo’, ‘atual’ ou ‘contemporâneo’, [ou] como sinônimo de ‘modernidade’, enquanto configuração estrutural” (Op. Cit. p. 116). E ao se perguntar nesta mesma perspectiva sobre a essência desta modernidade responde:

*“é da essência da modernidade capitalista a eterna produção do novo e portanto a geração incessante do velho (...) nesse mundo em que tudo se altera, tudo permanece idêntico, porque não muda a lógica do sistema : o novo está a serviço do mesmo.” (Op. Cit. p. 116).*

Daí a idéia de inércia a que me referi anteriormente, uma arte que envelhece e morre já pela própria imobilidade, por ser estática e artificial.

Sem dúvidas o jogo de cores estabelecido entre os elementos do quadro pintado através do texto se dá pelas palavras que o compõe. Mas o que a personagem vê está sob o domínio da lógica do sonho, ou melhor sob os efeitos do álcool o que altera em muito a leitura que devemos fazer de tal imagem. E por essa outra visão aquela arte presente no quadro acaba por fazer parte do jantar sem que seja literalmente ingerida pelos comensais, mas no entanto alimenta a personagem em seu devaneio, nutre seu “corpo erógeno”, transforma-se em outra arte, uma arte pós-moderna que sai da leitura da arte plástica para o texto escrito, criando um efeito de recriação como num procedimento pós-moderno de re-leitura.

A laranja, como não poderia deixar de ser, também figura entre os alimentos que compõe o almoço de obrigação descrito em “ A Repartição dos Pães” (26). Digo isso porque é uma das frutas mais comuns nas mesas brasileiras desde há muito tempo...

*“Ao lado do escaldado, e no centro da mesa, vê-se a insossa galinha com o arroz, escoltada porém por um prato de verduras cozidas extremamente apimentado. Perto dela brilha uma resplandecente pirâmide de laranjas perfumadas, logo cortadas em quartos e distribuídas a todos os convivas para acalmar a irritação da boca já cauterizada pela pimenta. Felizmente este suco balsâmico, acrescido a cada novo alimento, refresca a mucosa, provoca a salivação e permite apreciar-se em seu devido valor a natural suculência do assado.” (Câmara Cascudo, 1977, p.144).*

---

(26) Hélène Cixous publicou “Vivre L’ Orange” onde tece algumas considerações a respeito da laranja em relação à obra de Clarice Lispector.

Como menciona Debret em sua descrição sobre o jantar no Brasil de 1816 a 1831 publicado por Câmara Cascudo (1977), a laranja : uma fruta que nos reserva sabores doces e azedos, pode ser capaz de despertar um prazer inusitado ao ser ingerida com outros alimentos. Mas as “laranjas alaranjadas” mencionadas em “ A Repartição dos Pães” além desta possibilidade de sabor trazem consigo uma sonoridade reforçada pela redundância na descrição de sua cor forte. Esta possibilidade de fazer com que o signo extrapole o encadeamento de sons fonéticos e com isso amplie seu significado, sem dúvida aponta para a quarta dimensão da palavra, ou seja, a combinação entre o sonoro e o visual. Novamente o sabor é enfatizado no texto de Clarice Lispector através da frase : “Adoçaria a língua de quem primeiro chegasse”. A natureza é novamente qualificada como doce, e a língua é enfatizada como local da sensação do sabor, e possibilidade de “prazer original” que se contrapõe ao “pecado original” associado à maçã. Novamente temos a idéia da fruta ligada à classificação judaica de proximidade da “emanação original”, ou seja, ao estar aberta ao recebimento, havendo se desvincilhado da casca, a fruta torna-se uma possibilidade de prazer e de um contato direto com a natureza em sua forma mais “natural”.

Transcrevemos aqui novamente a laranja em “ A Ceia Divina” (Lispector, 1978)...

*“Laranja na mesa. Bendita a árvore que te pariu.”  
(Op.Cit., p.16.)*

A laranja participa de uma verdadeira declaração de “Amor à Terra” como é entitulado o texto em A Descoberta do Mundo. (Lispector, 1994 p.212). A exemplo do que ocorre em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992), há aqui uma alusão ao natural, à simplicidade do alimento e especialmente à capacidade produtiva da natureza,

através da laranjeira. Sua condição de mãe ou matriz que gera frutos, ou produz prodigamente, para o mundo.

Apesar de não evocar o caráter de tentação da maçã como em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992), o texto “A Ceia Divina” (Lispector, 1978) alude ao trecho da oração mais rezada dos cristãos : “Ave Maria” : “Bendito é o fruto do vosso ventre...” , que relaciona o fruto (ou obra divina) à maternidade e à natureza como “mãe terra” o que nos remete à laranja como um produto da terra e, por sua vez, a terra como um elemento doador de seus frutos. A transformação de Clarice Lispector inverte o sentido originário da benção da oração, passando do fruto à árvore .

Na classificação judaica das frutas, que por sua capacidade de doação representam alimentos capazes de nutrir melhor ou não o ser humano, a laranja figura no grupo de ASSIÁ que mais necessita de proteção e apresenta menos possibilidade de entrega, ao lado de frutas com casca não comestível como cocos e abacaxis. Tanto em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) como em “A Ceia Divina” (Lispector, 1978) as frutas aparecem com casca, o que faz da laranja um fruto que necessita de um desnudamento para que se possa dela receber os sabores e prazeres. Por outro lado, uma vez que se leia a laranja como texto veremos que representa ainda o alimento em sua fonte mais primária, enquanto criação da natureza. A laranja é metonímia em relação à árvore como a palavra em relação ao texto e o alimento original do texto, é a árvore de onde a obra é gerada.

Filha de uma árvore, a laranja é um corpo gerado que tem sua simplicidade preservada pela ausência de adjetivos. Em sua visão sobre a mesa evoca uma “ceia divina” dada pela naturalidade dos alimentos, reforçando a idéia de que a divindade está

acima dos rituais humanos e a natureza é a sua maior oferenda. Ou seja, que todos estes rituais constituem-se em símbolos profanos aos quais são atribuídos caráter divino. Mas a espiritualidade está na simplicidade da natureza.

Uma outra fruta ainda aparece dentre os textos selecionados para este trabalho : o figo. Em “A procura de uma dignidade” (Lispector, 1992a) temos uma personagem idosa que continua a buscar vida num corpo já envelhecido pelo tempo, onde o figo é o elemento de comparação que cria a imagem de um corpo seco por fora. Mas por dentro esta senhora era diferente...

*“Por fora - viu no espelho - ela era uma coisa seca como um figo seco. Mas por dentro não era esturricada. Pelo contrário. Parecia por dentro uma gengiva úmida, mole assim como gengiva desdentada.” (Op.Cit., p.17).*

O figo é um dos alimentos que por sua forma se assemelham ao útero feminino. Mas o “figo seco” a que se refere o texto seria então um útero envelhecido, sem a capacidade de geração de frutos. No entanto, o corpo da senhora B. Xavier é um figo seco por fora, ou seja, a imagem do corpo é, para a sociedade no qual está inserido, improdutivo, mas por dentro o corpo ainda está úmido, cheio de desejo e por isso repleto de possibilidades de vida. Mas, perdida neste labirinto: “De novo se emaranhou no desejo que era retorcido e estrangulado.” (Op.Cit., p.17) vê no suicídio a “saída” (Op.Cit., p.20) do silêncio, a possibilidade de criação. À luz de Benjamin, Witte (1992) lê a modernidade como um tempo que “tem que estar sob o signo do suicídio” (Op.Cit., p. 105) uma vez que o poeta como herói tem que levar o texto até este extremo. Isto porque pela inerente necessidade de criação do novo, o sujeito da modernidade é destruído por sua incapacidade produtiva.

Mas no texto clariceano o suicídio se dá pelo desejo de expressão, para sair do silêncio que acontece pelo esgotamento do sentido da palavra. Em relação ao figo seco que guarda ainda uma possibilidade úmida em seu interior resta como resíduo para vomitar porque este precisa sair do silêncio. Deixar que as entrelinhas rompam o silêncio que a palavra cortou.

Em “Amor” (Lispector, 1991) a narradora ao descrever o passeio de Ana ao Jardim Botânico retrata frutas sob a ótica do sabor e do pensamento:

*“Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos.” (Op. Cit., p.36)*

Se o “preto” da descrição remonta a uma fruta madura e doce, os caroços secos provavelmente também pretos, são sementes que não germinaram, cérebros podres, incapazes de produzir novos frutos. De um lado temos frutas prontas para serem ingeridas e proporcionarem um doce sabor e prazer, e por outro frutas mortas que voltam ao chão como adubo, nutrição ou fertilização para que a árvore da qual nasceram possa produzir mais frutos e proporcionar mais prazer. Da mesma forma o texto: se Ana provou muitas possibilidades de vida neste passeio, deparou-se com uma realidade de rotina podre, morta. Mas ao final esta lhe serviu de nutrição de vida, uma vida diferente, prenhe de potencial perceptivo. Se o texto ora provoque deleite com seus frutos doces e ora seja podre como os cérebros ocos, ainda assim poderá ser possibilidade de nutrição para que a árvore continue a frutificar, ou o texto a produzir textos. Porque como diz a narradora de “Amor”, “imaginário era um mundo de se comer com os dentes...” (Op.Cit., p.36) que se contrasta a um mundo de experiência que se entrega naturalmente à sensibilidade, um mundo cujos frutos também apodrecem.

Um outro aspecto que se faz necessário explicitar é que a fruta em nossa tradição culinária muitas vezes vira geleia. E é pelo processo de geleificação que a fruta aumenta o seu tempo de vida e a possibilidade de prazer. Seu sabor doce se intensifica pela composição do açúcar fermentado.

Clarice Lispector também nos fala de uma geleia, no entanto esta é na verdade um corpo vivo que por sua viscosidade pode espalhar-se pelo mundo e ocupar várias formas e espaços. Assim um “texto-geléia” seria um texto que ultrapassa o sentido literal do papel . Nascendo pela transformação da palavra natural (fruta) ele se tece em outros textos com acréscimos (açúcar) e se forma (geleificação) pelo trabalho de um “corpo muscular” (culinária). É um corpo vivo, uma matéria de produção de formas com uma vida além do instante de criação (modernidade).



## CEREAIS :

As “Barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca...” mencionadas no texto “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) apesar de não dizerem respeito ao alimento propriamente dito são uma importante alusão ao milho, principalmente em seu aspecto de maduro, de comestível, além de caracterizarem a salivação provocada pelo alimento próximo à boca. Esta descrição revela a sensualidade contida nos alimentos, tanto na sugestão do contato físico com a comida, como pela idéia da imagem da barba de um homem roçando na boca. Esta é, sem dúvida, a possibilidade de nutrição de um corpo erógeno dada pelo texto de Clarice Lispector. Um texto que apela para o sensorial, que descreve o desejo pelo contato físico com as palavras e pelo imaginário do leitor.

As “espigas de trigo” mencionadas no mesmo texto expõem um trigo ao natural, nos dando a idéia de uma oferta pelo resultado da colheita, da produtividade da terra, ritual muito utilizado pelos ingleses quando passaram a morar na América, que até hoje é lembrado através do “*Thanks giving day*”. Sua cor de ouro lhe confere um valor simbólico de preciosidade, um valor material, por outro lado, é símbolo da eucaristia católica, do corpo de Cristo (valor espiritual).

Ainda na descrição do almoço de obrigação “junto ao prato um ramo de trigo” o qual reforça mais a idéia de agradecimento pelo alimento de todo o dia e lembrando aos convidados que a terra é a mãe produtora do que nos nutre a cada dia com o pão que é produto do trigo e sustento básico :

*“... o produto mais importante do trigo é o pão, que de maneira muito geral e simples consta da mistura de farinha com água e fermento, cuja massa resultante vai ao forno. São múltiplas as variedades de forma e composição do pão, as arredondadas, achatadas, alongadas, o pão de forma. Os pães para regime entre os quais o de glúten”. (Schroeder, 1995, pp. 252-253).*

*“O pão ázimo usado pelos israelitas, que tradicionalmente o relembram como o pão sem fermento que no êxodo do Egito, seus antepassados foram obrigados a fazer e consumir.*

*O pão resulta do cereal sólido, convertido em farinha, a seguir misturado à água e ao fermento e submetido à ação do calor. (...)*

*‘O pão nosso de cada dia nos dai hoje’... ficou para sempre como símbolo do alimento corporal ...” (Op.Cit., pp. 252-253).*

O “pão” em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) é alimento considerado a base alimentar, constituído por farinha de trigo, água e fermento. Ou seja “alimento corporal” que sacia a fome física. Vale lembrar que é um alimento que ao contrário das frutas “naturais” da qual tratamos anteriormente carrega a marca da cultura por ser manufaturado, ou seja, o trigo tem de ser transformado em farinha para o preparo do pão, os lêvedos tem que ser incorporados à massa para que esta cresça, sem contar o fato de que deve ser assado. Mesmo o chamado “pão ázimo” utilizado em rituais religiosos judaicos, sem gordura e sem fermento, sem sal ou açúcar, ainda carrega a mão do homem transformando a natureza do trigo além de toda a carga simbólica que lhe foi atribuída através dos tempos:

*“Os dois pães de sábado representam este alimento, o MANÁ, que surgia todas as manhãs em porções diárias.” (Bonder, 1989, p.29).*

*“No mundo da ASSIÁ, ou literal, conta-se que, na pressa de sair do Egito, não houve tempo para levedar os pães e no deserto o pão ázimo tornou-se o símbolo daquele momento histórico de liberdade.” (Op.Cit., p.31).*

Por isso o valor simbólico do pão, especialmente no aspecto religioso, é muito importante. Pode ser a tradição do “Pão Nosso” cristã atribuída a sua raiz judaica, em que é símbolo de libertação. Por isso ao tratarmos a palavra como pão, falamos desse retorno ao originário de criação, recorrente na obra de Clarice Lispector.

Estar viva significa ter comido, ter se alimentado e para que o texto exista é necessário um processo consciente de nutrição, uma seleção de palavras e de sentidos. A possibilidade de apropriar-se do texto, de nutrir seu corpo erógeno está incluída nas palavras de Barthes (1987) : “O texto está ligado ao gozo, isto é ao prazer sem separação.” (Op.Cit., p.78).

O pão alimento sagrado, corpo de Cristo na ceia do Senhor, é muito mais que um amontoado de amido é a incorporação de toda uma cultura, é a apropriação simbólica do místico. Rico em carboidratos, produtores de energia no organismo humano, o pão é um alimento importante no hábito alimentar de diversas culturas, pelas quais toma formas diversas :

*“O francês sugere uma baguette ou, melhor ainda, croissants, cuja história, bastante improvável, ele insiste em contar a todos: para celebrar a vitória da Áustria contra os invasores turcos otomanos, os padeiros criaram um pão com a forma da lua crescente da bandeira turca, afim de que os vienenses pudessem devorar o inimigo na mesa, da mesma maneira que fizera no campo de batalha.” (Ackerman, 1996, p.169).*

*“A fécula é a base do pão, dos biscoitos e de purês em geral, e por isso está presente em boa parte da alimentação de quase todos os povos.” (Brillat-Savarin, 1995, p.72).*

*“O pão é, com a carne, a principal substância nutritiva do homem civilizado de raça branca.” (Câmara Cascudo, 1977, p.20).*

Clarice em seu texto “Trecho” (Lispector, 1994) reconhece a singeleza e importância do pão:

*“Agora eu conheço esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo exatamente o desamparo de estar viva. De estar viva - senti - terei que fazer o meu motivo e tema. Com delicada curiosidade, atenta à fome e à própria atenção, passei então a comer delicadamente viva os pedaços de pão.”*

Ao mesmo tempo fala do trabalho do escritor, da dificuldade de produzir textos e da necessidade de estar sensível ao processo de nutrição, desde os alimentos simples aos complexos a fim de que o texto componha essa textura complexa de formas diversas. De acordo com uma dialética que se estabelece entre a “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) e “Trecho” (Lispector, 1994) temos dois paradoxos que se entrecruzam. Trigo/pão e matéria bruta, não elaborada/produto, elaborado. O texto de Clarice não situa-se em nenhum destes extremos, mas os combina na sua amplitude texturológica (27). É palavra bruta como matéria a ser trabalhada e é o texto como literatura, ser objeto de nutrição.

Este paradoxo presente nos textos é enfatizado por Barthes (1987) :

*“um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram uma com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas a um lugar onde esta multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor ...” (Op.Cit., p.70)*

Isto diz respeito à já mencionada correspondência tautológica envolvendo o pão no texto “Dia após Dia” ( “Pão, pão, queijo, queijo”, Lispector, 1991, p.72), onde a realidade é traduzida como a impossibilidade de desviar-se da rota dos sentidos, da necessidade de se ter apenas uma significação para cada palavra, um código de exatidão que não cabe às palavras.

Em uma combinação de pão com manteiga que aparece em “Felicidade Clandestina” (Lispector, 1991b) e “Viagem à Petrópolis” (Lispector, 1992) ou o

---

(27) DELEUZE, Gilles. A Dobra, Leibniz e o Barroco, São Paulo, Papirus, 1991.

“Grande Passeio” (Lispector, 1991) temos a idéia de um alimento trivial ligado a coisas simples, um viver cotidiano. Este trivial aparece na espera da menina (“Felicidade Clandestina”) que por desejar o livro que estava em poder de sua amiga imagina ter pela frente a possibilidade de um banquete. Prefere postergar ou prolongar o trivial da fome biológica (Op.Cit., p.18), uma vez que o lhe importa é poder vislumbrar clandestinamente a saciedade de seu corpo erógeno. O pão figura, apesar disso, como no rebaixamento do trivial pelo aflorar do instinto da senhora (“Viagem à Petrópolis”) de comer o que lhe mate a fome biológica ( “fome furiosa”) . “Come o pão como um rato” (Op.Cit., p.77) mesmo que seja um “pão com manteiga ressecada” (Op.Cit., p.77). O alívio da senhora que é “Mocinha” se proporciona pelo pão, o qual lhe faz recuperar a memória ainda que parcialmente. Aqui temos explicitamente o processo de nutrição anterior mesmo ao da possibilidade de produção textual : nutre-se para lembrar e para vislumbrar, na narrativa, no caso o passado de “Mocinha”; o relato de sua vida, este “grande passeio” pelo tempo.

A manteiga aparece aqui como mero coadjuvante, como uma possibilidade a mais de sabor, embora também não muito exacerbado. Segundo Câmara Cascudo (1977, p.23) o pão com manteiga digere se mal dado o alto teor de gordura desta última. No entanto é um componente altamente calórico ampliando a composição nutritiva do pão. Mas nem para a menina de “Felicidade Clandestina” (Lispector, 1991b), nem para “Mocinha” isto é a questão principal, o que importa é a possibilidade de saciar a fome.

Já em “A Solução” (Lispector, 1992) Almira come o pão com a avidez de costume (Op.Cit., p.86) quando se dá o clímax do relato. Engasga-se com o pão ao ter a realidade jogada em sua cara pela amiga Alice, isto feriu o imaginário de seu corpo

erógeno e desencadeou o ato de agressão. Almira G. de Almeida, é “G” de gorda , mas em seu mundo de docilidade e amor não cabia a censura da sociedade que a condena por sua estética “fora do padrão”. Assim, por ter a face imaginária de seu corpo confrontada com o real, Almira vê frustrada a fome de seu corpo erógeno, a insatisfação do desejo de ser amada pela amiga, antes objeto de carinho e amor. Pela agressão, pela violência tem seu desejo saciado, retomado, mesmo que à margem da sociedade, voltando à sua docilidade e apetite anteriores.

Ao final de “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) a narradora nos dá uma definição de pão:

*“Pão é amor entre estranhos”. (Op.Cit., p.32).*

Pão é, então, uma metáfora de compartilhar vivência e linguagem um alimento cuja carga simbólica fica entre o ideal e o real, matéria que se des-materializa. É a possibilidade de produção textual que figura tanto na exuberância de um banquete como na trivialidade de uma simples refeição diária, no profano e no sagrado, no ritual e na rotina, na palavra ou em outros textos. Pão é texto e nutrição.

## LEGUMES :

Os legumes também figuram neste trabalho como elementos que compõem um núcleo proliferador de sentido por representarem séries que puxam outras séries compondo um texto rico em significados. Esta pródiga produtividade se relaciona também à terra que por sua capacidade geradora proporciona alimento para o mundo.

A exuberância, sem dúvida, está nas “enormes cenouras amarelas”, de “A Repartição dos Pães” de Clarice Lispector (1992) que além do destaque dado ao seu tamanho descomunal remetendo a uma terra fértil, tem no retrato da cor viva o frescor de alimento natural, saudável. Por outro lado, as cenouras são usadas no ritual judaico como símbolo de prosperidade:

*“Rodelas de cenoura se assemelham a moedas de ouro, e simbolizam a expectativa de um ano próspero.” (Bonder, 1989, p.29)*

Se para os judeus são moedas de ouro, riqueza material, no texto de Clarice são riqueza de vida, alegria.

O aspecto fálico desta raiz adocicada, que por ser “enorme” faz-nos pensar numa capacidade afrodisíaca da descrição em si, e portanto na possibilidade de nutrição do corpo erógeno. Um almoço que a princípio era de obrigação, “sem a benção da fome” (Op.Cit., p.30) provoca, por sua exuberância, o despertar do desejo, porém um desejo não profanado, um desejo pelo prazer do alimento à boca do texto e da beleza da mesa com o colorido das palavras. Uma busca da satisfação da pulsão provocada pela visão dos alimentos.

Os pepinos, como já mencionei anteriormente, são legumes rígidos, ricos em água que possuem uma casca grossa, e esta solidez e liquidez aparece contrastada em

“A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) demonstrando sua riqueza do ponto de vista nutricional e verbal. Um texto que remete à matéria e aos seus relacionamentos nas formas de liquidez e solidez, de som e cor (“laranjas alaranjadas”), de luz e sombra (trigo e uva), de interior e exterior (a melancia), etc... é um texto rico em possibilidades de leitura pelo inusitado das novas conformações de texturas.

Se em “Come, meu filho” (Lispector, 1991b) a palavra pepino parece irreal ao seu observador, quando comparada a seu aspecto físico, pelas sensações descritas pelo personagem, temos a materialização da palavra e das sensações ao mesmo tempo, e o alimento se revela, então, objeto de nutrição física e intelectual.

*“Pepino não parece irreal (sic) ?” (Op.Cit., p.46).*

*“A gente olha e vê um pouco do outro lado, é cheio de desenho bem igual, é frio na boca, faz barulho de um pouco de vidro quando se mastiga. Você acha que o pepino parece inventado ? (Op.Cit., p.47).*

Aqui, a transparência que o pepino como matéria pode despertar é um visual capaz de aguçar o apetite dos mais curiosos. É a possibilidade de olhar o de-dentro em oposição ao de-fora, ver que pepino é pepino e não se verificarão novos desenhos. Mas o pepino pode ser ainda analogamente comparado ao vidro que além de ser transparente pode fazer o mesmo barulho se mastigado, embora não seja comestível. O alimento por suas características físicas pode despertar a imaginação de um possível inventor, capaz de criar algo comestível e transparente ao mesmo tempo, que provoca barulho na sua mastigação contrariando as regras de etiqueta à mesa. No entanto, alimentos crocantes que provocam pequenos estalidos são capazes de despertar o apetite de quem come e os que estão à sua volta. Assim, o texto que “faz barulho”, que surpreende o leitor pelo inusitado é um texto que desperta a curiosidade e o desejo de leitura.



Como a textura de vidro interior do pepino, olhar o de-dentro de um texto pode ter a transparência, cuja a incorporação se revela como descoberta (os cacos de vidro) e uma experiência intransferível como é o sabor da palavra “*inreal*”, que mescla, na pronúncia errada do menino, o real e o ideal da matéria incorporada, a invenção do pepino e o pepino de verdade.

Como já mencionei anteriormente, em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) ao descrever a mesa do almoço de sábado, a narradora, pela combinação de palavras descreve juntamente com o aspecto visual do alimento características gustativas, mudando os órgãos dos sentidos :

*“Pimentões ocos e avermelhados que ardiam nos olhos”. (Op.Cit., p.30).*

*“... ou um cacho de rabanetes ardentes”. (Op.Cit., p.30).*

Em ambos os casos à intensidade da cor vermelha é associada a sensação de ardência característica de pimentões e rabanetes, pelo sabor adstringente que provocam. Esta forma descritiva acaba não só por aproximar palavra e alimento físico, mas o que arde na boca passa a arder nos olhos e essa transferência aumenta a intensidade da cor vermelha.

Dobrar a cor visível no sentir o gosto ardido dos pimentões é a matéria barroca de uma texturologia. Dobrar a cor (o visual) em paladar (o pimentão) de uma texturologia (Deleuze, 1991) que se desdobra das fronteiras do papel : um texto que se pinta, multicolorido, que se cheira, que se sente, enfim. Sabemos que a cor é um ativador, pelo sentido visual, especialmente o vermelho que carrega a marca do desejo, da violência, da carne.

Na visão do “ cacho de rabanetes” temos mais uma vez a evocação à naturalidade dos alimentos e a produtividade da mãe-terra. Assim parece ser a natureza do texto produtiva na sua proximidade com a fonte de “emanação original” como quer a tradição judaica.

O tomate apesar de ser biologicamente considerado “fruto” inclui-se na série dos legumes pelo fato de aparecer no texto “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) descrito junto com os mesmos. A narradora relata sobre “redondos tomates de pele quase estalando” e “redondos para ninguém”. Frutos próximos da emanação original uma vez que sua pele fina está para romper-se evocando seu estado de maturidade, mas ao mesmo tempo suficiente por si só em sua naturalidade. Independente de seu produtor, maduro, o tomate se oferece à emanação de linguagem como os outros alimentos, sem se direcionar a um leitor ele é textura, por se apresentar maduro e assim oferecer-se no ápice de seu processo de desenvolvimento de fruto como matéria ou textura em seus diversos traços naturais anteriores. No oferecimento de sua textura (ou seja, como texto e como matéria) há um espelhamento entre o texto e o leitor. Barthes nos esclarece sobre a falta de especificidade no leitor :

*“... o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia: ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é construído o escrito”. (Barthes, 1987, p.70).*

Em “O que é o autor ?” Foucault trata de um autor que é dispensável na sua característica de detentor do conhecimento uma vez que:

*“...a escrita é um jogo ordenado de signos que se deve menos ao seu conteúdo significativo do que à própria natureza do significante ...[e que] ...desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além de suas regras...” ( Op.Cit., p.35)*

A dobra da matéria no texto, a texturologia, é também a correspondência entre o texto e o leitor, o objeto e o sujeito correlacionados (28).

Barthes (1987) já anuncia estas correlações deleuzianas barrocas ao aludir à pluralidade do texto :

*"O texto é plural. Isto não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido : um plural irreduzível ( e não apenas aceitável). O texto não é coexistência de sentidos, mas passagem, travessia; não pode, pois depender de uma interpretação, ainda que liberal, mas de uma explosão, de uma disseminação." (Barthes, 1987, p.74).*

*"O eu que escreve o texto, também nunca é mais que um eu de papel." (Op.cit. p.76).*

Esta "morte do autor" (Barthes, 1987) está na idéia de que a escritura é sempre uma re-escritura e uma leitura do passado e de outros textos. Assim, não é possível ser original como se pretendia anteriormente:

*"O escritor só pode imitar um gesto sempre anterior, jamais original; seu único poder está em mesclar as escrituras em fazê-los contrariar-se umas pelas outras, de modo a nunca se apoiar em apenas uma delas, quisera ele 'exprimir-se', pelo menos deveria saber que a 'coisa' interior que tem a pretensão de traduzir não é senão um dicionário todo composto, cujas palavras só se podem explicar através de outras palavras..." (Op.Cit., p.69).*

Clarice Lispector (29) também nos fala da existência deste 'dicionário' ao qual pode-se recorrer para encontrar a "palavra salvadora":

*"Agora estou comparando minha vida com esse dicionário caleidoscópico : só acho nela sentido se o acaso me der. Sei que há em mim e em torno de mim significados. Mas como achá-los ? Como procurá-los ? Quero saber o meu sinônimo e nem mesmo a palavra que teria o meu sinônimo eu não posso procurar. E a vida é curta demais para eu ler o grosso dicionário e de por acaso descobrir a palavra salvadora".*

---

(28) DELEUZE, Gilles. A Dobra, Leibniz e o Barroco , São Paulo, Papirus, 1991.

(29) Entrevista publicada por Waldman, 1992, p.19.

É ao descrever um menino comendo sem vontade um prato de tomates e cebolas frente a uma senhora que deseja ao menos um pouco de café para recobrar sua energia vital que está se esvaindo, que a narradora de “Viagem a Petrópolis” (Lispector, 1992) expõe o contraste entre a fome pulsional e o ingerir alimentos não comandada pela fome biológica, mas por vezes necessária para nutrir o intelectual . O fator determinante da diferença entre os dois tipos de fome é sem dúvida econômico.

Câmara Cascudo (1977). nos fala da cebola em seu valor simbólico intelectualizante, e menciona o conteúdo de fosfatos deste alimento que o fazem cumprir esta função revigorante da memória no organismo humano.

*“A cebola recomenda-se pela sua notável riqueza em fosfatos (...) a cebola é não só um condimento indispensável para complementar o papel do vinho de alhos, mas, ainda, um alimento intelectualizante de primeira ordem.” (Op.Cit., p. 25).*

Ainda o contraste do branco e do vermelho retrata o choque entre a vitalidade do menino e perspectiva de morte da senhora.

Como já exemplifiquei na introdução deste capítulo o “chuchu de um verde líquido” que aparece em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992), da mesma forma que os pimentões e rabanetes têm suas característica nutricionais explicitadas na aparência. Esta combinação é sem dúvida a busca da quarta dimensão da palavra (30) , da palavra salvadora da qual nos fala Clarice Lispector através de sua obra. Palavra essa que é mais que um signo lingüístico isolado, mas que constitui seu sentido pela relação que estabelece no texto.

---

(30) Deleuze em Logica del sentido (1989) define esta quarta dimensão da palavra : “El sentido es la cuarta dimensión de la proposición (...) el sentido es lo expresado de la proposición, este incorporal en la superficie de las cosas, entidad compleja irreductible, acontecimiento puro que insiste o subsiste en la proposición.” (Op.Cit., p.41). Em A Dobra, Leibniz e o Barroco, Deleuze (1991) aborda a matéria em suas dobras (passagens) da texturologia à logologia. É propriamente o que ocorre na busca à quarta dimensão da palavra em Clarice Lispector.

Os “maxixes eriçados como porcos-espinhos”, tipo de chuchu com espinhos, como o abacaxi, revela uma natureza selvagem em contraste com esta natureza despojada em oferta, santificada pelos rituais religiosos. É o profano fazendo parte da vida , do almoço de sábado, é o rompimento com a religião enquanto instituição massificadora, assim como da literatura como instituição totalizante.

Pode-se perceber ainda uma alternância entre frutas e legumes em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) cores fortes e marcantes, um verdadeiro banquete em variado sortimento de vitaminas e minerais. Vemos que Clarice Lispector reconhece a importância das cores no despertar do apetite. Além disso, pelo uso dos adjetivos desestabiliza os órgãos associados aos sentidos, assim como remete um sentido a outro, provocando estranhamento, novos sentidos. Esses emanam da matéria de que se tecem os alimentos e das formas em que estes se apresentam em seus movimentos na terra (verdes, menos ou mais maduros, etc...).

## **CARNES : Carnes bovinas, peixes, crustáceos, galinhas :**

### **1. Carnes :**

*“A carne, o peixe, o leite e os ovos são os alimentos que nos dão os albuminóides [proteínas] sob a forma mais prontamente utilizável e mais aproximada da constituição dos nossos tecidos. Os albuminóides de origem vegetal, tais como a legumina a amandina e o glúten, precisam para ser utilizados, de um trabalho de assimilação mais difícil e prolongado.” (Câmara Cascudo, 1977, p. 19).*

Câmara Cascudo fala de uma carne de vaca que após ingerida tem a albumina bovina, que se recompõe no corpo e forma a albumina humana com seus aminoácidos (Op.Cit., p.7). A importância da carne sob o ponto de vista nutricional é inquestionável, uma vez que a proteína, seu componente principal, é imprescindível à formação e recomposição do corpo humano.

Mas Clarice Lispector nos fala de uma carne que é corpo em “A Repartição dos Pães”. A carne foi comida . Os canibais sentaram-se à mesa, comeram o corpo de Cristo numa representação pagã. Os ossos não fizeram parte do banquete, estes a terra há de comer, voltará ao pó, continuará servindo de alimento. E comeram “carne trinchada” pronta para comer, na qualidade de oferenda, e não carne crua , que segundo Brillat-Savarin (1995) não encerra nenhum inconveniente do ponto de vista nutricional:

*“A carne crua tem apenas um inconveniente : o de prender-se aos dentes por causa da sua viscosidade; afora isso, não é desagradável ao gosto. Temperada com um pouco de sal, é facilmente digerida e deve ser mais nutritiva que qualquer outra.” (Op.Cit., p. 256-257).*

*“[Mas] uma vez conhecido o fogo, o instinto de aperfeiçoamento levou os homens a aproximar das chamas as carnes, primeiro para secá-las, depois para cozê-las sobre as brasas.*

*A carne assim tratada foi considerada bem melhor : ela adquire mais consistência, mastiga-se com mais facilidade; e a osmazona (vide nota 24), ao tostar-se, exala um aroma que não cessou de nos agradar.” (Op.Cit., p. 258).*

Assim temos no texto de Clarice Lispector um ritual de sacrifício sob a égide da cultura, uma vez que é cultural o hábito de cozinhar a carne antes de ingeri-la. Em O Cru e o Cozido Lévi-Strauss (1991), através dos diversos mitos indígenas sobre a descoberta do fogo, marca estruturalmente o cru e o cozido como equivalentes à diferença entre natureza e cultura.

A modificação transformadora pelo processamento dos alimentos também é lembrada no texto “Come, meu filho” (Lispector, 1991b) :

*“Para você carne tem gosto de carne?... da carne pendurada no açougue?... E nem da carne que a gente fala . Não tem gosto de quando você diz que carne tem vitaminas. (Op.Cit., p.47)*

Sem muita ênfase a carne modificada sob o formato de bife, muito utilizada na culinária brasileira é mencionada em “Amor” (Lispector, 1991) : “Andava de um lado para outro na cozinha , cortando os bifes, mexendo o creme”. (Op.Cit., p.40).

A maioria das pessoas seria incapaz de comer carne crua direto do açougue, mas no entanto são assíduos degustadores de churrascos e outras iguarias preparadas com carne, subentende-se aqui carne bovina. Ao mesmo tempo que reconhece que os alimentos são iguarias a serem degustadas e não um amontoado de nutrientes capazes de nutrir um corpo .

Temos aqui uma questão dialética entre os valores nutritivos e os valores gustativos que os alimentos encerram. Os alimentos saciam então por seu componente químico ou pela sensação de prazer que podem provocar pelo paladar? Estamos longe de buscar comida por nossa fome biológica comemos para saciar nossa pulsão, nosso desejo por experimentar sabores, vivenciar o alimento como um mundo a ser explorado e a partir dele proporcionar a este nosso mundo outros nutrientes.

Da mesma forma que a carne sofre influências culturais em seu processo de tornar-se alimento apreciado, a palavra é entrecruzada por significações pertencentes a uma cultura hegemônica:

*“O plural do texto prende-se, efetivamente, não à ambigüidade de seus conteúdos, mas ao que se poderia chamar de pluralidade esteriográfica dos significados que o tecem (etmologicamente, o texto é um tecido)”. (Barthes, 1987,p.74).*

Assim todo texto se torna esta polifonia (Barthes, 1987) esta múltipla possibilidade de vozes. Dentre estas vozes temos no texto “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) a carne participando de um ritual caracteristicamente judaico. Por isso, cabe lembrar que a carne para os judeus é um alimento que necessita passar por um certo ritual para que possa ser ingerida :

*“Para que a carne se torne passível de ingestão (Kasher), é primordial que o animal seja abatido da forma menos dolorosa possível.” (Bonder, 1989, p. 84).*

*“Toda carne para consumo doméstico deve provir de morte ritual. Há normas que regem sua venda nos açougues.” (Queiroz, 1988, p.8)*

Há, de acordo com a cultura, e especialmente, com a crença religiosa, uma diferença em relação ao consumo de carne:

*“Os hindus não comem carne; o boi é para eles animal sagrado.” (Câmara Cascudo, 1977, p.16).*

*“A carne cozida é um alimento saudável que aplaca prontamente a fome, que se digere bastante bem mas que não restaura muito, porque a carne perdeu na ebulição parte dos sucos animalizáveis.” (Brillat-Savarin, 1995, p. 79).*

*“No regime misto, a carne não pode deixar de entrar em preponderante proporção : é ela a mais ativa fonte de energia cerebral nos tempos modernos.” (Câmara Cascudo, 1977, p. 15).*



Mas retomando a questão dos judeus, que refere-se diretamente ao texto de Clarice Lispector, esta idéia da existência de um ritual anterior, ao almoço de obrigação propriamente dito, embora não explícito, nos faz pensar no processo de produção textual como um ato de nutrição do corpo muscular, ou seja do corpo que trabalha por assim dizer anterior à produção do texto. É na “depuração” da palavra que o escritor encontra seu texto, é em despi-las do significado convencionalizado em seu valor simbólico cultural que recupera os sentidos incluídos na mesma, amalgamados pela cultura.

Já em “Por Enquanto” (Lispector, 1991a) a carne-corpo da qual nos fala a narradora é endurecida pela vida, mas vê num almoço de família a possibilidade de celebração da vida semelhante ao ritual religioso do *Shabat*. Cabe novamente ressaltar que a carne para ser consumida pelos judeus precisa passar por um ritual de santificação. Mas no texto é necessário também o vinho para que o ritual se concretize. Tanto pela representação do sangue que dá vida nos rituais cristãos, seja pelo devaneio, ou melhor, pela libertação dos sentidos que a bebida alcoólica pode provocar num ritual pagão.

A refeição-ritual é, então, a possibilidade de resgate do passado para produção textual na qual se busca no cotidiano elementos que dêem vitalidade ao texto. Isto porque estas celebrações estão sempre a buscar a vivificação, ou seja, a recuperação de seu sentido originário.

## **2. Peixes :**

Ao ver o “quadro de uvas e peras e peixe morto brilhando nas escamas” a rapariga em seu “devaneio” (Lispector, 1991, p. 23) recupera a vida que há na “natureza morta”. Atendo-nos especificamente ao peixe que embora morto mantém suas características de peixe fresco (“brilhando nas escamas”), temos neste um alimento em ofertório para incorporação. Reler a “arte” morta na natureza é reverter o processo, ou seja, recuperar

na natureza os nutrientes para a produção de vida. A pintura nutrindo culturalmente a literatura, e a literatura que se nutre a si mesma e a outros textos.

Podemos falar de uma outra perspectiva de origem da vida, a partir de uma arte morta. Ou da vida humana da “água” ao invés do “macaco” ou do “big bang”:

*“Alguns homens de ciências, aliás pouco ortodoxos, afirmaram que o oceano havia sido o berço comum de tudo o que existe; que a própria espécie humana se originou no mar, e que devia seu estado atual apenas à influência do ar e dos hábitos que foi obrigada a adquirir para viver nesse novo elemento.” (Brillat-Savarin, 1995, p.90).*

Este questionamento da “verdade” científica se deu também na literatura que passou a preconizar o outro tipo de texto a partir de outra origem que não fosse divina, nem tão pouco “original”:

*“... a escritura é a destruição de toda a voz, de toda a origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito ...” (Barthes, 1987, p.65).*

Do ponto de vista nutricional até há pouco tempo acreditava-se na inferioridade do peixe como fornecedor de proteína ao organismo humano, como atesta Brillat-Savarin (1995):

*“É certo, porém, que o peixe é bem menos nutritivo que a carne de gado, seja porque não contém osmazoma (vide nota 24) , seja porque, sendo mais leve em peso, possui menos matéria em igual volume.” (Op.Cit., p. 92).*

No entanto, sabe-se atualmente que se trata de uma das mais saudáveis fontes proteicas dada a ausência do colesterol, gordura presente na carne bovina que favorece a doença do aparelho cardio-circulatório. Mas não foi uma descoberta científica que passou a valorizar o peixe, mas sim uma releitura dos conhecimentos anteriores a respeito de sua participação nas dietas de diversas culturas. Da mesma forma, a arte morta” ao ser relida sob a lógica do sonho suscita uma outra possibilidade cultural que é o texto.

### 3. Crustáceos :

Ainda em “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” (Lispector, 1991) a protagonista metamorfoseia-se em lagosta um animal que apesar de grotesco em sua aparência física, tem pela cultura uma imagem de exótico, exuberante e de luxúria. Sua carne branca e doce faz com que seu exterior e interior se tornem paradoxais. A rapariga-lagosta é alva e cândida, mas em seguida transforma-se no escorpião, que apesar da aparência semelhante à lagosta traz consigo a ferocidade do veneno letal. No estado letárgico da bebida a personagem introjeta-se ao ponto de ver sua “carne alva ...[e] doce como de uma lagosta” metamorfoseando-se em seguida em escorpião, o que a possibilitaria soltar todo seu veneno contra os padrões comportamentais vigentes. Então, esta mulher capaz de produzir palavras doces, pode, a mercê de sua vontade, torná-las amargas e ameaçadoras. Temos assim o sentido ambivalente de *pharmakós* : alimento e veneno (31).

O texto acaba por revelar que há um lado do ser humano que o álcool torna-o capaz de libertar pelo sonho e transgredir os valores sociais hegemônicos que, são aceitos por este mesmo corpo social ao explicá-lo como anomalia ou descontrole comportamental, possível de ser corrigido mediante a um retorno à disciplina e ao conformismo. Sob o prisma da produção literária, temos a liberação do imaginário do leitor, o que pode levá-lo a sentidos inesperados, que repousam no interior dos textos à espera de sua ousadia.

---

(31) SANTIAGO, Silviano. “Desconstrução e Descentramento”. In : Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 32: 76-97, Jan-Mar., 1973.

Em “Amor” (Lispector, 1991) a ostra é um elemento metafórico para o isolamento da protagonista. Fechada como uma ostra, em cujo interior a vida pulsa e a fome de viver é voraz, Ana não pode mais deixar de perceber que “ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente”. Da mesma forma que o ovo que espalha seu conteúdo de uma viscosidade nuclear após ter se partido, a ostra também contém esta vida “ameaçadora” e pode potencialmente escapar à rede da rotina e com isso extrapola os seus limites para uma vida diferente. Ana não é mais a mesma após este episódio assim como o sujeito que se nutre do texto.

#### 4. Galinhas :

A galinha é um alimento, grande fonte de proteínas, muito utilizado na nossa gastronomia :

*“Não nos contentamos com as qualidades que a natureza deu aos galináceos; a arte se apoderou deles, e, com o pretexto de aperfeiçoá-los, os converteu em mártires. Não apenas os privamos dos meios de se reproduzirem, como também os mantemos em confinamentos, na obscuridade, forçando-os a comer, e assim levando-os a uma opulência que não lhes estava destinada.(...)”*

*Assim aperfeiçoada, a ave doméstica está para a cozinha assim como a tela para os pintores, (...) servimo-la cozida, assada, frita, quente ou fria, inteira ou em partes, com ou sem molho, desossada, desmembrada, recheada, e sempre com igual sucesso.” (Brillat-Savarin, 1995, p. 80).*

É ainda um alimento muito mencionado nos textos de Clarice Lispector. Em “A Galinha” (1991), por exemplo, a narradora relata que esta ave, prato principal do almoço, ao mostrar sua capacidade de gerar vida passa a ser encarada de outra forma por seus canibais, ao invés de alimento torna-se objeto de adoração, fetiche, por isso decidem preservá-la. No entanto, após certo tempo, esquecida a sua capacidade produtora, o animal volta a tornar-se alimento em potencial, e é por fim devorado. O caráter devorador da antropofagia oswaldiana possibilitou que os textos do passado,

alimentos ricos para futuras produções, pudessem ser incorporados através do canibalismo à literatura propriamente dita e que fossem assim desarquivados. O modernismo foi, como diz Lúcia Helena (32), “um veto radical ao conservadorismo artístico-social e uma relativização de valores”. Assim, o valor institucionalizado de literatura como arte sagrada se rompe, “a ‘boca antropofágica’ deglute todos os signos-emblemas da cultura oficial e se faz porta-voz de um signo novo, não transcendentalizável, que anuncia uma alegoria corrosiva” (33). A arte passa então a ser produtora de arte, a qual culmina na auto-reflexividade das obras pós-modernas. Isto não quer dizer que seja possível precisar onde termina o modernismo e começa o pós-modernismo (34).

O texto de Clarice Lispector por sua linguagem dialógica embora nos conte a história do avanço da literatura no sentido de alcançar o modernismo, nos diz que “passaram-se os anos”. Neste sentido coloca-se fora desta linha de produção, apesar de reconhecer sua significativa importância, no sentido de desacomodação dos cânones e produção de novas possibilidades de escritura. No entanto, sua escritura não aponta para a ruptura radical, nem para um futuro promissor, mas sim abre portas para a leitura intertextual, entrando no contemporâneo, onde todos os tempos estão presentes.

Em “O ovo e a galinha” (Lispector, 1992) a narradora ao descrever a galinha e seu ovo, transforma-se ela mesma em galinha, provocando uma dupla produção de ovo/texto, sendo que a galinha é o instrumento para a produção do ovo, do texto. Alimento e palavra se combinam num binômio de produção literária.

---

(32)LÚCIA HELENA. Uma Literatura Antropofágica, 1983 p.96.

(33)Op. Cit., p.99.

(34)" A arte moderna ensinou-nos a deixar a tradição, isso deve ensinar-nos a romper com a tradição da arte moderna". DIETER KOPP, in "O Enigma Pós-moderno" de SEVCENKO, 1993 p.52.

A exemplo da mulher em Água Viva (Lispector, 1980) que tem leite para dar, através de uma partenogênese ( “...comi minha própria placenta...” ), o que ao mesmo tempo só é possível pelo trabalho (corpo muscular); a galinha produz ovo sem a responsabilidade do que sai dela. É com esta mesma distração do ato de produzir que o instante do processo já é produto, não se sabendo quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha. O produtor é ao mesmo tempo produção e consumo e a galinha textualidade/corporalidade, literatura/nutrição. E neste jogo impossível de saber qual é o elemento original, o produtor se torna anônimo da mesma forma que a senhora B. Xavier em “A procura de uma dignidade” (Lispector, 1992a) : “De pé no banheiro era tão anônima quanto uma galinha.” (Op.Cit., p.18). O que vale é o texto como possibilidade de nutrição e não a origem da sua produção. A matriz de autoridade desaparece dando lugar ao seu produto anônimo. Se o ovo faz parte da questão do que veio primeiro, o ovo ou a galinha ? Em “O Ovo e a Galinha” (Lispector, 1992), o que está sendo questionado é a origem, que na verdade não existe já que um depende do outro. Essa questão nos remete à morte do autor, na modernidade, abordada tanto por Foucault quanto por Barthes (Op.Cit.,p.34). Da matéria anônima representada pelo ovo, resta-nos a sua textura, sua viscosidade nutritiva que se desdobra em mil outras formas, ou maneiras de processamento. O ovo, como alimento que é, assume duplo sentido quando pode ser nutrição do corpo e quando representa riqueza do mundo.

E é por este duplo sentido dos ovos de serem alimentos e de serem células detentoras de vida que se produz o texto “Amor” (Lispector, 1991). A partir do ato trivial de ver os ovos quebrados no chão, Ana vive a experiência da vida que se espalha exatamente como o ovo a se esparramar, o que desestabiliza sua vida. É o resíduo deste acontecimento desestabilizador que se torna objeto de sua refeição : ela prepara

a refeição com os ovos que sobraram inteiros, a fim de saciar sua fome biológica, sem esquecer-se da vida que verteu dos demais.

Isto, associado ao tempero da experiência da vida, alimenta sua produção : o processo de tecer o próprio texto, nutrindo o corpo intelectual. Assim, a partir da percepção do corpo social, o biológico e o intelectual alimentam-se, produzindo textos.

Nos ovos que se quebram está contida a vida que tem fome de viver, onde se esconde o desejo. Ao mesmo tempo, a personagem tem alguém para alimentar com os ovos que sobraram, assim como o texto tem em seu pulsar alimento para sua própria leitura.

Em “Viagem à Petrópolis” (Lispector, 1992) o ovo é uma marca do passado, marca de que um dia existiu vida na senhora “Mocinha” : “nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas.” (Op.Cit., p.75). E é por esta possibilidade de releitura do passado que a vida desta senhora vai se recompondo como que num quebra-cabeça caminhando para o desfecho, a morte. Mas é esta marca de vida que faz proliferar linguagem e se transforma através do texto.

A exemplo dos alimentos que já mencionei anteriormente, ostra e geleia, o ovo encerra, sob uma casca fina e frágil, uma viscosidade nuclear que, se esparramada, torna-se algo indomável, indomesticável. É a vida que se esvai num misto de libertação e ameaça.

## **BEBIDAS : Café, vinho, leite :**

*“Deve-se entender por bebida todo líquido que pode acompanhar nossos alimentos.*

*A água parece ser a bebida mais natural. É consumida por todos os animais, substitui o leite para os adultos, e é tão necessária quanto o ar.*

*A água é a única bebida que aplaca verdadeiramente a sede, e por essa razão só pode ser bebida em quantidade relativamente pequena. A maior parte dos outros líquidos que o homem ingere são apenas paliativos; e, se ele tivesse se restringido à água, jamais teriam dito que um dos seus privilégios é beber sem ter sede.” (Brillat-Savarin, 1995, p. 129).*

### **1. Café :**

Dentre as diversas bebidas, o café é o mais mencionado por Clarice Lispector em seus textos merecendo até uma nota em “Dia após Dia” (Lispector 1991a) : “Vou tomar café de novo. E coca-cola. Como disse Cláudio Brito, tenho mania de coca-cola e de café.” (Op.Cit., p. 73). Segundo Schroeder “A *Coffea arábica* originou-se do planalto africano da Etiópia.”(Op.Cit., p.55). Já para Brillat-Savarin (1995):

*“O primeiro cafeeiro foi encontrado na Arábia, e, apesar dos diversos transplantes que esse arbusto sofreu, é ainda de lá que nos vem o melhor café. Uma antiga tradição afirma que o café foi descoberto por um pastor, que notou uma agitação e uma hilaridade particulares em seu rebanho toda vez que pastava bagas de café.” (Op.Cit., p. 107).*

De acordo com Ackerman (1996) :

*“Explica-se que, de acordo com a lenda, o café foi descoberto por um pastor do século IX, que percebeu, um dia, que suas cabras ficavam muito agitadas toda vez que comiam os frutos de determinados arbustos. E, durante quatrocentos anos, as pessoas só mastigavam as frutinhas. O café cru não é transformável em nada especial que se possa comer, mas no século XIII, alguém decidiu tornar os frutos, que exalavam o óleo perfumado e o aroma musgoso e amargo tão nossos conhecidos atualmente.” (Op.Cit., p. 170)*



Desde o relato que conta sobre sua origem, o café tem uma propriedade estimulante que é bem conhecida :

*“Não resta dúvida de que o café produz grande excitação no cérebro : e o homem que bebe café pela primeira vez pode estar certo de ser privado de parte de seu sono.” (Brillat-Savarin, 1995, p. 109).*

*“As propriedades estimulantes do café derivam da presença do alcalóide “cafeína”, atuante no sistema nervoso central. O café solúvel é vendido também sob a forma descafeinada.” (Schroeder, 1995, p.56).*

O mesmo é enfatizado por Câmara Cascudo (1977) de que o café é uma bebida tônica, intelectualizante, incitadora de energia cerebral ao lado do chá, mate e guaraná. O café ao natural, cru é, como diz Brillat-Savarin (1995) : uma bebida insignificante; mas é pelo processo de carbonização que desperta um aroma e forma um óleo que caracterizam o café tal como o bebemos (Op.Cit., p. 108).

*“Plantado pela primeira vez no Pará.” (...) o café teria chegado [ao Brasil] através da Guiana Francesa, trazido pelo sargento-mor Francisco de Melo Palheta, em 1727.” (Schroeder, 1995, p.56).*

É uma bebida de largo consumo no Brasil usada também como favorecedora da sociabilidade tanto que dá o seu nome à primeira refeição do dia :

*“De forma popular o café brasileiro varia do cordial e onipresente cafezinho, passando pela democrática “média pão com manteiga”, o café da manhã, nossa primeira refeição e, mais recentemente, o exagerado café colonial, verdadeira e farta refeição.” (Op.Cit., p.57).*

Mencionado como estimulante da capacidade cerebral, usado para possibilitar a produção textual tanto em “Dia a Dia”(Lispector, 1991a) como em “Por Enquanto” (Lispector, 1991a) o café muito mais que um hábito pode chegar a ser um dos vícios

modernos junto com o fumo, pois ao estimular o cérebro ativa a capacidade produtiva em época de monetarização do tempo (“tempo é dinheiro!”) e velocidade nas mudanças. Assim a alternância de atividades, para “aproveitar” o tempo :

*“Voltei à máquina enquanto ela esquentava a comida. Descobri que estou morrendo de fome. Mal posso esperar que ela me chame. (...) Depois eu como, e depois volto à máquina. Até já. Já comi. Estava ótimo. Tomei um pouco de rosé. Agora vou tomar um café.” (Lispector, 1991, p.67).*

A paradinha para o café para o momento de reflexão aparece aqui só como um registro, como um dentre vários outros atos apenas registrados na alternância entre a interrupção de um e o início de outro, descontínuos, desde a intenção até a execução. O ato de escrever é tão mecânico quanto o de tomar café.

Em “Viagem à Petrópolis” (Lispector, 1992) o desejo por um estímulo de vida é a ligação entre o texto e a menção da vontade da senhora por um café quente. O fato da protagonista querer café e tê-lo bem diante de si sem poder prová-lo torna um simples desejo em algo cruel. Pois o sujeito está a frente da concretização do prazer incitado pelo desejo na prorrogação de um clímax sem fim, que acaba na exaustão. Assim pode ser o trabalho do escritor, que estando frente ao enorme “dicionário caleidoscópico”, ou melhor, a plena potencialidade de produção textual e, sem a “palavra salvadora”, limita-se ao silêncio.

Já a idéia de café como uma bebida meramente socializadora não aparece nos textos examinados. Em “O homem que apareceu” (Lispector, 1984, pp. 51-57) a visita de um amigo não visto a muito tempo e embriagado faz a narradora oferecer café não só numa atitude cordial, mas na tentativa de cortar os efeitos do álcool pela estimulação desta bebida, da mesma forma que com a coca-cola :

*"Perguntei-lhe se queria café. Ele disse : só bebo álcool, há três dias que estou bebendo." (Op.Cit., p. 53).*

*"Quer coca-cola ? Você tem mania de oferecer café e coca-cola." (Op.Cit.,p.56).*

Sem dúvida, o café é marcadamente um hábito brasileiro que aparece nos textos clariceanos, mas é muito mais elemento de estimulação do processo de produção textual, o momento de refletir sobre o texto. Olhá-lo de fora com a cordialidade de quem toma café, ou melhor, de quem lê um outro trabalho, ao mesmo tempo que um momento de olhar para fora na tentativa de encontrar o espaço que falta para produção de linguagem.

## **2. Vinho :**

Uma outra bebida que aparece de forma recorrente nos textos de Clarice Lispector e que poderia ser considerada a contrapartida do café é o vinho. Numa definição sobre o vinho Schroeder (1995) menciona o aspecto religioso a que esta bebida está geralmente associada:

*"O vinho resulta da uva semilíquida, submetida à pressão e à fermentação. Há entre ambos especial e tradicional afinidade. O Divino Mestre fez de ambos o objeto de um dos seus milagres - a multiplicação do pão e do vinho." (Op.Cit., p. 253).*

Nas palavras de Câmara Cascudo (1977) temos a ligação enfática entre vinho e religião :

*"O vinho talvez seja a única bebida bíblica. As páginas dos livros sagrados estão cheias deles. Samuel fala do vinho e diz que ele é capaz de fazer o lábio mudo." (Op.Cit.,p. 94).*

*“A igreja católica, desde os seus primeiros tempos, adotou o vinho como o símbolo augusto da redenção da humanidade : para ela, o vinho representa o sangue de Cristo. (...) Por outro lado, a cultura profana da videira tem sido uma doce fonte perene de poesia, que ocupa um lugar imenso na literatura de todos os povos. Ultimamente, Leão XIII, e uma esplêndida peça literária de pulso - a higiene da mesa - consagrou a alta eficácia e a sagrada benemerência do cálice de vinho generosa no final de cada uma das nossas refeições.” (Op.Cit., p. 18)*

Na própria bíblia, segundo Schroeder (1995) o vinho é objeto de embriaguez :

*“Noé, o cultivador, começou a plantar a vinha. Havendo bebido vinho, ficou embriagado.” (Gênesis) (Op.Cit., p.31).*

Também para a tradição judaica o vinho é aceito como elemento ritualístico :

*“O vinho preserva o calor natural do corpo, melhora a digestão, ajuda na expulsão de dejetos e é bom para a saúde, desde que consumido moderadamente.” (Bonder, 1989, p. 117).*

No texto “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) o almoço de obrigação é uma multiplicação de pães e o vinho é uma bebida ingerida por uns e desejada por outros que bebem leite. É o sangue de Cristo do ritual Cristão, da “Santa Ceia”, a incorporação da vida divina. É o leite alimento da fonte materna, é a pureza da vida. A mistura de vinho e leite tão decantada como tabu alimentar, aparece no texto como objeto de prazer e desejo que se encontram no cultivo da escrita, no processo de doação da natureza exposta na refeição exuberante. É a possibilidade de produção/consumo do corpo ou do texto. É a palavra como veneno e remédio, como nutrição de um corpo erógeno.

Além disso, o vinho foi e é decantado por muitos intelectuais :

*“Desde o início da criação, o vinho tem sido uma força suplementar a iluminar o obscuro caminho da verdade.” (Dante).*

*“Amo sobre una mesa  
quando se habla,  
la luz de una botella  
de inteligente vino.  
Que la beban  
que recuerden  
en cada gota de oro  
a copa de topacio  
o cuchara de púrpura  
que trabajó el atóño  
Hasta llenar de vinos las vasijas  
y aprenda el hombre oscuro,  
en el ceremonial de su negocio  
a recordar la tierra y sus deberes,  
a propagar el cantico del fruto.”  
(Pablo Neruda).*

*“Um vinho pode ter a cor do topázio, do rubi, do brilhante; ser perfumado como a flor, ou o fruto maduro; dar agradável sensação de plenitude e perfeição.*

*Mas nenhum vinho é bom como aquele da própria região; onde se nasceu e cresceu; este vinho tem a cor das festas, o perfume de antigas recordações, o sabor da saudade. Mas este é o melhor vinho, o da nossa casa.” (Giuseppe Coria).*

Em “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” (Lispector, 1991) o vinho é o meio pelo qual a lógica do sonho é desencadeada. A protagonista se transforma pela embriaguez e através dela extrapola os limites da situação social vivenciada. O vinho é, então, veneno que provoca a metamorfose da mulher-escorpião e libera linguagem.

*“[Vinhos] são chaves que, sem voltas, abrem o coração e soltam o pensamento.” (Frei Rafael).*

*“A atração irresistível exercida pelo álcool é devida, sem dúvida, ao fato dele excitar as faculdades míticas da natureza humana, reprimidas de ordinário pelas reservas e a aridez da vida normal.” (William James)*

Assim acontece com a rapariga do texto de Clarice Lispector, liberta-se do cotidiano, desenfrea o pensamento e sonha...

Mas como se dá este estado de devaneio experimentado pela personagem ?

Brillat-Savarin (1995) em uma descrição aproxima-se do que se sente quando se toma vinho :

*"Assim também quando se bebe, estando o vinho na boca, a impressão é agradável, mas não completa, é só no momento em que se deixa de ingerir que se pode verdadeiramente degustá-lo, apreciá-lo e descobrir o perfume particular de cada tipo de vinho..." (OP.Cit., p.47).*

Schroeder (1995) nos responde como ocorre a embriaguez orgânica :

*"Chegando ao estômago o álcool é em parte absorvido sem delongas e rapidamente se faz presente no cérebro. Podemos afirmar que o efeito do álcool assemelha-se ao do anestésico e com esta intenção foi freqüentemente usado. Em doses menores é relaxante, em doses maiores conduz ao sono. Entre estes dois extremos situa-se a fase de excitação na qual o indivíduo muitas vezes se liberta com agressividade, fugindo ao controle do ego e super ego e permitindo o domínio do primitivo e instintivo id."*

*"A ingestão rápida de volume considerável leva a estado de intoxicação aguda variável individualmente. Derivam desta realidade do ponto de vista prático algumas recomendações protetoras. Quem não quiser intoxicar-se caindo num estado da embriaguez que o vai deixar fora de controle, pondo às vezes em risco a si e ao próximo, deve precaver-se, usar alimento simultaneamente com a bebida, da mesma forma que se faz com o vinho às refeições." (Op.Cit.,p. 234-235).*

*"Proteínas e gorduras misturadas ao álcool retardam-lhe a absorção. Para atuar como moderador eficaz a água deve ser tomada imediatamente depois da ingestão da bebida ou dentro dela diluindo-a como se pode fazer com o whisky nas ocasiões em que não houver alimento." (Op.Cit.,p. 234-235).*

O estranhamento provocado pela situação de embriaguez aos elementos ritualísticos de um jantar tradicional burguês é descrito no texto. A irreverência aos padrões sociais provocada pelos efeitos do álcool possibilita a metamorfose da personagem em "vaca", animal produtor de leite, que amamenta não só a sua cria, mas o ser humano em geral e que pode também assumir uma leitura negativa de mulher promíscua, sob um caráter moralista, ou ainda no mesmo sentido pródigo, de mulher como objeto de satisfação da fome sexual dos "machos". No entanto, a ênfase dada no texto é para o aspecto de um animal que está prenhe.

Esta mulher capaz de gerar palavras com a alma livre, nos remete à idéia da infinita possibilidade de criação e à inexistência de um padrão preso a qualquer espécie de regra na produção de textos. Fugindo então da antiga noção de gênero literário, o escritor abre-se ao intertexto e por sua vez à interdisciplinaridade. Em estado letárgico a personagem introjeta-se ao ponto de ver sua “carne alva... [e] doce como de uma lagosta” metamorfoseando-se em seguida em escorpião, o que a possibilitaria soltar todo seu veneno contra os padrões comportamentais vigentes. Então, esta mulher capaz de produzir palavras doces, pode, a mercê de sua vontade, torná-las amargas e ameaçadoras.

*“O vinho liberta do medo e da piedade. ‘A verdade no vinho’ é uma verdade livre e sem medo.” (Bakhtin, 1996, p. 250).*

O vinho é um alimento que possibilita nutrição do físico e da alma, já que é uma bebida rica em carboidratos e álcool ao mesmo tempo. O devaneio é despertado, mas para manter-se alerta é necessária a ingestão de cafeína, ou então ceder ao velho hábito

dos brasileiros de tomar café. Por isso em “Por Enquanto” (Lispector, 1991a) a narradora-escritora toma um vinho e em seguida um café para produzir alguma coisa com sentido. A racionalidade cartesiana pede o café enquanto o devaneio pede o vinho. Libera os pensamentos pelo álcool e deixa o cérebro estimulado para a produção textual.

### **3. Leite :**

Do ponto de vista físico-químico o que faz com que o leite se destaque como bebida/alimento fundamental para a nutrição do ser humano é seu teor proteico chamado “de alto valor biológico” por possibilitar um aproveitamento quase que total.

Mas é o leite, antes de mais nada, o alimento da satisfação da fome primária, primeira, do infante que mama. E, por isso, lhe é atribuído um caráter divinal assumindo o valor de alimento imaculado.

O leite é por excelência o produto alimentar dos seres humanos, sua “natureza” permite que mulheres em sua capacidade geradora garantam a sobrevivência de sua cria. Mulheres são, então, deste ponto de vista, animais que produzem leite. Quando em “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” (Lispector, 1991) a protagonista transforma-se numa vaca enquanto potencial de produção e ao mesmo tempo rebelde diante dos padrões sociais que a reprimem, torna-se o animal desprezado, vulgar. Ela não produz no sentido lúcido de raciocínio que se exterioriza mas seu devaneio é uma interlocução entre o que se passa por dentro dela e o que está fora, a sua maneira extraordinária de ver-se, e o jantar formal com seu marido e o amigo. E se o efeito do vinho se processa em seu interior, provocando-lhe a letargia sonhadora, o devaneio, o leite não a restitui à lucidez, mas participa do devaneio não como produto mas como potencial, na imagem



de uma vaca cheia de leite. Ou seja, o leite é um produto imaginário, provocado pela ingestão do vinho.

Em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) o leite, além de ser elemento juntamente com o vinho de uma atitude paradoxal dos convidados do almoço de sábado, é a proteína animal que faltava para enriquecer o almoço de obrigação dada a grande quantidade de proteína vegetal descrita sobre a mesa. Assim a refeição é nutricionalmente equilibrada, uma vez que contém nutrientes de diversas fontes.

Da mesma forma o ritual descrito no texto não é nem puramente judaico, nem cristão, nem divino, nem exclusivamente profano, é, na verdade, um texto a multiplicar linguagem. Um texto equilibrado em seus diversos componentes nutritivos, pleno em possibilidades de múltiplas leituras.

## DERIVADOS DO LEITE :

O queijo é o único derivado do leite mencionado por Clarice Lispector dentre os textos selecionados. Resultado da fermentação do leite, sua importância é definida por Schroeder (1995) :

*Mas é Brillat-Savarin quem define a importância e o lugar do queijo na refeição francesa - uma sobremesa sem queijo é como a bela a quem falta um olho. O laticínio nobre seria assim parte do final do repasto. Situa-lo, como entre nós, no café da manhã, entre duas fatias de pão com manteiga acrescidas de uma talhada de mortadela, ou num fumegante 'cheeseburger', seria inconcebível e irreverente barbárie" ? Pessoalmente ficamos também com esta segunda alternativa.*

*Buscando mais objetividade tomamos a definição de queijo da FAO - WHO - (Food and Agricultural Organization - World Health Organization) - produto fresco ou maturado, obtido pela drenagem do soro após a coagulação do leite, creme, leite desnatado ou parcialmente desnatado, leiteiro ou uma combinação de alguns ou todos esses produtos." (Op.Cit., p.253).*

Em "Viagem à Petrópolis" (Lispector, 1992) o "queijo branco e mole" é um elemento de contraste com a "papa escura" que a senhora alemã come em frente de "Mocinha" que está desejosa de um café quente que lhe reativassem as forças que estão a se esvaír.

Em "Dia após Dia" (Lispector, 1991) o queijo aparece como integrante da tautologia da qual já tratamos em relação ao pão.

## DOCES :

### 1. Açúcar propriamente dito :

*"O açúcar não é menos importante, seja como alimento, seja como medicamento. Essa substância, outrora relegada às Índias ou às colônias, passou a ser cultivada na Europa no começo do século. Foi descoberta e retirada da uva, do nabo, da castanha, e sobretudo da beterraba, de modo que, rigorosamente falando, a Europa poderia, sob esse aspecto, ser auto-suficiente e não mais depender da América ou da Índia. É um serviço eminente que a ciência presta à sociedade, e um exemplo que poderá ter no futuro resultados mais extensos.(Brillat-Savarin, 1995, p. 74).*

*"No estado atual do conhecimento científico, entende-se por açúcar uma substância doce ao paladar, cristalizável, capaz de se converter, pela fermentação, em ácido carbônico e em álcool.*

*Antigamente entendia-se por açúcar o suco espesso e cristalizável da cana (arundo saccharifera). (Op.Cit., p.103).*

*"Sob uma égide tão impenetrável, o uso do açúcar tornou-se a cada dia mais freqüente, mais geral, e não há substância alimentar que tenha sofrido mais amálgamas e transformações. ( Op.Cit., p. 105).*

*"Tabaco y azúcar son, ambos, productos del reino vegetal que se cultivan, se elaboran, se mercan y al fin se consumen con gran deleite en bocas humanas. (...) La caña de azúcar y el tabaco son todo contraste. (...) El azúcar llega a su destino humano por el agua que lo derrite, hecho un jarabe; el tabaco llega a él por el fuego que lo volatiliza, convertido en humo. Blanca es la una, moreno es el otro. Dulce y sin olor es el azúcar; amargo y con aroma es el tabaco." (Ortiz, 1973, pp.20-21).*

*"El azúcar está en la cuna, en la cocina y en la mesa de comer; el tabaco en la sala, en la alcoba y en la mesa de escribir." (Op.Cit., p. 70).*

## 2. Doçaria em geral :

É a partir deste açúcar que são constituídos os doces.

*“A Doçaria é sempre Europa, com percentagem mínima de outras influências, Índia, China. Não há doce africano. Nem indígena. Ainda se come em Portugal as gulodices que Pedro Álvares Cabral oferecera aos tupiniquins em Porto Seguro. Essa ‘continuidade’ denuncia a preferência acima dos empurrões propagandísticos. Na Espanha come-se o que Dom Quixote comeu. As ‘caldas de açúcar’, substituindo o mel de abelhas, demonstram antigüidade venerada.” (Câmara Cascudo, 1977, p.2).*

*“Não foi apenas Nostradamus que trouxe da Itália receitas de doçaria fina. Quase todo o receituário de doces e pastéis conhecido na Europa é de origem italiana. Não somente a arte de confeitaria e de fazer doces foi importada da Itália ... (Queiroz, 1988, p. 48).*

*“O brasileiro - pensei - deve ser isto. Sensual e guloso. Estas comidas traiçoeiras o indicam; esta lista de iguarias o diz. Diagnostiquemos : as comidas picantes e açucaradas denunciam paladar viciado, hábitos de gozo, sibirismo. Os povos que abusam do açúcar são essencialmente voluptuosos. O oriente é todo açúcar. A sentimentalidade alemã é feita de volúpia transcendente; por isso os alemães adoçam com geleia as carnes verdes, como a dulcificar o ato material da nutrição, espiritualizando-o. O açúcar está para a carne como o amor platônico está para o amor sexual. O alemão é platônico.(...)”.*

*Por outro lado, os carinhosos diminutivos portugueses - mãozinha, coxinha, etc..., diz-nos a índole amorosa da raça portuguesa, tão famosa por tão enamorada, substituindo nos elementos étnicos da nova nacionalidade. (...) Tudo se explica - o português é amoroso, o brasileiro é amoroso e voluptuoso. O português ama a mulher; o brasileiro ama a vida. Para o brasileiro, a mesa é um dos bons regalos da vida. Assim ele exprime ao ato material de nutrir-se a mesma volúpia e o mesmo gozo que aplicará ao ato imaterial de amar, e se come com exaltação, designa os alimentos de que se nutre com interesse e carinho.” (Câmara Cascudo, 1977, p. 127-128).*

### 3. Balas :

Se os doces são meros coadjuvantes do ponto de vista nutricional, em muitos textos clariceanos eles assumem uma posição de destaque. Em “Felicidade Clandestina” (Lispector, 1991b), por exemplo, protagonista e antagonista contrapõem-se conforme se colocuem a favor de doces e contra as histórias ou a favor destas últimas e indiferente aos primeiros. De um lado um corpo gordo ávido por alimentar-se de coisas doces, gorda que vive com os bolsos cheios de balas ... “...chupando balas com barulho...” (Op.Cit., p.15). De outro um corpo que quer alimentar-se de livros, de viver histórias fantasiosas, “...criança devoradora de histórias...” (Op.Cit., p.15).

A bala com que a gorda se farta é o prazer do sabor doce, não para alimentar mas uma energia extra, o excesso da qualificação imediata. A grande quantidade de açúcar presente na cavidade oral provoca intensa salivação que, por sua vez, faz com que o cérebro receba uma mensagem enganosa a respeito da quantidade de alimento que está prestes a chegar ao estômago, por isso o mesmo prepara muito ácido digestivo o que pode provocar o aparecimento de doenças do aparelho gastrointestinal.

Além disso, por ser gorda, ela é uma personagem que está fora dos padrões estéticos determinados pela sociedade burguesa para o corpo. E, ainda, sem as “boas maneiras” para ingerir alimentos, come ruidosamente, faz alarde sobre a maneira exagerada de incorporar com avidez as coisas doces, o que se contrasta ao desejo de alimentar-se de palavras da magra. Não podemos deixar de mencionar o fato de que os hidratos de carbono constituem os corpos gordurosos (Câmara Cascudo, 1977, p.8), ou seja, a gorda é constituída por doces.

Ambas as personagens estão a nutrir seus corpos erógenos, mas sob prismas diferentes de prazer, por um lado o sabor experimentado pela boca e por outro a linguagem produzida por esta mesma boca, só que transformada em texto escrito. Aqui nos cabe abordar a questão da oralidade presente no texto de Clarice Lispector assim colocada pelo cotidiano que neles se espalham sob a forma labiríntica ou como as mil e uma histórias de Xerazade, seja em “A procura de uma dignidade” (Lispector, 1992a), seja em “A Quinta História” (Lispector, 1992), ou ainda em “Amor” (Lispector, 1991) de uma Ana que retarda seu retorno à rotina através dos labirintos do Jardim Botânico.

O doce, ou o açúcar para falarmos do alimento em sua forma menos elaborada, está associado à avidez e a volúpia não de forma arbitrária, mas enquanto constitui-se uma das mais significativas fontes de energia é forte culturalmente a noção de que este alimento. Especialmente para o cérebro totalmente dependente da glicose para seu funcionamento.

#### **4. Sorvete :**

Em “Come, meu filho” (Lispector, 1991b) o sorvete pode despertar o apetite pela cor é considerado bom, isto porque temos armazenado em nossa memórias os diversos gostos que já sentimos dos alimentos e a eles temos aliada sua cor. É comprovado tecnicamente que o colorido de uma refeição interfere diretamente no apetite de comensal ou no prazer que o mesmo terá com a referida refeição : “Na sorveteria Gatão o sorvete é bom porque tem gosto igual da cor”. (Op.Cit., p.47).

## 5. Chuvisco e chocolate :

Em “Dia após Dia” (Lispector, 1991) aparece também “um doce chamado chuvisco” e chocolate registrados como presentes de amigos :

*“De manhã me deram um doce chamado chuvisco (33), que é feito de ovos e açúcar. Comemos em casa chuvisco durante vários dias ... Yolanda me deu chocolates.” (Op.Cit., p.72).*

Neste ponto podemos aludir à história de Ana em “Amor” (Lispector, 1991) que faz a refeição de sua vida com os ovos que sobraram de um encontro com a realidade, talvez um breve chuvisco de realidade que transforma sua vida em algo doce mas não alienado. Em seguida vem o chocolate, este grande apaziguador de tensões, o consolo dos deprimidos, e o energético dos que querem alcançar algum prazer diante das amarguras da vida.

*“Convencionou-se chamar chocolate a mistura resultante da amêndoa de cacau queimada com açúcar e canela : tal é a definição clássica de chocolate. O açúcar é a parte importante, pois sem ele faz-se apenas pasta de cacau e não chocolate. Quando o delicioso aroma da baunilha é adicionado ao açúcar, à canela e ao cacau, atinge aquele **nec plus ultra** da perfeição a que pode chegar tal preparação.*

*Foi a esse pequeno número de substâncias que o gosto e a experiência reduziram os numerosos ingredientes que se tentou sucessivamente associar ao cacau, como a pimenta, o anis, o gengibre, a acioa e outros.” (Brillat-Savarin, p. 112).*

*“Mas, com o tempo e a experiência, esses dois grandes mestres, ficou demonstrado que o chocolate, preparado com cuidado, é um alimento tão salutar quanto agradável; que é nutritivo, de fácil digestão que não tem, para a beleza, os inconvenientes do café.” (Brillat-Savarin, p. 113).*

---

(33) CHUVISCO: “Gemas, cremede arroz misturados. Açúcar, essência de baunilha para calda. Pingar as gemas na calda fervente. Quando os chuviscos subirem à tona é sinal de que estão cozidos. Coloque na calda de açúcar fria e sirva gelado.” (In: Almoço & Jantar, Círculo do Livro, São Paulo, 1990).

Em “A Solução” (Lispector, 1992) Almira “...era das que comem o batom sem querer.” (Op.Cit., p.85). “E um pedaço de chocolate podia de repente ficar-lhe amargo na boca ao pensamento de que fora injusta.” (Op.Cit., p.86). Aqui Almira demonstra seu caráter, era gorda sim mas sensível e com um senso de justiça bastante apurado. Por conta desta sensibilidade poderia sofrer decepções no decorrer do dia, daí a necessidade de carregar chocolate na bolsa (Op.Cit., p.86).

Segundo Schroeder (1995) : “ [o] **Theobroma cacao** [é] literalmente traduzido : alimento dos deuses.” (Op.Cit., p.58). Nesta mesma perspectiva Brillat-Savarin (1995) fala do chocolate transformado em bebida : “**cocoa theobroma** (bebida dos deuses)” (Op.Cit., p.113) sendo que isto indica ser um hábito antigo ingerir cacau como fonte de prazer :

*“...o cacau chegou à Espanha, onde a combinação com açúcar, mel, leite, amêndoas e coco, conduziu-o a surpreendente aceitação geral. Convém ressaltar, o cacau é o produto mais próximo do natural, apesar de já ter sofrido algum beneficiamento industrial. O chocolate é mais apurado, formado pela mistura de pasta de cacau, manteiga de cacau, leite, passando por inúmeras operações que o vão tornar o produto pretendido : chocolate em pó, em barra, tabletes, chocolates de confeitaria, coberturas, etc.” (Schroeder, 1995, p.59).*

Há ainda no texto de Clarice Lispector em “Viagem à Petrópolis” (1992) uma indicação de que o hábito de ingerir chocolate é iniciado na infância, o que desencadeia a volta à fase infantil da vida, remetendo, ao passado, a exemplo do que acontece com “Mocinha”. É mais uma recorrência de releitura do passado mais remoto para a recuperação de uma proto-história.



## PRATOS : preparações elaboradas :

### 1. Arroz e feijão :

A mistura arroz e feijão é mencionada em “Come, meu filho” que pergunta : “...onde foi inventado o feijão com arroz ?” (Op.Cit., p. 47). Esta preparação foi inventada pela sabedoria popular que acabou por criar um potente substituto da proteína animal que encarecia os cardápios da população. Assim esta combinação é capaz de proporcionar ao organismo uma proteína de boa qualidade que dispensa outras fontes economicamente mais dispendiosas.

Segundo Câmara Cascudo (1977) o feijão e o arroz são alimentos de muita significação nutricional :

*“ O feijão é, sem dúvida, ouro maciço, vale ouro de lei. Mas é preciso que ele não seja ingerido senão por estômagos irrepreensíveis quanto ao grau de capacidade digestiva” (Op.Cit.,p.15).*

*“O arroz é, hoje, o nosso alimento por excelência nacional. Graças a arte das cozinheiras, das nossas pretas sobretudo, constitui ele um prato fora de linha : a nossa canja de arroz, feita com galinha, excede deveras em perfeição tudo quanto se conhece de melhor neste gênero em outros países.” (Op.Cit., p. 21).*

*“As mulheres que amamentam encontram no arroz um precioso adjuvante para o aumento da galactogênese.” (Op.Cit., p.22).*

Por outro lado, o feijão com arroz , a exemplo do pão com manteiga representa o alimento trivial básico do brasileiro, misturas que relacionam o sólido ao líquido (feijão com arroz é caldo e grãos) e o crocante ao pastoso (pão com manteiga).

O feijão com arroz, em outros países caribenhos é conhecido popularmente como “moros y cristianos” (mouros e cristãos) refere-se à procedência africana do preparo do feijão (com toucinho e gosto de carne) e ao preto e branco interrelacionados, de origem escravagista.

## 2. Mingau de aveia :

Rica em carboidratos a aveia e o leite misturados são a combinação da terra/mãe com a mãe/animal. Os reinos animal e vegetal se unem para um processo de nutrição complementar e não competitivo.

O mingau de aveia é em “Viagem à Petrópolis” (Lispector, 1992) uma papa escura que é comida pela alemã (Op.Cit., p.81). Os povos nórdicos têm o hábito de comer o “*porridge*”, espécie de mingau de aveia, quente, próprio para o clima muito frio, para revigorar o organismo enfraquecido. Por isso, é alimento adequado aos idosos, por não necessitar mastigação intensa, o mingau torna-se, juntamente com o café , um desejo não saciado, uma possibilidade de nutrição não concretizada por “Mocinha”.

*“Os intelectuais, os velhos e os convalescentes encontram na aveia um excelente sucedâneo para o feijão. É de fácil digestão e bastante rica em princípios nutritivos (...) Porém com vantagem substitui a aveia todas as massas de trigo”. ( Câmara Cascudo, 1977, p. 22).*

Ao incorporar esta mistura de nutrientes, reinos da natureza e sabores, a senhora poderia saciar a fome de seus corpos (biológico, muscular e erógeno) e reunir forças para continuar em sua releitura do passado para produção de outras histórias.

## A Mesa e o Texto :

*“Não sei como são as outras casas de família. Na minha casa todos falam em comida. (...) Não, minha casa não é metafísica. Ninguém é gordo aqui, mas mal se perdoa uma comida mal feita. (...) O fato é simplesmente que nós gostamos de comer. E sou com orgulho a mãe da casa de comidas. Além de comer conversamos muito sobre o que acontece no Brasil e no mundo, conversamos sobre que roupa é adequada para determinadas ocasiões. Nós somos um lar.” (Lispector, 1984, p.156).*

Tomando em conta o relato da narradora de “Comer, comer” (Lispector, 1984, p. 156) a mesa é, além de depositário de alimentos, lugar em torno do qual textos são produzidos. No entanto, estes textos não restringem-se às conversas familiares.

*“As refeições, no sentido que damos a esta palavra, começaram com a segunda idade da espécie humana, ou seja, no momento em que ela cessou de se alimentar apenas de frutos. O preparo e a distribuição de carnes fizeram a família se reunir, os pais distribuindo aos filhos o produto de sua caça, e os filhos adultos prestando a seguir o mesmo serviço a seus pais envelhecidos.*

*Essas reuniões, limitadas inicialmente aos familiares mais próximos, estendendo-se gradativamente às relações de vizinhança e amizade. (Brillat-Savarin, 1995, p. 168).*

Partindo da perspectiva histórica a que nos remete Brillat-Savarin (1995, p. 168) à mesa toma-se decisões de guerra e paz, de negócios, de política, e de finanças (34). À esta produção de textos em torno da mesa reúnem-se os “homens de letras” :

---

(34) “Sabe-se que entre os homens ainda próximos do estado de natureza qualquer assunto de alguma importância é tratado à mesa; é em meio a festins que os selvagens decidem a guerra ou fazem a paz; sem ir tão longe, podemos ver nossos aldeões resolverem todos os negócios no botequim.” (Brillat-Savarin, 1995, p. 60).

“E nos círculos mais eminentemente gastronômicos, naquelas reuniões seletas em que a política é forçada a ceder às dissertações sobre o gosto, o que se espera ? o que se deseja ? o que se vê no segundo prato ? Um peru recheado de trufas !... E minhas memórias secretas contêm a nota de que seu suco restaurador mais uma vez iluminou farsas eminentemente diplomáticas.” (Op.Cit., p. 82).

“As coisas não são diferentes hoje em dia, as mesas dos homens de finanças continuam a oferecer tudo o que a natureza tem de mais perfeito, as estufas de mais precoce, a arte de mais requintado e as personalidades mais famosas não deixam de comparecer a esses festins.” (Op.Cit., p. 152).

*“Os homens de letras são convidados a toda parte porque apreciam seus talentos, porque sua conversação tem geralmente algo de picante, e também porque, de uns tempos para cá, é de regra que toda sociedade deve ter seu homem de letras.” (Brillat-Savarin, 1995, p. 156).*

Câmara Cascudo (1977) atesta que haviam entre os muitos grupos gastronômicos o que chama de “sociedades (...) para conversar e comer” (Op.Cit., p. 219), especialmente no Rio de Janeiro. Ou seja, grupo de intelectuais que realizavam suas reuniões literárias e filosóficas em torno de lautos banquetes. Estes jantares filosóficos também são mencionados por Queiroz (1988) num tempo bem anterior às reuniões brasileiras:

*“Inauguram-se então [ no século XIX] os jantares filosóficos, responsáveis pelo estreitamento dos laços entre a cozinha e a literatura.” (Op.Cit., p. 119).*

O simpósio na Grécia antiga admitia e propiciava a palavra, ou seja, após o jantar os poetas declamavam seus poemas. Conversavam-se sobre assuntos diversos, dentre eles “o destino do homem (...) [e] cultivavam-se também (...) a sátira e a comicidade. Tudo sem quaisquer excessos, pois a sociabilidade dava o tom.” (Queiroz, 1988, p.12).

A mesa é vista então como meio de socialização (35) pelo qual muitas pessoas exercitam sua capacidade de produção de textos. Isto porque é em torno da mesa que se estabelece a conversação entre os convivas e com isso uma produção de linguagem :

*“Se a linguagem não surgiu durante as refeições, com toda certeza evoluiu e tornou-se mais fluente nessas ocasiões...” (Ackerman, 1996, p. 164).*

*Foi durante as refeições que devem ter nascido ou se aperfeiçoado nossas línguas, seja porque era uma ocasião de reunião que se repetia, seja porque o lazer que acompanha e segue a refeição dispõe naturalmente à confiança e à loquacidade.” (Brillat-Savarin, 1995, p. 168).*

---

(35) “... Os seres humanos dificilmente escolhem jantar em solidão, e a alimentação possui poderoso componente social.” (Ackerman, 1996, p. 161).

“... a arte de comer jamais é uma arte solitária.” (Queiroz, 1988, p. XV).

Além de acontecer o diálogo durante estas refeições, o exercício de linguagem promove a troca de vivência ampliando a possibilidade de produção textual.

*“A arte de bem comer anda a par da arte de bem escrever. Escritor que não ama a mesa - mesmo nela passando fome - nela não escreve.” (Queiroz, 1988, p. XIII).*

Temos novamente a idéia de nutrição na literatura, desta vez relacionada à mesa. A palavra se dá ao redor da mesa, no seio da relação social, ou seja, a alimentação não é limitada à refeição, mas ocorre a possibilidade de nutrição pela cultura, um saciar da pulsão, do corpo erógeno (36).

*“As mais remotas manifestações de arte prendem-se, como se vê, às urgências do estômago. Com o correr do tempo, surge a mesa, políam-se os hábitos. As sociedades abastadas tratam de desvincular a comida do seu estímulo básico - a fome.” (Queiroz, 1988, p. 7).*

O estabelecimento de comunicação entre os participantes da refeição é mencionado por Bakhtin (1996) em sua leitura de Rabelais :

*“As conversações à mesa são conversas livres e brincalhonas : o direito de rir e de entregar-se a palhaçadas, de liberdade e franqueza, concedido à ocasião da festa popular, estendia-se a elas.” (Op.Cit., p.249).*

Também para a narradora de “Crônica Social” (Lispector, 1994, p. 199- 201) estas reuniões são sempre ruidosas e descontraídas, mas dado o esgotamento do assunto “até às reticências” terminam em “uma possibilidade de silêncio” :

*“ E nem havia como se abandonar, a menos que fosse admitido o ocasional silêncio. O que seria impossível. Mal um assunto vinha por acaso e natural, era truculentamente que todas lhe caíam em cima, prolongando-o até as reticências. Como todas o exploravam no mesmo sentido - pois todas estavam a par das mesmas coisas - e, como não ocorreria uma divergência de opinião, cada assunto era de novo uma possibilidade de silêncio.” (Op.Cit., p. 200).*

---

(36) “O apetite do homem civilizado, é mais de ordem psíquica e visa mais a satisfação do prazer de comer do que à satisfação de suas necessidades de nutrição.” (Josué de Castro, Geopolítica da Fome. In : Queiroz, 1988, p.7).

Toda esta referência à produção de textos, linguagem, conversação e “homens de letras” aponta cruzamentos entre representações discursivas políticas, históricas, sociais, antropológicas que se formam pela produção de linguagem durante a refeição. Esta questões nucleares, no texto de Clarice Lispector, ora se esvaziam de sentido dada sua trivialidade com a eminente possibilidade de esgotar-se em sua própria esfera. Ora se preenchem, pela produção de textos, como os mencionados por Bakhtin (37), de tradição oral. Mas uma terceira possibilidade se apresenta entre a mesa e o texto é o que chamo de “nutrição em Clarice Lispector”, por assim dizer, uma possibilidade de seguir além do trivial dos assuntos abordados em torno da mesa. No texto “Crônica Social” (Lispector, 1994) temos a leitura crítica dos “gêneros literários” apontando para o esgotamento inerente à literatura presa a formas preestabelecidas de textos contestando-se aí o valor da literatura como instituição correlacionada a uma refeição para letrados, ou seja, para poucos escolhidos. Além disso, a possibilidade de silêncio apresentada no texto nos leva de volta à questão do esgotamento das formas artísticas pela constante necessidade do novo no modernismo (Rouanet, 1992).

Em todos os aspectos relacionados até aqui há um elemento fortemente ligado à mesa que por isso mesmo requer uma maior digressão : a socialização.

*“A mesa é instrumento social por excelência : mantém alerta a curiosidade, exige presença de espírito, ensina normas de vida.”(Queiroz, 1988, p. 103).*

---

(37) “...as imagens do banquete também desempenharam um eminente papel na literatura em língua vulgar, na tradição oral popular. Sua importância é considerável em todas as lendas de gigantes...”. (Bakhtin, 1996, p. 260).

Esta ligação “lógica” entre a mesa e a socialização, é rompida no texto “O Jantar” (Lispector, 1991) onde a narradora observa um homem jantando em um restaurante cuja única preocupação é com a apropriação da comida à sua frente. Sua atenção e apetite biológico estão voltados exclusivamente para os alimentos, ou seja, na saciedade da fome biológica. A observação desta cena, onde todas as regras do “bom comer” são ignoradas, gera repugnância na narradora. Isto indica que a mesma não estava com fome “instintiva”, o que lhe dava condições de buscar o sabor dos alimentos e observar as regras de etiqueta à mesa.

Como em todo processo de socialização os participantes destas reuniões em torno da mesa devem cumprir certas normas através dos tempos. Isto é exemplificado ironicamente no texto “Crônica Social” (Lispector, 1994) :

*“Quem dentre todas aproveitou melhor foi a senhora convidada de honra que, sempre convidadíssima por todos, já reduzira o almoço a apenas almoçar. Entre gestos delicados e grande tranquilidade, devorou com prazer o cardápio francês - mergulhava a colher na boca, e depois olhava-a com muita curiosidade, resquícios da infância.” (Op.Cit., p.199).*

Como já havia conquistado respeito e prestígio na sociedade na qual viva a “convidada de honra” não necessitava mais ater-se às regras com rigor podendo dar-se ao luxo de realmente saborear a refeição. À exemplo da volta à natureza presente em “A Repartição dos Pães” esta possibilidade de ingerir a comida prazerosamente também representa uma volta ao contato direto com o alimento, um desvincular-se de todas as regras incorporadas a este momento de nutrição pela sociedade, pela cultura (38).

---

(38) “Mercê de ritos e normas, logo transformados em hábitos, crisma-se o homem como o único animal capaz de comer e de beber embora saciado e desalterado. Come sem ter fome, bebe sem ter sede, atento às regras de sociabilidade ou obediente aos ritos sacrificiais.” (Queiroz, 1988, p. 7).

Mas de que regras estamos falando? (39) Segundo Queiroz (1988) foi com a chegada de Catarina de Médicis à França (1553) que ocorre um “grande progresso da cozinha e a difusão de um corpus culinário (...), assim como a arte de receber e de boas maneiras”. (Op.Cit., p. 45). Mas é em 1800 que :

*“se afirma a supremacia culinária da França graças à superioridade incontestada dos seus molhos sobre os molhos italianos. Instaura-se então uma certa hegemonia alimentar no Velho Mundo.” (Op.Cit., p. 54).*

Assim, em torno da mesa se estabelece uma sorte de cerimonial historicamente codificado pela formação da burguesia, o qual é mais ou menos rigoroso de acordo com o grau de intimidade entre os convivas e a finalidade do evento social. O serviço francês, de origem russa, é um dos mais prestigiados em ocasiões solenes :

*“O método de servir-se prato por prato, (...) é o refinamento da arte de bem viver. É o meio de comer quente, bastante e durante muito tempo, pois cada prato é o centro único em torno do qual gravitam todos os apetites.” (Op.Cit., p. 91).*

*“...cada prato é apresentado à esquerda do comensal e este se serve. As bebidas lhe são servidas pela direita, por onde também se retiram os pratos servidos. Os novos pratos são repostos pela esquerda. Para que todo este serviço funcione normalmente faz-se necessário que exista no mínimo um garçom para cada três convivas.(...) Segue pois que o serviço à francesa para pleno funcionamento exige garçons atentos, bem regidos por maitres experientes e diríamos mais, comensais compreensivos e a par do serviço que se vai desenrolar...” (Schroeder, 1991, p. 257).*

É conhecido que onde existem regras há sempre quem as tente transgredí-las, ou até mesmo, no caso de etiquetas à mesa, quem desconhecendo o protocolo acabe por cometer gafes. A narradora do texto “Crônica Social” apresenta uma definição de gafe : “...é a hora em que certa realidade se revela” (Lispector, 1994, p. 199). Neste caso, ou a pessoa está fora de seu meio social e por isso não conhece as regras que o grupo legitima, ou como no caso da “convidada de honra” não necessita do seguimento

---

(39) Câmara Cascudo (1977) aborda este assunto sob o título “Regras para servir” (pp. 27-30).



incontestes à estas regras para que seja aceita no grupo, uma vez que sua posição já está afirmada.

Em “A Arte de não Ser Voraz” (Lispector, 1978) a narradora aborda a questão das regras sociais em relação à alimentação. Contra a empanturrção que mostra avidez em “O Jantar” (Lispector, 1991) o comedimento burguês se aprende com os franceses. Por isso, é usado o ditado francês evidenciando a importância da culinária sofisticada e a atenção às regras de etiqueta que envolvem as refeições. Assim, uma “gourmet” ensina à “madame” a regra de bem comer : “- Moi, madame, j’aime manger juste avant la faim. Ça fait plus distingué.” (Lispector, 1978, p.54).

Apesar de parecer um ditar de regra social diante de uma refeição, uma demonstração de “*finesse*”, o que a personagem nos fala é de uma crítica aos padrões sociais que envolvem a alimentação. O fator cultural é o fator preponderante em uma refeição requintada, fala mais o social que o biológico. A fome animaléscia é abolida do código social, para o qual só resta a ingestão prazerosa dos alimentos e uma apropriação criteriosa dos sabores e observação das sensações que estes alimentos podem proporcionar, ou seja, a nutrição de um corpo erótico, o saciar da pulsão que vai além do código para se transformar em desejo. O texto de Clarice Lispector não cita o alimento propriamente dito, fala da alimentação em geral e do comportamento social que a envolve, seria então atentar à regra social em detrimento da fome biológica.

Este tipo de leitura mais de acordo com a clandestinidade do pré-texto clariceano, expressa a idéia de que se não nos fartamos em apenas uma refeição nos restará um estado de alerta para perceber novos sabores. Mantendo-se com o corpo desejoso por alimento teremos a possibilidade de nos apropriarmos das riquezas oferecidas pela

gastronomia. Além disso o aplacamento da voracidade fará com que o comensal deguste o alimento, descubra seus sabores, aprecie o paladar, identifique as nuances da refeição. Sem contar com o autodomínio de fundo judaico que se propõe neste caso, de controlar a fome biológica a fim de preservar o apetite cultural.

Em “Preciosidade” (Lispector, 1978) temos uma menina-moça, em fase de desenvolvimento, a caminho de tornar-se mulher. No processo, como não poderia deixar de ser, a alimentação assume certa relevância, do ponto de vista do desenvolvimento físico. Seu bom apetite, promovido fisiologicamente, garante seu processo de engorda para enfrentar o amadurecimento. Mas também, alimenta-se de sua vivência, do mundo “...assim como uma pessoa engorda, ela deixou, sem saber por que processo, de ser preciosa.”

Podemos dizer que este processo de engorda, na literatura, acaba, por vezes, significando saturação, ou perda da preciosidade. A liberdade de apropriar-se do mundo, dada pelo frescor da juventude é primordial em um texto que se pretende passível de múltiplas leituras. O processo de alimentação do escritor-leitor não deve alcançar o limite da saciedade, seu apetite deve sempre estar aguçado, para que perceba quando o alimento está em suas mãos.

Já para Drummond o autocontrole cede à tentação de uma grande refeição encarando esta regra como “fricote”, do qual as pessoas abrem mão dados os encantos da refeição. Além disso, pela reunião em torno da mesa há uma aproximação entre os comensais a ponto de tornarem-se íntimos. Ou seja, há um exercício de sedução neste compartilhar da refeição.

“Em torno da mesa larga, largavam as tristes dietas, esqueciam seus fricotes, e tudo era farra honesta acabando em confiança.” (Carlos Drummond de Andrade).

Outro aspecto relevante em relação à reunião em trono da mesa é o que retrata

Brillat-Savarin (1995) :

*“Ao contrário, por mais rebuscada que seja a comida, por mais suntuosos que sejam os acessórios, não há prazer da mesa se o vinho for ruim, se os convidados se juntam sem discriminação, se as fisionomias estiverem tristes e se a refeição for consumida com precipitação.” (Op.Cit., p. 173).*

Em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) a narradora menciona o caráter de heterogeneidade entre os convidados para o almoço, e que por sua vez é quebrado pelo compartilhar do mesmo sentimento diante da “mesa posta”.

*“E nós ali presos, como se nosso trem tivesse descarrilhado e fôssemos obrigados a pousar entre estranhos. Ninguém ali me queria, eu não queria a ninguém.” (Op.Cit., p. 29).*

*“Passamos afinal à sala para um almoço que não tinha a benção da fome. E foi quando surpreendidos deparamos com a mesa. Não podia ser para nós...” (Op.Cit., p. 30).*

*“A ‘mesa posta’ é a realidade em sua forma mais cruel, mais concreta. Nela se encontra o momento, o instante particular em que vivenciamos e assumimos total responsabilidade por nossas vidas. A única vida que temos é a da ‘mesa posta’- o agora. Sob esta mesa está tanto a responsabilidade do processo que trouxe aquilo que está exposto por sobre a mesa como também o comprometimento com a continuidade deste Instante, com o fluxo do recebimento.” (Bonder, 1989, p. 107).*

Assim, de acordo com a tradição judaica cada um deve responsabilizar-se pelo que ingere, uma vez que alimentar-se não é só nutrir o corpo biológico, é sim um “ato de recebimento” (40) e conseqüentemente a mesa assume uma simbologia do ponto de vista religioso :

*“...Desde a destruição do Templo, cada mesa em cada casa tornou-se um altar...” (Talmund. In : Bonder, 1989, p. 71).*

---

(40) “*Bracha*, literalmente traduzido como ‘benção’, e é essencial na postura judaica diante da alimentação” (Bonder, 1989, p. 67).

“Se refletirmos por um momento, vamos reconhecer que a alimentação é a obrigação maior dos seres vivos para consigo mesmos.” (Op.Cit., p. 124).

Para a surpresa que a mesa de “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) representa, os judeus têm uma expressão própria :

*“Shulchan Aruch é uma expressão rabínica para designar que está tudo às claras e exposto diante de nós para que iniciemos o banquete.” (Bonder, 1989, p. 106).*

*“A mesa é sua, a festa é sua. Não vá se retrair porque há tantas coisas sobre a mesa e tantas formas de estender sua mão a elas. Compreenda que estamos aqui exatamente para o banquete...” (Op.Cit., p. 108)*

É esta a sensação dos convidados no texto clariceano, um estado de êxtase provocado pela visão da mesa “...coberta por uma solene abundância”. (Lispector, 1992, p. 30).

E sobre a mesa uma toalha branca... A instituição que traz sobre si a possibilidade de manutenção da vida, nutrição do corpo biológico, deve ser coberta pela pureza, pela naturalidade que é evocada nos próprios alimentos. Ao mesmo tempo, podemos pensar em um fundo branco para a tela multicolorida, que é pintada pela narradora posteriormente. Mas esta alusão à pintura não se restringe a um retrato da visão instantânea da mesa que se coloca a frente da narradora : “... a mesa não mais é vista como mero motivo de pintura acadêmica nos quadros de natureza morta”. (Queiroz, 1988, p. 174). A mesa é, então, uma possibilidade de leitura, nutriente para a produção textual.

A mesa é em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992) um altar, um lugar de “sacrifício [que] cru ou cozido, institui-se como elemento central da religião e núcleo da sociedade solidária” (Queiroz, 1988, p. 8). Esta referência à religiosidade ligada à mesa

também aparece no texto “A Ceia Divina” : “Laranja na mesa. Bendita a árvore que te pariu.” (Lispector, 1978, p. 16). Além da alusão à origem da vida e à natureza como mãe, temos uma mesa que é local de ofertório, de possibilidade de nutrição. Um ritual onde se retoma a ceia do Cristo e seus discípulos, mas que guarda a naturalidade como aspecto divino e tem na mesa o profano, o simbólico, a metáfora, a produção textual. A mesa é então possibilidade de escrever, de gerar frutos, é da mesma forma que a árvore, mãe parideira de um ser que corta o cordão no momento do nascimento, assim como o escritor-narrador de Um Sopro de Vida (Lispector, 1978a) : “Até onde vou eu e em onde já começo a ser Ângela ? Somos frutos da mesma árvore ? Não - Ângela é tudo o que eu queria ser e não fui.” (Op.Cit., p. 27).

Sem a conotação religiosa a mesa é a instituição social embriçada na alimentação. Em “Geleia Viva” (Lispector, 1978, p. 55) o rompimento com a forma evocada pela geleia amorfa movendo-se sobre a mesa é também a não legitimação dos limites impostos pela sociedade burguesa, libertando o texto, tornando-o vivo. O texto é assim corpo vivo que se nutre neste cotidiano, mas o extrapola quando torna-se nutrição para outros corpos, quando se move e assume formas diversas, mas sem rótulo, sem amarras, um texto liberto do estigma instituído como literário :

*“Pois é. Sei lá se este livro vai acrescentar alguma coisa à minha obra. Minha obra que se dane. Não sei porque as pessoas dão tanta importância à literatura.” (Lispector, 1991, p.71).*

*“Ângela está continuamente sendo feita e não tem nenhum compromisso com a própria vida nem com a literatura nem com qualquer arte, ela é desproposital.” (Lispector, 1978, p. 29).*

Esta mesa sobre a qual se escreve o texto é ao mesmo tempo o pano de fundo do cotidiano, das regras sociais, da cultura e é assunto no texto, não um pretexto para uma proliferação ou diria descompromissada institucionalmente e daí a aparência desordenada de linguagem em sua possibilidade de nascimento da “palavra salvadora”, ou da “quarta dimensão da palavra” que é definida em Um Sopro de Vida ( pulsações) (Lispector, 1978a) :

*“A ÚLTIMA PALAVRA será a quarta dimensão.*

*Cumprimento : ela falando*

*Largura : atrás do pensamento*

*Profundidade : eu falando dela, dos fatos e sentimentos e de seu atrás do pensamento.” (Op.Cit., p. 22).*

O texto que se produz sobre a mesa seja amorfo ou alimentos próximos da “emanação original” (na tradição judaica), é um texto onde “em cada palavra pulsa um coração” (Op.Cit., p. 16), é um texto que é nutrido por estas palavras e nutrição ao próprio narrador: “Não ler o que escrevo como se fosse um leitor. A menos que esse leitor trabalhasse, ele também, nos solilóquios do escuro irracional.” (Op.Cit., p. 20).

É um texto que requer uma reconstrução incessante que se dá no leitor, que extrapola os limites do papel e da palavra, que nutre. Um leitor que acompanha o texto como Clarice Lispector menciona na abertura de A Paixão Segundo G.H. (1988) :

*“Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente - atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que este livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, a personagem G.H. foi dada pouco a pouco uma alegria difícil, mas chama-se alegria.” (Op.Cit., p. 7).*

Um texto que produz outro texto e que por isso produz alegria. E a mesa é o palco da festa em Clarice Lispector. Em “Feliz Aniversário” (1991) a mesa é um dos pontos de destaque :

*“Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data (...) No centro havia disposto o enorme bolo açucarado (...) E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.” (Op.Cit., pp. 72-73).*

*“E quando a mesa estava imunda (...) então fecharam a inútil luz do corredor para acender a vela do bolo...” (Op.Cit., p. 75).*

*“A aniversariante olhava o bolo apagado, grande e seco (...) parta o bolo vovó !  
E de súbito a velha pegou na faca.” (Op.Cit., p. 76).*

*“Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe.” (Op.Cit., p. 78).*

*“Mas a esse novo olhar - a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa.” (Op.Cit., p. 83).*

*“Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério.” (Op.Cit., p. 86).*

Novamente Clarice Lispector escreve um texto onde a alimentação é um dos pontos de destaque no ritual de encontro social, no caso uma festa de aniversário. Em torno da comida os sentimentos humanos e as relações familiares são exploradas pela escritora. Em meio a croquetes, sanduíches, bebidas alcólicas pairam encontros e desencontros de uma família burguesa em decadência, a exemplo do envelhecimento da matriarca. O estômago cheio, sensação de saciedade, acaba por provocar um certo ar de alegria em meio aos desencontros e amarguras familiares. E a teimosia da velha senhora em manter-se viva, quando a vida já lhe era mais um fardo que um prazer, transgride a

ordem familiar capitalista, que deseja racionalizar a vida sob o velho chavão *"time is money"*, onde não há espaço para o improdutivo.

A hipocrisia existente nas relações familiares vem à tona e as faces escuras dos seres humanos são expostas no texto. Clarice Lispector desmascara cada personagem, fragmentando as identidades. As múltiplas possibilidades de ser, vem encontrar-se com as infinitas formas de ler, construindo um texto multifacetado. A sabedoria que a velha senhora poderia inspirar para outras culturas, no capitalismo ocidental significa "fora de moda". Ao ler o lado vivaz e contestador da personagem, o leitor vê possibilidade de valor no que está fora do padrão social e político vigente, o que acrescenta uma nova perspectiva à leitura, transgredindo a superfície do texto, abrindo-se ao intertexto, ao pós-moderno.

A aniversariante fixa `a cabeceira da mesa escreve sua história de vida, lê o seu passado, vê o presente e vislumbra um futuro breve e obscuro. Ela é a "mãe da casa de comidas" (Lispector, 1994, p. 156), mas já sem a cordialidade ingênua que a narradora orgulhosa fala de sua família em torno da mesa em "Comer, comer" (Lispector, 1994).

E como menciona Bakhtin (1996) em seu "Banquete em Rabelais" :

*"A consciência do homem que despertava, não podia deixar de concentrar-se sobre esse aspecto, não podia deixar de extrair dele uma série de imagens essenciais, determinando as sua relações com o mundo. Esse encontro com o mundo na absorção de alimento era alegre e triunfante. O homem triunfava do mundo, engolia-o em vez de ser engolido por ele; a fronteira entre o homem e o mundo apagava-se num sentido que lhe era favorável." (Op.Cit., p. 245).*

Assim, é da cabeceira da mesa que a senhora toma consciência do mundo a sua volta e é a partir da fome que sente diante da comida que toma a vida em suas mãos, apropria-se de uma liberdade que lhe pertence mas que a convenção em torno da sua



velhice lhe tirou. Produz seu texto estática no espaço, mas livre no tempo e das relações que a amarravam.

Em “Viagem à Petrópolis” (Lispector, 1992, p. 75-82) a senhora “Mocinha” também se vê estática diante da comida, e de sua fome, diante de um desejo irrealizado. E na agonia da espera ela, ao contrário da senhora de 89 anos de “Feliz Aniversário” (Lispector, 1991) se vê sem forças para tomar a vida de volta em suas mãos longe da mesa ela volta à natureza : “A estrada de Petrópolis é muito bonita (...) A estrada branca de sol se estendia sobre o abismo verde...” (Op.Cit., p. 82).

Mas a mesa, além de instituição social, é prazer, segundo o introdutor do sentido moderno de gastronomia :

*“O prazer da mesa não comporta arrebatamentos, nem êxtases, nem transportes, mas ganha em duração o que perde em intensidade, e se distingue sobretudo pelo privilégio particular de nos inclinar a todos os outros prazeres, ou, pelo menos, de nos consolar por sua perda.” (Briliat-Savarin, 1995, p. 170-171).*

Com o reconhecimento desta possibilidade de prazer que a mesa encerra e pela agradável socialização em torno dela, vieram com a aceleração dos ritmos modernos, a praticidade : o restaurante e os *fast-foods* :

*“Foram os chineses, obcecados por comida, os primeiros na sociedade, na época da dinastia Tang (618-907 d.C.). Quando a dinastia Sung tomou seu lugar, os restaurantes eram edifícios que cumpriam diversas funções, com várias salas privadas, onde as pessoas procuravam comida, sexo e serviço de bar.” (Ackerman, 1996, p. 168).*

*“Os primeiros **restaurants** (41) trouxeram às ruas e praças, de Paris primeiro e, depois, das principais cidades da Europa, à disposição de todos, a cozinha de príncipes e barões, de banqueiros e ministros como, também, os pratos das mais distantes regiões...” (Queiroz, 1988, p.76).*

---

(41) “o termo *restaurant* nomeou, inicialmente, um caldo ‘restaurador’ ou ‘fortificante’, feito de carne de boi, de carneiro, vitela, galo capão, pombo, perdiz, cebolas, alguma raiz e cheiro verde, servido num pão recheado.” (Queiroz, 1988, p. 76).

Após o advento do gás de cozinha em torno de 1887, as refeições puderam ser preparadas mais rapidamente, além do que os restaurantes passaram a utilizar máquinas e utensílios que diminuem o trabalho manual. Já no século XX com a internacionalização da culinária acaba por promover uma sorte de padronização que alia sabor forte e marcante à praticidade e rapidez. Surgem os *fast-foods* do proletariado (Queiroz, 1988, p. 162).

*“...consumen comidas preparadas en cocinas vecinales, encargadas a partir de menús que se publican en los periódicos y servidas en elegantes clubs. McDonald's, Wendy's o Burger King no ofrecen, precisamente, la alta cocina ni disponen de los elegantes salones que imaginó Bellamy, pero se acercan más al objetivo de colmar las aspiraciones de cenar fuera a precios asequibles que cualquier cosa se haya visto en el mundo hasta la fecha. Si algo distingue a estos establecimientos, criados a los pechos del capitalismo, es justamente su carácter centralizado, eficaz y comunitario : la comida es barata y nutritiva, y está disponible de forma instantánea y en cantidades ilimitadas...”* (Harris, 1994, pp. 135-136).

Mas embora isto de certa forma tenha transformado a mesa do mundo contemporâneo, há ainda lugar para a “velha mesa” de lugares marcados, rituais, regras e de conversação loquaz. Ainda há reunião em “família”, mas com o peso que as pressões modernas lhe colocam.

## O texto, o prato, o copo e os talheres:

*“ Le désir oral se pose sur l'assiette, qui acquiert ainsi, à chaque repas le statut éphémère de territoire de l'oralité ”. (Gisèle Harrus - Révidi - p.121)*

Território é um prato. Espaço para o depósito de alimentos, possibilidade de produção textual ou como diz Révidi (1994):

*“L'assiette contient notre part de nourriture, autrement dit le morceau de monde qui nous est réservé. Ainsi, elle représente, matériellement notre possibilité de survivre...” (Op.Cit., p.123)*

E é este pedaço de mundo que provoca a fome do menino em “Come, meu filho” (Lispector, 1991b) : O mundo é redondo, mas parece chato, parece um prato, ou seja, está aí para ser degustado e comido. O menino demonstra ter o conhecimento que lhe foi transmitido por outros, não é um conhecimento empírico. No entanto, por ter viajado, pode constatar que as informações estavam corretas. O viajante obtém informações de outras culturas e confirma os conhecimentos universais e pode questionar as informações recebidas. O nativo, por outro lado, é limitado em sua visão de mundo e fica a mercê dos conhecimentos que lhe são transmitidos, fadado a aceitar tudo que lhe dizem.

A brincadeira com o conceitos pré estabelecidos ou seja com os comparativos ou interpretações semânticas calcificadas fica demonstrada na frase :

*“- Você prefere prato fundo ou prato chato, mamãe ?” (Op.Cit., p.46).*

O fundo cabe mais para o fundo, chato cabe mais para os lados e fica claro, exposto. Fala de olhar para os lados, ampliar horizontes, ver o que está ao seu redor. Comer o que está no mundo, este imenso prato chato.

O prato é uma tela de imagens onde o mundo se pinta, é a página em branco onde os textos se constroem. O papel é, a exemplo do prato, um depositário de alimentos, palavras que vão nutrindo o texto e possibilitando nutrição na sua leitura.

*“Tel un gros sein blanc débordant, l'assiette peut être un substitut de 'écran du rêve, 'la surface sur laquelle un rêve semble projeté “. (Op.Cit., p.126)*

É pelo prato que Révidi (1994) chama de “écran du rêve” que o menino alça seu vôo para o mundo, questiona valores e convenções, testa palavras e cria novas possibilidades de leitura deste mundo. Em “Devaneio e embriaguez de uma rapariga” a tela na parede “natureza morta” também produz o mesmo efeito sonhador da personagem e libertador do texto.

Da mesma forma que se pinta a exuberância dos alimentos sobre a toalha branca em “A Repartição dos Pães” (Lispector, 1992), é no prato que são colocados os alimentos que em suas cores e formas nutrem a fome do corpo erógeno e alimentam o corpo biológico: “aquilo tudo queria tanto ser comido quanto nós queríamos comê-lo.” (Op.Cit., p.31).

E na perspectiva que o prato é o mundo, ou pelo menos a parte que nos cabe dele, isto não nos é limitado, podemos comer e torná-lo a encher num exercício sem fim de apropriação e nutrição: “... na sua mais rigorosa definição o ato de comer é, deveras, um contínuo recomeçar.” (Queiroz, 1988, abertura). Mas isto transforma-se em alimento, em outra possibilidade de nutrição. Comer o que o prato contém é ingerir o outro para nutrir o ser que, por sua vez, alimentará o outro.

*“Maria Carlota, como eu gostaria de escrever alguma coisa que me desse a mim mesma e aos outros. Ela respondeu: A senhora está comendo pouco, assim não pode escrever. Então eu disse : Me dê alguma coisa pra comer. Ela deu, eu comi (...) As vezes escrevo como quem dá de comer a mim e aos outros, igual ao que você fez comigo.” (Op.Cit., p.20, 21).*

Em “Amor” (Lispector, 1991) os ovos quebraram-se espalhando a vida neles contida. Da mesma forma, os pratos contém potencialidade de vida, mas com a diferença de que esta está exposta para apreciação e apropriação pelo comensal. Mas, segundo os judeus, é necessário saber escolher o que se coloca no prato, isto é escolha de cada um, e disso resulta o processo de ingestão.

O desejo oral que se põe sobre o prato é a pulsão, fome de um corpo erógeno que anseia por saciá-la. Neste sentido, o livro é um prato, o texto é um prato. Em “Felicidade Clandestina” (Lispector, 1991b) o livro é o objeto de desejo, assim como uma mulher tem por seu amante. O texto desperta uma sensualidade que também está contida nos alimentos, uma possibilidade de entrar em contato íntimo com o que existe (Lispector, 1992, p.30).

Na transformação da matéria de estudo em matéria que se incorpora, a “pequena flor” de “A Menor Mulher do Mundo” (Lispector, 1991) é o que se chama “prato cheio” (é côncavo!) para o pesquisador que a encontrou. Esta “pequena flor” que ao fugir para não ser morta pela fome ou por uma tribo de canibais, acha seu “salvador” na figura de um colonizador que a transforma em objeto exótico e um bem de valor exploratório. Este objeto canibalizado exoticamente pela burguesia torna-se texto (42), em páginas de jornais e revistas, sendo que cada leitor a seu modo reage à leitura do mesmo. Esta leitura desperta a criação de outros textos. Assim, neste caso, o alimento torna-se palavra e, por sua vez, texto para ser devorado, ou servir de alimento a outros.

---

(42) ANDRADE, Ana Luíza. “O Corpo-Texto Canibal em Clarice Lispector”, 1993, p.49-62.

Nas notas do explorador "pequena flor" sobrevive sob a forma literária, não como objeto artístico para ser arquivado, mas como potencialidade criadora de novos textos. Aí temos a palavra como alimento, a literatura se alimentando do cotidiano, do intertexto, de outras disciplinas e tornando-se mais profunda em sua relação interna, autoreflexiva. Assim, o tema se torna palavra como princípio da produção textual e por conseguinte alimento para a leitura de muitos.

Mas se até agora falamos do prato cheio, o que é o prato vazio : buraco, esvaziamento de significado, uma possibilidade de construção de prazer. Ele está em "Come, meu filho" (Lispector, 1991b) como um dos extremos da dialética que se instaura no texto. Está na tortura da velha que deseja avidamente o café em "Viagem à Petrópolis" (Lispector, 1992). É ainda personificado na senhora J.B. Xavier que como letra perdida é um corpo sem lugar no mundo em "A procura de uma dignidade" (Lispector, 1992a).

É o zero. "Redondo sem início e sem fim, eu sou o ponto antes do zero e do ponto final. Do zero ao infinito vou caminhando sem parar." (Lispector, 1978a). O zero não é o nada é a possibilidade de volta a um ponto anterior. É a releitura do passado, renutrição, incorporação e proliferação de textos.

É o silêncio, como definido por Ângela Pralini (Lispector, 1978a) :

*"Foi interrompida pelo silêncio da noite. O silêncio espaçoso me interrompe, me deixa o corpo num feixe de atenção intensa e muda. Fico à espreita de nada. O silêncio não é o vazio, é a plenitude. (Op. Cit., p.53).*

Assim é o prato em suas formas contraditórias, simples e complexo, côncavo e convexo, cheio e vazio, mas entre elas, sempre possibilidade de nutrição.

O copo, a exemplo do prato, é a ligação da cultura que envolve a comida com o mundo: “o copo representa a bebida ou comida e em particular o que estaremos abordando : nossa troca substancial com o universo.” (Bonder, 1989, p. 13). Existem muitos tipos de copo de acordo com o líquido que lhes cabe, pela cultura, um formato diferente :

*“Os ‘copita’ de Jerez têm o balão mais alongado e a boca estreita. Como os cálices vão compor as mesas de refeições ou banquetes. (...) Há peças para vinhos brancos, tintos, aperitivos, licores, cognac, água e outras bebidas.” (Schroeder, 1991, p. 54)*

Este ajuste de forma e conteúdo, preconizados pelas regras sociais burguesas não se aplicam aos textos de Clarice Lispector. Sem preocupar-se com a forma rígida ela produz os conteúdos livres e por isso mais vivos, com maior possibilidade de nutrir os que dele se apropriam.

*“Neste mundo-que-vem, as pessoas não só banqueteiam, mas também estudam. Não que comam ou que estudem ciências, mas se nutrem e se entendem. Não que tenham talheres ou livros, mas ainda assim se servem e ainda preservam e transmitem.” (Bonder, 1989, p. 132).*

Os talheres são instrumentos de nutrição que nem sempre foram utilizados pelos seres humanos :

*“Cada conviva recebe uma fatia de pão - o tranchoir, da qual se utiliza como de um prato para servir das iguarias. (...) Recorre-se aos dedos e ao guardanapo para comer pois o uso do garfo não se difundira por toda a Europa.” (Queiroz, 1988, p. 20-21).*

*“...as boas maneiras à mesa, o uso de talheres, o hábito de lavar as mãos antes das refeições - tudo isso foi praticado na Itália antes de chegar aos demais países europeus.” (Op.Cit., p. 48).*

*"Embora se afirme que a colher é tão antiga quanto a sopa, não se pode dizer que o garfo seja também tão antigo quanto os alimentos sólidos. Procedente de Bizâncio, chega à Europa via Itália : provido apenas de dois dentes, usavam-no durante toda a Idade Média, no serviço das carnes. É Henri III quem o adota na França na segunda metade do século XII. Os cortesãos o manejam, embora desastradamente, à mesa real. No intuito de agradar ao rei, obviamente. Logo surge porém a facção 'antigarfo'. Sua alegação contra o prático talher ? A de que metade da comida ficava entre a boca e o prato. E houve também quem nele visse o símbolo da corrupção, do desregramento dos costumes e do pecado. Confundido com o instrumento de suplício do demônio, o garfo torna-se tema de sermões. O povo o repudia, os nobres aceitam-no com reserva. Assim é que até o século XVIII ainda se continuava a comer com as mãos ou com a ajuda do pão, da faca, do guardanapo e ... dos dedos. Seriam necessários cerca de quatro séculos para que se impusesse o seu uso e o dos talheres e para que optasse, enfim, pelo prato e pelo copo individuais."* (Queiroz, 1988, p. 50).

Nos textos selecionados dentre os talheres o garfo é mencionado de forma a ser muito mais que um instrumento, enquanto meio de ligação entre o alimento e o corpo, ele torna-se uma arma na mão de Almira em "A Solução" (Lispector, 1992) : " E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou no pescoço de Alice." (Op.Cit., p.87).

Assim, o garfo é instrumento de prazer e morte numa ambivalência, ou seja, uma palavra que encerra uma dialética que se molda pelo uso :

*"Devemos estar atentos às funções e aos abismos muito diferentes do não-senso, à heterogeneidade das palavras-valise que não autorizam nenhum amálgama entre os que inventam e mesmo os que os empregam."* (Deleuze, Gilles, Lógica do Sentido , 1982, p.86).



## Nutrição sem fim...

*"No começo só havia a idéia. Depois o verbo veio ao encontro da idéia. E depois o verbo já não era meu : me transcendia, era de todo o mundo..."*  
(Clarice Lispector).

Nas palavras de Clarice Lispector em epígrafe vejo o espelhamento deste trabalho.

A idéia de que nutrição e literatura de algum modo caminham juntas formava a nebulosa que rondava meu cérebro. A possibilidade de formatação desta conjugação interdisciplinar veio pela obra de Clarice Lispector que se "não escreveu um tratado sobre comer...", "deu de comer a si mesma e aos outros". Comi. Mas a uma certa altura, da mesma forma que o narrador-escritor de Um Sopro de Vida (Lispector, 1978a) comecei a me perguntar : qual a melhor maneira de transformar este "alimento" em possibilidade de nutrição ?

*"Estou pintando um quadro com o nome de "Sem Sentido". São coisas soltas - objetos e seres que não se dizem respeito, como borboleta e máquina de costura." (Op.Cit., p. 38)*

Se literatura parece estar separada de nutrição no discurso e na história, certamente não está na obra de Clarice Lispector. Este interrelacionamento foi se constituindo num corpo a qual chamei multidimensional (43) e que foi relatado neste trabalho:

*"Em tudo, em tudo você terá a seu favor o corpo. O corpo está sempre ao lado da gente. É o único que, até o fim, não nos abandona." ("Boa notícia para uma criança." In : Lispector, 1978, p.69).*

---

(43) Expressão cunhada por Lévi-Strauss (1991) : "A medida que a nebulosa se expande, portanto, seu núcleo se condensa e se organiza. Filamentos esparsos se soldam, lacunas se preenchem, conexões se estabelecem, algo que se assemelha a uma ordem transparece sob o caos. Como uma molécula germinal, seqüências ordenadas em grupos de transformações vêm agregar-se ao grupo inicial, reproduzindo-lhe a estrutura e as determinações. Nasce um corpo multidimensional, cuja organização é relevada nas partes centrais, ao passo que em sua periferia ainda reinam a incerteza e a confusão." ( Op.Cit., p.13).

Neste trabalho em primeiro lugar identifiquei os alimentos mencionados nos textos, a fim de, posteriormente, estabelecer através deles elos de ligações, construindo uma leitura que acabou por tornar-se um corpo multidimensional (44), que se constrói em faces, ou seja, corpo biológico, muscular e erógeno. Esta distinção de corpos, observada como referencial recorrente na obra da escritora, nos permitiu penetrar num aspecto intratextual, uma vez que num ou outro momento, estas faces representativas do corpo (se) comem nos textos clariceanos, numa produção textual em que a alimentação se processa através da leitura. Os textos são, então, alimentos da obra e alimentados por ela.

Este corpo multidimensional construía-se numa investigação das dobras da matéria que se processavam a cada leitura, das voltas às observações já realizadas ao mesmo tempo em que construía outras. Como resultado, percebi o relacionamento da dupla referencialidade ou dobra texto-alimento-texto (fome-desejo-fome) às transformações culturais, inclusive à transformação da própria literatura, institucionalizada (“para letrados”) pela perda de sua função formadora, de seu valor de uso, que se substitui pelo valor de troca, em sua função mercadológica. A perda do valor de uso da literatura acarreta a perda de seu valor aurático (Benjamin, 1993) como arte em sua qualidade totalizante para a fragmentação em seu valor de troca (mercadoria) e o texto texturológico de Clarice Lispector se concentra nas passagens de um a outro valor. Nas receitas de beleza, de saúde do corpo, etc... da coluna feminina que Clarice Lispector escrevia sob pseudônimo no Correio da Manhã do Rio de Janeiro, comprovam

---

(44) Há uma extensa bibliografia teórica sobre o corpo e a cultura, a partir da discussão da sexualidade, em Foucault, de sua submissão a uma cultura protestante, em Francis Barker, do corpo feminino ilegítimo, em Judith Butler, etc. No entanto, esta discussão é periférica à questão da literatura e a nutrição em que me detenho utilizando-me do corpo enquanto texto, e este, como produção simbólica daquele, daí a minha separação para fins didáticos : corpo biológico, corpo muscular e corpo erógeno.

sua adesão e seu conhecimento do valor mercantil sob o qual se rotulam as “fórmulas” da burguesia empacotada.

Em contrapartida, é no outro lado da obra de Clarice Lispector, no lado em que se abrem as passagens e as pontes das mudanças históricas em relação aos alimentos (assim como ao próprio texto), onde se retoma ecologicamente as suas origens ou sua proto-história. E são essas passagens que procuro, através de meu trabalho, retomar.

A uva é um fruto que próximo da “emanação original” (segundo a tradição judaica) é matéria formadora do vinho, que por sua vez participa de rituais sagrados e profanos; é ofertório e símbolo do sangue do cordeiro imolado no sacrifício cristão; é fuga e devaneio libertador de uma sociedade regradada pelos padrões burgueses. No texto, a uva por seu processo de fermentação, liberta seu potencial nutritivo, que ingerido e incorporado, transforma-se em proliferação de texto. Ao dobrar-se em vinho a uva se desdobra em texto, que por sua vez torna a se dobrar num exercício de forma e deformação da matéria sempre correlacionada ao sujeito que com ela e através dela se metamorfoseia.

O trigo e o pão também participam deste exercício texturológico. Se o trigo natural encerra a proximidade com a natureza, o pão é a incorporação de toda uma cultura, é a apropriação simbólica do processo de manufatura e posterior industrialização, e do místico de ser o alimento por excelência, o maná dos judeus, o pão nosso de cada dia dos cristãos. Na obra de Clarice Lispector o trigo é colocado junto do prato, como ouro ao nosso alcance na refeição : há um pão que é amor entre estranhos, que se reparte e ao mesmo tempo se multiplica no texto.

O café cru quase nada tem a oferecer como sabor, mas em seu desdobramento, pela carbonização, libera odor e sabor capazes de o tornarem, tal como o ópio, objeto de vício. Estimulante da capacidade cerebral, compõe a mesa de escritura, está no texto para a racionalidade, e fora dele, no ritmo intenso da vida moderna, no seu processo de produção. É a possibilidade do momento de reflexão para olhar para dentro do texto apontando para o seu desdobramento e do trabalho do escritor, de produção e leitura, alimentação e nutrição.

O ovo é produto e produtor da galinha, é obra e escritor num dobrar-se sem fim a ponto de nos ser impossível resgatar a origem. Esta origem, tantas vezes buscada e tantas vezes obscura em Clarice Lispector, como quem quer achar a “palavra salvadora”, é texto e textura, é corpo e mundo, é literatura e cultura, interrelacionados.

Assim a mesa da refeição sai do círculo privado da família para o público do restaurante, do doméstico para o urbano, e com os fast-food torna-se balcão, como dos processos manufaturados à industrialização. Da mesma forma todos os alimentos, assim como o social que os envolve, participam dessas transformações e processos culturais, modernos, acompanhando a mudança dos modelos burgueses à proletarianização. Há em Clarice Lispector a fuga à padronização proletária na resistência contra hegemônica por um lado; e por outro, a referência burguesa que se gasta, que se contamina, que se vê reproduzida.

O prato é o seio materno em sua forma moderna, *locus* alimentar em que se dá o cruzamento entre a psicanálise que explica o desejo (Freud e Lacan) e a tradição judaica,

que valoriza a força materna na natureza, conceitos que passam pela dobra do instinto à pulsão, e do profano ao sagrado.

*“Ângela tem em si água e deserto, povoamento e ermo, fartura e carência, medo e desafio. Tem em si a eloquência e a absurda mudez, a surpresa e a antigüidade, o requinte e a rudeza. Ela é barroca.”*  
(Lispector, 1978, p. 28).

Assim, todos estes desdobramentos de alimentos e objetos que estão envolvidos neste processo de incorporação de nutrientes revelam-se nos textos clariceanos mudanças culturais que se efetivam em sua textura barroca.

Por outro lado, as transformações culturais dos alimentos também se colocam historicamente pelas mudanças do valor simbólico destes através dos tempos, acelerando-se o ritmo dessas mudanças e as formas que delas se desencadeiam na modernidade. Portanto, os textos de Clarice Lispector resistem e cedem a essas mudanças que vão da economia capitalista moderna em suas formas burguesas à ecologia pós-moderna em suas formas proletárias (passagens dos processos de cultivo manufaturado à industrialização).

*“Antigamente, os homens não possuíam fogo. Quando matavam um animal, cortavam a carne em tiras finas e as estendiam sobre pedras, para secá-las ao sol. Eles comiam também madeira podre.”*  
(Lévi-Strauss, 1991, p.72).

O ponto de toque entre literatura e nutrição está na possibilidade de ressignificação de seus objetos fazendo com que se tornem núcleos proliferadores de sentidos, ou seja, matérias que se dobram e desdobram, num entrecruzamento de várias possibilidades de leitura, inclusive as associações sensíveis (som, cor, gosto, visão). Isto forma o que Deleuze (1991) chama de “textura”, ou seja, a possibilidade do “uno no múltiplo” (o dentro e o fora, o alto e o baixo, etc...) . Assim, palavra e alimento se

interrelacionam em seus papéis antes delimitados nos discursos positivistas. Alimento é objeto físico, composto por nutrientes, e é palavra. E palavra é signo lingüístico e alimento. Numa perspectiva dialética, mais além, temos o alimento que exerce o papel de nutrir, ao mesmo tempo que se nutre. O mesmo ocorre com a palavra, com o texto, que nutre o leitor e se nutre de outras leituras e de si próprio. A nutrição como metáfora cultural tem um sentido incorporativo cujo limite entre cultura e natureza, ou primitivismo, seria a antropofagia, ponto de partida para a alimentação de um corpo cultural.

*“O saber científico é uma espécie de discurso.” (Lyotard, 1986, p.03).*

*“O saber científico não é todo o saber; ele sempre teve ligado a seu conceito, em competição com uma outra espécie de saber que, para simplificar, chamaremos de narrativo...” (Op.Cit., 1986, p.12).*

De acordo com Lyotard (1986), “as delimitações clássicas dos diversos campos científicos passam ao mesmo tempo por um questionamento : disciplinas desaparecem, invasões se produzem nas fronteiras das ciências, de onde nascem novos campos.” (Op.Cit., p.71) . A contemporaneidade, lugar de todos os tempos, possibilita uma multiplicidade de leituras e o encontro da literatura com outras disciplinas até então afastadas. Surge, então, a interdisciplinaridade como possibilidade de ressignificação dos textos e objetos de estudo, no caso a literatura e a nutrição .

A dialética permite pela possibilidade de ter-se objetos em antítese, formular-se síntese, e criar novo objeto, que se oporá a outro, assim sucessivamente. Na obra de Clarice Lispector, este processo se dá pela dobra da matéria, ou seja, recriando o texto

com a possibilidade de releitura do mesmo numa constante mobilização do signo relacionada ao sujeito em seus diversos contextos. Assim, temos a possibilidade da ressignificação em seu sentido de pós-modernidade (45), a articulação dialética dos tipos diferentes de transformação do alimento em palavra e da palavra em alimento, ou ainda fome de alimento, fome de palavra estabelecendo uma pulsão entre uma e outra.

Em “A Quinta História” (Lispector, 1992), as baratas são o pretexto de matar na clandestinidade assim como em “Felicidade Clandestina” (Lispector, 1991b) a promessa do livro era o pretexto clandestino para viver. A proliferação de baratas torna-se pois a proliferação de sentidos enquanto objetos a serem exterminados. A receita, da qual se constitui o texto, mantém sua eficácia, embora seja aplicada de forma diferente a cada história. E, numa série que se dobra, que se interpenetra na história anterior, continua o autor a contar suas histórias, apontando para o infinito.

Muitas formas precisam ser desdobradas neste processo de nutrição sem fim que a obra de Clarice Lispector proporciona, tais como : a estética do corpo numa sociedade capitalista, as múltiplas transformações do corpo pelo processo de modernização e industrialização, excesso e carência em relação ao apetite, voracidade e saciedade, hábitos alimentares e a cultura ocidental moderna, ou seja, as relações culturais que estão imbricadas nesta leitura entre literatura e nutrição. Esta é a possibilidade de futuro, vamos à refeição, numa nutrição sem fim...

---

(45) Devido a crise da noção de ordem no pós-modernismo se torna “impossível submeter todos os discursos ( ou jogos de linguagem ) à autoridade de um metadiscorso que se prende à síntese do significante, do significado e da própria significação, isto é, universal e consistente.” (BARBOSA, In: LYOTARD, 1986.).

Neste continuar vejo a necessidade de explorar a interdisciplinaridade, explorar as correspondências entre literatura e nutrição que frutificaram a partir do trabalho sobre a obra de Clarice Lispector. Já que a nutrição enquanto ciência não proporciona a visão da dimensão cultural que a envolve, pela abertura das passagens históricas dos processos pelos quais passam os alimentos abre-se o portal à esta dimensão. Se vivemos em uma economia capitalista, que canibaliza o mundo pela velocidade que imprime às mudanças, provocando uma focalização da matéria, ou seja, um apodrecimento dos frutos, transformando-os em arquivos de determinado tempo; por outro lado, o que se retoma pela obra de Clarice Lispector, complementa lacunas nos estudos de nutrição e auxiliam na compreensão do patrimônio cultural alimentar, assumindo a posição de desarquivamento, de releitura.

Como vimos com este trabalho, o corpo tem história e estas camadas históricas o formam e deformam em uma matéria que se dobra e desdobra pela literatura e nutrição. Desta maneira, as pontes que se estabelecem entre a nutrição de um corpo biológico, o trabalho de um corpo muscular na produção textual e o desejo experimentado anteriormente à concretização do saborear do alimento/texto pelo corpo erógeno apontam caminhos que levam aos aspectos culturais das duas áreas de estudo enfatizados por outros escritores.

Estes em sua maioria ensaístas, ao tratarem da matéria cultural sob o prisma da nutrição nos abrem um leque enorme de possibilidades de trabalho, isto porque sem a pretensão de serem “homens de letras” são, muitas vezes, mais poéticos que outros escritores de “obras literárias”. Escritores como Fernando Ortiz, Gilberto Freyre, Ítalo Calvino, Rosário Ferré em cuja matéria verbal se cruzam aspectos culturais, se utilizam da nutrição como metáfora para estudos que envolvem estes aspectos e que merecem



melhor exame, seja pelo sentido do alimento em si, ou por sua história, o que o faz enriquecer como palavra/texto e como nutriente/alimento . Há, ainda, outros escritores que tratam da nutrição inserida no literário, mas em tempos diferentes, em contextos históricos diversos, onde o olhar sobre o objeto literário também varia. É por Raul Pompéia, Pablo Neruda, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, entre outros, que podemos abordar a mudança de valor da arte, do valor aurático (Benjamin, 1991) tanto em relação ao aspecto histórico, como também geográfico e político, ou seja, a questão do declínio da arte e da ascensão da cultura.

Câmara Cascudo (1977) em seu estudos dos aspectos culturais, apesar de incluir aspectos históricos significativos perde a atualidade por ficar preso à detalhes triviais que envolvia a alimentação. Por outro lado, Brillat-Savarin (1995), introdutor da gastronomia moderna ,vai adiante no tempo quando coloca a comida ligada à cultura do ponto de vista gastronômico.

Por estas leituras que apontam a cultura podemos preencher as lacunas das disciplinas que encontrei no decorrer de meus estudos. Nestas lacunas, por onde transita a questão cultural aliada à nutrição e literatura, encontramos estudos teóricos de especialistas de diferentes áreas tratando destas matérias. Autores como Marvin Harris, Maggie Kilgour, Louis Marin, Gisèle Harrus-Révidi, entre outros, tratam da alimentação sob tons variados : antropologia, sociologia, psicanálise, etc... A economia simbólica, muito abordada por Pierre Bourdieu, aplica-se muito bem ao estudo dos alimentos, assim como da literatura, uma vez que vários alimentos encerram este aspecto simbólico na obra de Clarice Lispector como vimos neste trabalho. Desta maneira seria proveitoso olhar mais de perto este aspecto apontando para literatura e nutrição.

## Bibliografia :

- ABRAMOVAY, Ricardo. O que é fome ?. Coleção Primeiros Passos, São Paulo, Brasiliense, 1983.
- ACKERMAN, Diane. Uma História Natural dos Sentidos. 2a.edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.
- ANDRADE, Ana Luíza. "O Corpo-Texto Canibal em Clarice Lispector". In : Anuário de Literatura. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética, 2a.edição, HUCITEC, São Paulo, 1990.
- \_\_\_\_\_. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento - O contexto de François Rabelais. 3a edição, São Paulo, HUCITEC, 1996.
- BARTHES, Roland. Rumor da Língua. Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. "A arte na era de sua reprodutibilidade técnica." Trad. Sérgio Paulo Rouanet. In : Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I. 5a. edição, São Paulo, Brasiliense, 1993
- BOLTANSKI, Luc. As Classes Sociais e o Corpo. 2a.edição, Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- BONDER, Nilton. A Dieta do Rabino - A cabala da comida. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. "Sobre o Poder Simbólico". In : O Poder Simbólico. Lisboa, Difel, 1989
- BRI LLAT-SAVARIN. Fisiologia do Gosto. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Antologia da Alimentação no Brasil. Editora Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro, 1977.
- DELEUZE, Gilles. A Lógica do Sentido. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- \_\_\_\_\_. Logica del Sentido. México, Paidós, 1989.
- \_\_\_\_\_. A Dobra, Leibniz e o Barroco, São Paulo, Papirus, 1991.
- FOUCAULT, Michel. Trans. Donald Bouchard. "Theatrum Philosophicum". In : Language, Counter Memory Practice. Ithaca, New York : Cornell University Press, 1989.

- HARRIS, Marvin. Bueno para Comer. Madrid, Ediciones del Prado, 1994.
- HARRUS-RÉVIDI, Gisèle. Psychanalyse de la gourmandise. Paris, Payot, 1987.
- HELENA, Lúcia. “O Manifesto Antropófago : banquetes e banqueteados”. In : Uma Literatura Antropofágica. 2a. edição, Editora UFC, 1983.
- JAMENSON, Fredric. Pós-Modernismo : A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo, Ática, 1996.
- KRISTEVA, Júlia. “A Palavra, o Diálogo e o Romance”. In : Introdução à Semanálise. Série Debates, No.84, Editora Perspectiva, São Paulo, 1974.
- LAPLANCHE, Jean. Vocabulário de Psicanálise. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O Cru e o Cozido. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- LISPECTOR, Clarice. “A Arte de não ser voraz.”. In : Para Não Esquecer. São Paulo, Ática, 1978.
- \_\_\_\_\_. “A Ceia Divina”. In : Para Não Esquecer. Editora Ática, São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. “Preciosidade”. In : Para Não Esquecer. Editora Ática, São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. “A Geleia Viva”. In : Para Não Esquecer. Editora Ática, São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. “Boa notícia para uma criança”. In : Para Não Esquecer. Editora Ática, São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. Um Sopro de Vida. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1978a.
- LISPECTOR, Clarice. Água Viva. 4a. edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- \_\_\_\_\_. A Paixão Segundo G.H.. Edição crítica, coord. Benedito Nunes. Santa Catarina, UFSC, 1988.
- \_\_\_\_\_. “A Galinha”. In : Laços de Família. 24a edição, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1991.
- \_\_\_\_\_. “A Menor Mulher do Mundo”. In : Laços de Família. 24a edição, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1991.

LISPECTOR, Clarice . “Amor”. In : Laços de Família. 24a edição, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. “Feliz Aniversário”. In : Laços de Família. 24a. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

\_\_\_\_\_. “O Jantar”. In : Laços de Família. 24a. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

\_\_\_\_\_. “Devaneio e embriaguez de uma rapariga”. In : Laços de Família. 24a. edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.

\_\_\_\_\_. “Por Enquanto”. In : Via Crucis do Corpo. 4.edição, Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1991a.

\_\_\_\_\_. “Dia após dia”. In : Via Crucis do Corpo. 4.edição, Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1991a.

\_\_\_\_\_. “Come, meu filho”. In : Felicidade Clandestina. 7a.edição, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991b.

\_\_\_\_\_. “O Grande Passeio”. In : Felicidade Clandestina. 7a.edição, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991b.

\_\_\_\_\_. “Felicidade Clandestina”. In : Felicidade Clandestina. 7a.edição, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991b.

\_\_\_\_\_. “A Solução”. In : Legião Estrangeira. São Paulo, Siciliano, 1992.

\_\_\_\_\_. “O Ovo e a Galinha”. In : Legião Estrangeira. São Paulo, Siciliano, 1992.

\_\_\_\_\_. “A Quinta História”. In : Legião Estrangeira. São Paulo, Siciliano, 1992.

\_\_\_\_\_. “Viagem à Petrópolis”. In : A Legião Estrangeira. São Paulo, Siciliano, 1992.

\_\_\_\_\_. “A Repartição dos Pães”. In : A Legião Estrangeira. São Paulo, Siciliano, 1992.

\_\_\_\_\_. “A procura de uma dignidade”. In : Onde Estivestes de Noite. 6a. edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992a.

\_\_\_\_\_. A Maçã no Escuro. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1992b.

- \_\_\_\_\_. "Brain Storm". In : A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- LISPECTOR, Clarice . "Temas que Morrem", in A Descoberta do Mundo, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Trecho". In : A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Cinco Relatos de um Tema". In : A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Amor à Terra". In : A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Nossa Truculência". In : A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Uma história de tanto amor". In : A Descoberta do Mundo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994.
- LYOTARD, Jean François. O Pós-Moderno, 2a.edição, José Olímpio, Rio de Janeiro, 1986.
- ORTIZ, Fernando. Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azucar. Barcelona, Ariel, 1973.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Crítica e Intertextualidade". In : Texto, Crítica, Escritura. Ensaios No.45, São Paulo, Editora Ática, 1978.
- PETOT, Jean-Michel. In : Melanie Klein II. Psicanálise. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- QUEIROZ, Maria José de. A Comida e a Cozinha - Uma iniciação à Arte de Comer . Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.
- ROUANET, Sérgio Paulo. "Por que o moderno envelhece tão rápido ?" In : Revista da USP no. 15 / Set-Nov. São Paulo, 1992.
- SANTIAGO, Silviano. "Desconstrução e Descentramento". In : Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 32 : 76-97, Jan-Mar., 1973.
- SCHROEDER, Orlando Borges. O chá no Ocidente e no Oriente. Florianópolis, Editora da UFSC, 1995.
- SEVCENKO, Nicolai. "O Enigma Pós-Moderno". In : Pós-Modernidade. 4a. edição, Editora da UNICAMP, São Paulo, 1993.

WALDMAN, Berta. Clarice Lispector. A Paixão Segundo C.L. 2a. edição rev. e ampl.  
São Paulo, Escuta, 1992.

WITTE, Bernd. "Por que o moderno envelhece tão rápido ?" In : Revista da USP no. 15  
/ Set-Nov. São Paulo, 1992.